

TIAGO BORGMANN

**O ENSINO DO ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA A
PARTIR DA VISÃO DOS PROFESSORES: O CASO DO
GOALBALL E DO VOLEIBOL SENTADO**

**THE TEACHING PARALYMPIC SPORT AT SCHOOL FROM
TEACHERS' PERSPECTIVE: THE CASE OF GOALBALL AND
SITTING VOLLEYBALL**

Campinas, SP

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TIAGO BORGMANN

**O ENSINO DO ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA A
PARTIR DA VISÃO DOS PROFESSORES: O CASO DO
GOALBALL E DO VOLEIBOL SENTADO**

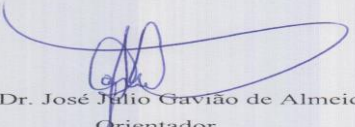
Orientador: Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

**THE TEACHING PARALYMPIC SPORT AT SCHOOL FROM
TEACHERS' PERSPECTIVE: THE CASE OF GOALBALL AND
SITTING VOLLEYBALL**

Dissertação de Mestrado apresentada a Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física, área de concentração Atividade Física Adaptada.

Dissertation presented to the PostGraduation Programme of the School of Physical Education of State University of Campinas to obtain the Master's degree in Physical Education.
Concentration area: Adapted Physical Activity.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA PELO ALUNO TIAGO BORGMANN, E ORIENTADO PELO PROF. DR. JOSÉ JÚLIO GAVIÃO DE ALMEIDA.



Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

Campinas, 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
DULCE INÊS LEOCÁDIO DOS SANTOS AUGUSTO – CRB8/4991 - BIBLIOTECA “PROF. ASDRUBAL
FERREIRA BATISTA”
FEF - UNICAMP

B644e Borgmann, Tiago, 1988-
O ensino do esporte paralímpico na escola a partir da visão dos professores: o caso do goalball e do voleibol sentado / Tiago Borgmann. --Campinas, SP: [s.n], 2013.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Educação Especial. 2. Educação Física. 3. Ensino. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The teaching paralympic sports at school from teachers' perspective: the case of goalball and sitting volleyball

Palavras-chave em inglês:

Special Education

Physical Education

Teaching

Área de Concentração: Atividade Física Adaptada

Titulação: Mestre em Educação Física.

Banca Examinadora:

José Júlio Gavião de Almeida [Orientador]

José Irineu Gorla

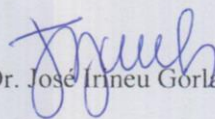
Renato Francisco Rodrigues Marques

Data da defesa: 31-01-2013

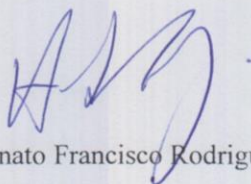
Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida
Orientador



Prof. Dr. José Irineu Gorla



Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

DEDICATÓRIA

*“A vida me ensinou a nunca desistir
nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir.*

*Podem me tirar tudo que tenho
só não podem me tirar as coisas boas
que eu já fiz pra quem eu amo.*

*E eu sou feliz e canto
e o universo é uma canção
e eu vou que vou.”.*

(Dias de luta, dias de glória – Charlie Brown Jr.)

AGRADECIMENTOS

De forma sucinta, agradeço àqueles que realmente fizeram parte de minha trajetória e me ajudaram a conquistar muitas coisas durante o período de elaboração da dissertação e de minha vinda a Campinas. Por isso, agradeço principalmente a Deus e minha família, meus pais Jorge Luiz e Maria Lizete, minha avó Irma, meu irmão Tobias, e demais familiares, por sempre estarem ao meu lado e me apoiaram em minhas decisões.

Aos professores e a Unicamp, em especial aos Profs. Drs. Gavião, Edison e Gorla, pelo apoio e exemplo diário.

A banca de qualificação e defesa, Prof.^a Dr.^a Mey van Munster, Prof. Dr. Gorla, Prof. Dr. Edison Duarte, Prof. Dr. Renato Marques e Prof. Márcio Morato, pelas contribuições com o trabalho.

Ao Prof. Dr. Décio Calegari e a ABRHACAR, pela oportunidade e confiança.

A Simone, Frigo e Dora pela atenção em todos os momentos de dúvidas.

Ao CNPq pelo auxílio no período de elaboração da dissertação.

Ao LAMA e a todos os integrantes, principalmente aos amigos Pena, Rafa, Pri e Andreia.

A Prefeitura de Vinhedo, Secretaria Municipal de Educação, Prof.^a Marisa Durante e demais professores de Educação Física que tornaram essa dissertação possível.

A Adeacamp e seus atletas de HCR, Rúgbi, Bocha e Voleibol Sentado pelo exemplo e amizade conquistados no período envolvido.

A AAAAFB, as equipes de Handebol, Voleibol e Basquete, e seus atletas pela amizade e confiança.

Aos meus amigos do Inferno: Brunão, Kel, Ed, Resende, Jota, Vitão e André; e as vizinhas da Rep Delas: Lara, Lu, Chan, Fran e Jacque.

A FEF e demais amigos que conquistei no período do mestrado.

E a todos os demais que sempre me apoiaram, direta ou indiretamente, na realização desta dissertação.

Muito obrigado!!!

BORGMANN, Tiago. **O ensino do esporte paralímpico na escola a partir da visão dos professores: o caso do goalball e do voleibol sentado.** 2013. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

RESUMO

O esporte paralímpico é um fenômeno mundial que está presente em todos os âmbitos da sociedade, principalmente devido ao sucesso dos Jogos Paralímpicos, maior evento mundial para pessoas com deficiência, e ao gradativo crescimento e desenvolvimento desse movimento, com ascensão também no cenário escolar. O Comitê Paralímpico Internacional incentiva atividades educacionais, científicas e culturais que desenvolvam o respeito, a conscientização e a compreensão com as pessoas com deficiência em todo o mundo, criando o termo guarda-chuva Educação Paralímpica, o qual abrange todas as atividades educacionais relacionadas ao tema, tendo como principal meio de divulgação o Dia Paralímpico Escolar. No Brasil, a inserção de modalidades paralímpicas nas aulas da Educação Física para alunos com e sem deficiência ainda é recente no cenário acadêmico, apesar da existência prática em algumas escolas. Desta forma, este estudo teve por objetivo investigar o ensino do Goalball e do Voleibol Sentado nas aulas de Educação Física através do relato dos professores. Foi realizada uma busca bibliográfica para encontrar iniciativas relacionadas à Educação Paralímpica e o ensino dos esportes adaptados na escola, com abrangência internacional. Também, foram entrevistados oito professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP, que desenvolveram uma ou as duas modalidades e/ou atividades relacionadas nas aulas do Ensino Fundamental. A análise das entrevistas foi feita através de análise conteúdo, percebendo a possibilidade de realização da Educação Paralímpica e inserção desses dois esportes nas escolas, atingindo os objetivos propostos no estudo. Assim, a presença do esporte paralímpico na escola tem potencial de exploração e expansão, buscando uma identidade própria frente as diversas possibilidades de contextualização nas aulas de Educação Física.

Palavras-Chaves: Educação Especial; Educação Física; Ensino.

BORGMANN, Tiago. **The teaching paralympic sport at school from teachers' perspective: the case of goalball and sitting volleyball.** 2013. 133f. Dissertation (Master's Degree in Physical Education)-School of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2013.

ABSTRACT

The paralympic sport is a worldwide phenomenon that is present in all spheres of society, mainly due to the success of the Paralympic Games, the largest global event for people with disabilities, and the gradual growth and development of this movement, with the rise also in a school setting. The International Paralympic Committee encourages educational, scientific and cultural development, respect, understanding and awareness about people with disabilities around the world, creating the umbrella term Paralympic Education, which covers all educational activities related to the theme, its main means of disseminating the Paralympic School Day. In Brazil, the inclusion of modalities Paralympic classes of physical education for students with and without disabilities is still new in the academic setting, despite the existence practice in some schools. Therefore, this study aimed to investigate the teaching of Goalball and Sitting Volleyball in Physical Education classes through the report of teachers. We performed a literature search to find Paralympic initiatives related to education and teaching of adapted sports in school, with international scope. Also, we interviewed eight teachers of Physical Education in the municipal Vinhedo/SP, who developed one or both modalities and/or related activities in classrooms of elementary school. The data analysis was done using content analysis and can realize the possibility of realization of Education and Paralympic inclusion of these two sports in schools, , achieving the objectives proposed in the study. Thus, the presence of Paralympic sport in school has the potential of exploration and expansion, seeking their own identity against the various possibilities of contextualization in Physical Education classes.

Key-Words: Special Education; Physical Education; Teaching.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Valores estabelecidos para o Dia Paralímpico Escolar.	35
Tabela 02 – Atividades sugeridas para cada valor do Dia Escolar Paralímpico.	36
Tabela 03 – Exemplo de programação para o Dia Paralímpico Escolar.	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Caracterização dos professores que trabalharam com esporte paralímpico na escola.	27
Quadro 02 – Estudos realizados sobre esporte paralímpico na escola (parte 1).	40
Quadro 03 – Estudos realizados sobre esporte paralímpico na escola (parte 2).	42
Quadro 04 – Caracterização dos professores que trabalharam com Goalball na escola.	48
Quadro 05 – Opinião dos professores de Educação Física sobre a experiência e formas de ensino do esporte paralímpico na escola.	51
Quadro 06 – Organização, estratégias e materiais utilizados pelos professores de Educação Física no ensino do Goalball na escola.	51
Quadro 07 – Facilidades e dificuldades encontradas no ensino do Goalball na escola	52
Quadro 08 – Recepção dos alunos ao esporte paralímpico e ao Goalball.	53
Quadro 09 – Caracterização dos professores que trabalharam com Voleibol Sentado na escola	58
Quadro 10 – Opinião dos professores de Educação Física sobre a experiência do esporte paralímpico na escola e formas de inserção	61
Quadro 11 – Organização, estratégias e materiais utilizados pelos professores de Educação Física no ensino do Voleibol Sentado na escola	62
Quadro 12 – Facilidades e dificuldades encontradas no ensino do Voleibol Sentado na escola	63
Quadro 13 – Recepção dos alunos ao Esporte Paralímpico e ao Voleibol Sentado	64

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mascote do Dia Paralímpico Escolar, *Spirit the Bird*.

38

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAIPE-CZ	<i>Children's Attitudes toward Integrated in Physical Education – Czech version</i>
CAIPE-R	<i>Children's Attitudes toward Integrated in Physical Education – Revised</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
DPE	Dia Paralímpico Escolar
FCM	Faculdade de Ciências Médicas
IPC	Comitê Paralímpico Internacional
NAEEFA	Núcleo de Apoio e Estudos da Educação Física Adaptada
PSD	<i>Paralympic School Day</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
WOVD	<i>World Organization Volleyball for Disabled</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
Justificativa	25
Objetivos	26
Caracterização do Estudo	26
Sujeitos	27
Instrumentos	28
Procedimentos Metodológicos	28
Projeto Piloto	29
Análise de Dados	30
Aspectos Éticos	30
Plano de Redação	30
CAPÍTULO/ARTIGO 01 – ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA: REVISÃO	
BIBLIOGRÁFICA	32
1.1 Introdução	32
1.2 Educação Paralímpica	33
<i>1.2.1 Dia Paralímpico Escolar</i>	<i>34</i>
1.3 Esporte Paralímpico na Escola	38
1.4 Estudos Realizados e Resultados Apresentados	40
1.5 Discussão	43
1.6 Conclusão	45
CAPÍTULO/ARTIGO 02 – O ENSINO DO GOALBALL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO	
FÍSICA	47
2.1 Introdução	47
2.2 Metodologia	47
2.3 Resultados	49
<i>2.3.1 Conhecimento e Formação em Esporte Paralímpico</i>	<i>50</i>
<i>2.3.2 Ensino do Goalball na Escola</i>	<i>50</i>
<i>2.3.3 Percepção dos Alunos sobre o Goalball</i>	<i>53</i>

2.4 Discussão	53
2.5 Conclusão	55
CAPÍTULO/ARTIGO 03 – O ENSINO DO VOLEIBOL SENTADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	57
3.1 Introdução	57
3.2 Metodologia	57
3.3 Resultados	59
3.3.1 <i>Conhecimento e Formação em Esporte Paralímpico</i>	60
3.3.2 <i>Ensino do Voleibol Sentado na Escola</i>	61
3.3.3 <i>Percepção dos Alunos sobre o Voleibol Sentado</i>	64
3.4 Discussão	65
3.5 Conclusão	66
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	77
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Professores	79
APÊNDICE B: Roteiro para Entrevista com Professores	81
APÊNDICE C: Carta de Apresentação às Escolas	83
APÊNDICE D: Entrevista com Professor 01	85
APÊNDICE E: Entrevista com Professor 02	93
APÊNDICE F: Entrevista com Professor 03	99
APÊNDICE G: Entrevista com Professor 04	105
APÊNDICE H: Entrevista com Professor 05	113
APÊNDICE I: Entrevista com Professor 06	119
APÊNDICE J: Entrevista com Professor 07	121
APÊNDICE K: Entrevista com Professor 08	123
ANEXOS	125
ANEXO 01: Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	127
ANEXO 02: Desenhos dos alunos do professor 03 sobre a aula de Voleibol Sentado	129
ANEXO 03: Fotos das atividades desenvolvidas pelo professor 07	131

INTRODUÇÃO

A Atividade Física Adaptada sempre me acompanhou em minha formação acadêmica, desde o segundo semestre de minha graduação em licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria/RS, participando de projetos de extensão e pesquisas junto ao Núcleo de Apoio e Estudos da Educação Física Adaptada (NAEEFA).

Ao ingressar no mestrado, nesta mesma área, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2011, continuei com contato com o esporte adaptado¹ e as pessoas com deficiência através das equipes de voleibol sentado, e rúgbi e handebol em cadeira de rodas. Porém, sempre tive muito apreço pela área escolar, a qual nunca foi esquecida.

Desta forma, procurando unir o esporte paralímpico² e a escola, desenvolveu-se a intenção de investigar como seria o ensino de modalidades esportivas para pessoas com deficiência visual e física, respectivamente o Goalball e o Voleibol Sentado, dentro do âmbito escolar para, inclusive e essencialmente, crianças sem deficiência, tendo em vista a possibilidade cada vez mais presente e crescente na sociedade.

Justificativa

O fenômeno esportivo está presente culturalmente na sociedade atual, manifestando-se de diversas maneiras, principalmente na escola. Porém, a inserção do esporte paralímpico no contexto escolar, voltado para alunos sem deficiência, ainda se constitui um assunto recente nos cenários nacionais e internacionais, principalmente quando diz respeito ao ensino dessas modalidades.

A presença de um novo tema para as aulas de Educação Física ou para o currículo escolar, permite ao professor buscar outros conhecimentos, como o esporte paralímpico,

¹ No decorrer deste trabalho, entendeu-se o esporte adaptado como prática esportiva para pessoas com deficiência, visando em sua grande maioria a inclusão e melhora das funções motoras desta população, a partir de modalidades já existentes (WINCKLER; COSTA, 2012).

² O esporte paralímpico foi entendido com ambiente restrito às modalidades participantes do programa paralímpico, com critérios de classificação e elegibilidade, porém ligado ao Comitê Paralímpico Internacional, órgão gerenciador dessas modalidades, o qual também desenvolve iniciativas educacionais como a Educação Paralímpica, incentivando a criação de valores dentro do Movimento Paralímpico (WINCKLER; COSTA, 2012).

acrescentando outras informações às suas aulas, e permitindo aos alunos a aprendizagem de valores, como o respeito pelas diferenças.

O Comitê Paralímpico Internacional incentiva atividades educativas, visando o desenvolvimento de atitudes positivas frente às pessoas com deficiência em crianças e jovens dentro das atividades das aulas de Educação Física escolar, tendo em vista a presença crescente dessa população nas escolas e na sociedade.

Desta forma, procura encontrar quais as melhores maneiras de atingir esses objetivos nas aulas de Educação Física, podendo ser através de eventos, como o Dia Paralímpico Escolar, ou ensino de modalidades esportivas, como o Goalball e o Voleibol Sentado, como conteúdo curricular.

Objetivos

Frente ao contexto apresentado, este estudo possui como objetivo geral investigar as formas de ensino do Goalball e do Voleibol Sentado nas aulas de Educação Física através do relato dos professores. Para atingir substancialmente a proposta deste estudo, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: a) investigar na literatura as iniciativas existentes sobre a presença do esporte paralímpico na escola; b) analisar o ensino do Goalball na escola, na visão dos professores de Educação Física; c) analisar o ensino do Voleibol Sentado na escola, na visão dos professores de Educação Física.

Caracterização do Estudo

Almejando os objetivos propostos ao estudo, a metodologia dessa investigação exigiu absorver as informações orais e bibliográficas, de forma contextualizada, visando observar, compreender e dar significado para o fenômeno estudado, caracterizando-a como pesquisa qualitativa (THOMAS; NELSON, 2002).

Nesse sentido, esta pesquisa possui caráter exploratório, já que busca desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o fenômeno, e/ou modificar e clarificar conceitos sobre o ensino do esporte paralímpico na escola, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas como problema

pesquisado e análise dos exemplos que estimulem a compreensão do mesmo (LAKATOS; MARCONI, 1991; GIL, 2002).

Assim, utilizou-se de duas estratégias de pesquisa: a pesquisa bibliográfica, abrangendo toda a literatura, a partir do material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos (LAKATOS; MARCONI, 1991; GIL, 2002); e entrevista pessoal, a qual permite determinar opiniões da população específica, obtendo informações a respeito de determinado assunto, mediante natureza de conversação profissional (LAKATOS; MARCONI, 1991; THOMAS; NELSON, 2002).

Sujeitos

Para efetivação da pesquisa, torna-se necessário selecionar os participantes, tendo em vista que o estudo tem por objetivo divulgar os resultados obtidos para a população da qual os sujeitos pesquisados constituem a amostra (GIL, 2002).

Desta forma, participaram das entrevistas deste estudo oito professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Vinhedo/SP que desenvolveram aulas sobre Goalball e/ou Voleibol Sentado nas séries iniciais e/ou finais do Ensino Fundamental, de março a setembro de 2012, e que consentiram com a realização da mesma, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Esse critério de seleção foi adotado propositalmente, a fim de obter os sujeitos que pudessem contribuir o máximo com o estudo, e dentro do período estipulado para conclusão da investigação (THOMAS; NELSON, 2002).

Abaixo, segue um quadro com a descrição dos sujeitos entrevistados:

Quadro 01 – Caracterização dos professores que trabalharam com esporte paralímpico na escola.

Professor	Ano de Graduação	Formação Complementar	Experiência em Educação Física Escolar	Alunos Participantes
01	2005	Bacharelado em Lazer; Mestrado em Qualidade de Vida	Dois anos	350 alunos de 6º e 7º anos
02	2006	Especialização em Ciência do Treinamento Desportivo	Três meses	180 alunos de 7º e 8º anos
03	2001	Mestrado em Educação (em curso)	Nove anos	180 alunos de 4º e 5º anos
04	2006	Especialização em Educação Física Escolar	Seis anos	230 alunos de 6º e 7º anos
05	1997	Especialização em Educação Física Escolar e	15 anos	160 alunos de 1º ao 4º anos

Psicopedagogia Institucional				
06	2007	Aperfeiçoamento em Atividade Física para pessoas com deficiência; Curso de Libras	Um ano	60 alunos de 7º ano
07	1993	Curso de extensão em Qualidade de Vida; Aperfeiçoamento em Atividade Física para pessoas com deficiência (em curso);	19 anos	250 alunos de 1º ao 5º anos
08	1989	Especialização em Fisiologia do Exercício	Um ano	300 alunos de 1º ao 4º anos

Instrumentos

Para alcançar os objetivos relacionados ao ensino do esporte paralímpico na escola, utilizou-se da entrevista com os professores de Educação Física, a fim de obter a informação necessária do sujeito da pesquisa, de forma não estruturada, com roteiro pré-estabelecido (Apêndice B), permitindo liberdade para desenvolver cada situação (LAKATOS; MARCONI, 1991).

Procedimentos Metodológicos

Para a realização do estudo, buscou-se inicialmente abranger número considerável de escolas, alunos e professores de uma rede educacional pública e organizada, que oportunizasse espaço para ensino de novos conhecimentos nas aulas de Educação Física. Para atingir esse intuito, entrou-se em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Vinhedo/SP, a qual permitiu a realização do estudo no município, assim como o aval da coordenadora municipal da área de Educação Física.

Em seguida, agendou-se a participação do pesquisador na reunião mensal com todos os 28 professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP, realizada pela manhã e a tarde, permitindo a participação de todos os docentes, sobre Paralimpíadas, esporte paralímpico e a presença deste no contexto escolar, assim como apresentação da proposta de pesquisa.

A partir deste momento, durante o ensino do esporte paralímpico na escola, iniciou o acompanhamento, com a intenção de auxiliar os professores na prática pedagógica sobre o assunto, com orientações e sugestões, sem interromper o cronograma e planejamento docente,

permitindo-lhes escolha de temas, conteúdos a serem adotados, como o Goalball e o Voleibol Sentado, e momento oportuno de realização ou não das atividades. Foram entregues individualmente aos 28 professores materiais didáticos, como livros, manuais e vídeos, organizados num DVD, e aos que demonstraram interesse no ensino do esporte paralímpico, foram emprestados materiais práticos, como bolas com guizo, cedidas mediante agendamento prévio.

O acompanhamento durou seis meses, de março a setembro de 2012, com presença do pesquisador em mais três reuniões mensais durante o período, para agendamento das entrevistas e orientações sobre o assunto. Os contatos entre pesquisador e professores eram mantidos por meio eletrônico ou telefônico. Encerrou-se essa etapa com a realização das entrevistas dos professores que realizaram as atividades no período determinado.

As entrevistas foram realizadas nas escolas de cada professor, mediante entrega da carta de apresentação do pesquisador a escola (Apêndice C), em horário livre do entrevistado, previamente agendado entre ambas as partes, sendo realizadas em local silencioso, sem interferência próxima de barulhos ou distrações. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas (Apêndices D a L).

Projeto Piloto

Com o intuito de pré-testar o instrumento antes da utilização para desenvolvimento dos procedimentos de aplicação, testagem do vocabulário empregado, assegurando que as observações possibilitem medir as variáveis pretendidas (GIL, 2002), foi realizado um projeto piloto.

Uma professora de Educação Física, que trabalhou com Goalball e Voleibol Sentado na escola, foi entrevistada antes da aplicação do instrumento com os sujeitos da pesquisa, colaborando nos ajustes de coesão e coerência no roteiro da entrevista, a fim de atingir os objetivos almejados para o estudo.

Análise de Dados

Os dados provenientes das entrevistas foram analisados mediante técnica de análise de conteúdo, identificando relações lógicas entre os itens, visando obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dessas mensagens (BARDIN, 2011).

O processo de análise dos dados seguiu as etapas de redução, com simplificação e seleção de dados significativos; categorização, com a organização dos dados para tomar decisões e obter conclusões; e interpretação, ultrapassando os dados, tentando possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito (GIL, 2002).

Aspectos Éticos

Este estudo foi desenvolvido conforme o que preconiza a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e esteve dentro dos princípios éticos, que garantem o respeito, a integridade física e emocional, a justiça, a privacidade, o sigilo, a autonomia, o bem-estar de todos os participantes, tendo aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (CEP/FCM/Unicamp), sob o protocolo 910/2011, CAAE 0815.0.146.000-11 (Anexo 01).

Plano de Redação

Esta dissertação foi configurada em artigo/capítulos, cujo conjunto possibilita a visualização do presente estudo, com seus detalhes explícitos no decorrer de cada capítulo/artigo, tendo a seguinte composição:

- Introdução (esta que se segue), iniciando os caminhos da dissertação;
- Três capítulos/artigos, sendo um deles a revisão bibliográfica sobre o esporte paralímpico na escola, e dois artigos originais sobre o ensino do Goalball e do Voleibol Sentado na escola;
- Conclusão, fechando as ideias discutidas nos capítulos/artigos.

O primeiro capítulo/artigo objetivou reunir as iniciativas nacionais e internacionais realizadas sobre esporte paralímpico no contexto escolar publicadas no meio acadêmico, através de pesquisa bibliográfica, apresentando os conceitos relacionados a Educação Paralímpica, sua aproximação com a escola, e diferentes intervenções realizadas.

Já os capítulos/artigos seguintes trouxeram os resultados das entrevistas realizadas com os professores de Educação Física sobre as aulas de esporte paralímpico na escola, dividindo os dados obtidos sobre o ensino do Goalball e Voleibol Sentado em capítulos/artigos distintos.

Por fim, concluem-se as ideias desenvolvidas nos capítulos/artigos anteriores, relacionadas ao ensino do esporte paralímpico na escola, a partir da visão dos professores de Educação Física, correlacionando e unindo-as com as perspectivas do autor.

CAPÍTULO/ARTIGO 01 – ESPORTE PARALÍMPICO NA ESCOLA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Introdução

O esporte paralímpico, principal meio de divulgação do esporte adaptado através das Paralimpíadas, maior evento em nível mundial voltado para pessoas com deficiência, está presente na sociedade contemporânea em diversos ambientes (MARQUES et al., 2009), assim como *Special Olympics*³, *Deaflympics*⁴ e modalidades esportivas adaptadas.

Devido ao sucesso dos Jogos Paralímpicos e o crescimento e desenvolvimento desse movimento criou-se a necessidade de uma disciplina de ensino: Educação Paralímpica (IPC, 2006), termo guarda-chuva para todas as atividades educacionais relacionadas ao movimento (KUDLACEK; JESINA; JANECKA, 2009).

O Comitê Paralímpico Internacional (IPC) incentiva atividades educacionais, científicas, culturais e pesquisas que contribuam para o desenvolvimento dos valores do movimento paralímpico, como o programa *Paralympic School Day (PSD)* – Dia Paralímpico Escolar (DPE) –, tendo como objetivo a criação de consciência e compreensão a respeito das pessoas com deficiência em crianças do ensino fundamental de todo o mundo (IPC, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008).

Esse programa foi implementado em alguns países europeus desde 2003 (SCHELL, 2006), estruturado nos valores de respeito pela realização esportiva; respeito e aceitação das diferenças individuais; esporte como direito humano; e capacitação e apoio social no esporte (IPC, 2006; PANAGIOTOU; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008).

³ Evento esportivo mundial voltado somente para pessoas com deficiência intelectual, realizado em período diferente ao dos Jogos Paralímpicos ou Olímpicos, com edições de verão e inverno. Possui objetivos, missão e visão próprios, e atletas competindo em divisões equitativas em cada modalidade, de acordo com o nível de habilidade individual, permitindo a todos a chance de ganhar (BRITAIN, 2010).

⁴ Jogos mundiais para pessoas com deficiência auditiva, com edições de verão e inverno (DEPAUW; GAVRON, 2005). As modalidades disputadas são idênticas às competições convencionais, porém com os comandos sonoros substituídos por visuais (CRAFT; LIEBERMAN, 2004).

Desta forma, este capítulo/artigo teve como objetivo encontrar as iniciativas nacionais e internacionais relacionadas à Educação Paralímpica, presença e ensino do esporte paralímpico no ambiente escolar, através de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

1.2 Educação Paralímpica

O recente termo Educação Paralímpica trouxe a premissa de integrar os ideais paralímpicos num sistema educacional formal, atuando como método pedagógico para desenvolver atitude positiva frente às pessoas com deficiência em crianças e jovens dentro das atividades das aulas de Educação Física escolar, enfatizando a importância do respeito pelas diferenças individuais (IPC, 2006).

Assim, a Educação Paralímpica tem os seguintes objetivos: criar compreensão e desenvolver atitude positiva em relação às pessoas com deficiência; ajudar os jovens a compreender o direito ao desenvolvimento autônomo e igual participação; aumentar a conscientização sobre as ideias e valor educacional no Movimento Paralímpico; e apoiar e criar programas de educação e recursos em vários idiomas e formas de comunicação (IPC, 2006).

O primeiro material relacionado à Educação Paralímpica foi *The Paralympics: An overview of the Paralympic Games and people who participate*, elaborado pelo Comitê Organizador dos Jogos de Atlanta 1996. O objetivo principal era criar uma consciência geral sobre pessoas com deficiência, destacando semelhanças, diferenças, incentivando estas pessoas a perceber o esporte como uma opção de lazer e de realização pessoal, e estimular o interesse pela atividade física como uma opção de vida para uma melhor saúde (IPC, 2006).

Devido ao sucesso, para os jogos de Sydney 2000 foi preparado outro material *Set no Limits*, com o principal objetivo criar consciência e compreensão dos atletas com deficiência e gerar compromisso dos jovens australianos com os Jogos Paralímpicos, assim como para os jogos de inverno em Salt Lake City 2002 e Turim 2006, intitulados *REACH* e *Kids Village*, respectivamente. Para os jogos na cidade estadunidense, o comitê organizador previu atividades e programas que proporcionassem oportunidades de aprendizagem para alunos e professores do estado de Utah. Já para a cidade italiana, o programa de Educação Paralímpica demonstrou grande sucesso antes e após na promoção dos valores paralímpicos na região onde os Jogos foram realizados (IPC, 2006).

Os jogos Paralímpicos de Atenas 2004 marcaram a primeira colaboração ativa do IPC na organização do programa *The Paralympic Games from 1960 to 2004*. O material tinha por objetivo ensinar a Educação Paralímpica para alunos do primário e secundário, educando-os para uma sociedade melhor (EVAGGELINOU, 2006; IPC, 2006; SCHELL, 2006; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009).

A Grécia foi o primeiro país a não somente desenvolver um material educacional para os Jogos, mas também introduzir no currículo escolar de todas as escolas, entre 2002 e 2003, uma hora extra de Educação Física chamada Educação Olímpica e Paralímpica. O programa tinha intenção de promover os valores Olímpicos e Paralímpicos e atitudes positivas em alunos sem deficiência e professores de Educação Física frente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas (DOULKERIDOU; EVAGGELINOU; KUDLACEK, 2006; 2010; EVAGGELINOU, 2006).

O programa foi aplicado em 7.400 escolas no país, 1.000 no Chipre e 2.000 pelo mundo. Para a realização do programa, mais de dois mil professores de Educação Física foram contratados para ensinar alunos do ensino fundamental e médio (EVAGGELINOU, 2006).

Dentro do programa educacional do Comitê Paralímpico do Reino Unido *Ability vs. Ability* foi lançado o material *Get Set* para os jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres 2012 (MANSELL, 2010). Através de seus comitês paralímpicos nacionais, outros países lançaram seus programas de Educação Paralímpica, caso do Canadá com *Petro-Canada Paralympic School Programme*, Austrália com *Telstra Paralympic Education Programme*, e Bélgica com *School Project* (IPC, 2011a).

Com essas iniciativas mundiais, o principal meio de divulgação da Educação Paralímpica tem sido o Dia Paralímpico Escolar (DPE), uma das primeiras atividades educacionais não relacionadas aos Jogos Paralímpicos organizadas pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC, 2006).

1.2.1 Dia Paralímpico Escolar

Iniciado no final de 2003, a partir do interesse do Comitê de Ciência do Esporte do IPC na introdução do Movimento Paralímpico nas escolas, o Dia Paralímpico Escolar (DPE) expandiu-se no ano seguinte após parceria com o Comitê Paralímpico Europeu e iniciação do

projeto piloto de dois anos em seis países europeus (Alemanha, Bélgica, Grécia, Letônia, República Tcheca e Suécia) (SCHELL, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008).

O DPE consiste em, através de um evento organizado dentro da escola, criar consciência e entendimento sobre as pessoas com deficiência e esporte, de maneira criativa, dinâmica, divertida e flexível, de forma que este conceito se desenvolveu e espalhou-se em diversas escolas pelo mundo (IPC, 2006; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009).

A partir da visão e a missão do IPC, foram estabelecidos os seguintes valores para o Dia Paralímpico Escolar:

Tabela 01 – Valores estabelecidos para o Dia Paralímpico Escolar.

1 Respeito pela realização esportiva.	
1.1	Conhecer os diferentes esportes e adaptações.
1.2	Adquirir conhecimento sobre classificação esportiva e deficiência.
1.3	Experimentar encontro atletas com deficiência de elite.
2 Respeito e aceitação das diferenças individuais.	
2.1	Tornar-se consciente das diferenças individuais.
2.2	Ganhar conhecimento sobre as pessoas com deficiência.
2.3	Experimentar ser diferente.
3 Esporte como um direito humano.	
3.1	Tornar-se ciente do fato que as pessoas com deficiência têm o direito de participar do esporte.
3.2	Ganhar conhecimento sobre maneiras de praticar a Educação Física Inclusiva.
3.3	Obter experiência sobre acessibilidade e inacessibilidade.
3.4	Experimentar uma atitude positiva em relação a participação de pessoas com deficiência no esporte.
4 Capacitação e apoio social no esporte.	
4.1	Experimentar o sucesso e o fracasso (e as emoções relacionadas).
4.2	Ganhar conhecimento para usar formas adequadas de reforço.
4.3	Experimentar histórias de atletas com deficiência.

Fonte: IPC. **Paralympic School Day** – Manual. 2006 (traduzido).

Para cada um desses valores, foram estabelecidas algumas cores: azul – respeito pela realização esportiva; verde – respeito e aceitação das diferenças individuais; vermelho – esporte como um direito humano; e amarelo – capacitação e apoio social no esporte. Além disso, grupos de atividades são sugeridos para implementação do DPE, divididos entre os valores estabelecidos, tendo para cada uma das atividades um cartão explicativo enumerado (IPC, 2006), conforme demonstrado no quadro abaixo:

Tabela 02 – Atividades sugeridas para cada valor do Dia Escolar Paralímpico.

N.º	Título e Atividade	Valores
01	Atletismo: Praticando habilidades do Atletismo (campo e pista).	Respeito pela realização esportiva.
02	Bocha: Praticando habilidades da Bocha.	
03	Goalball: Praticando habilidades do Goalball.	
04	Voleibol Sentado: Praticando habilidades do Voleibol Sentado.	
05	Basquete em Cadeira de Rodas: Praticando habilidades do Basquete em Cadeira de Rodas.	
06	Rúgbi em Cadeira de Rodas: Praticando habilidades do Rúgbi em Cadeira de Rodas.	
07	Esportes de Inverno: Sky Alpino, Sky Cross Country e Hóquei no Gelo.	
08	Um Conto de Fadas: Discussão em classe sobre inclusão.	Respeito e aceitação das diferenças individuais.
09	Visão: Simulando cegueira ou deficiência visual.	
10	Jogo da Foto: Experenciando similaridades e diferenças.	
11	Equipamento: Pista de obstáculos – como usar o equipamento adaptado.	
12	Acessibilidade: Descobrimos a acessibilidade da escola.	
13	Tênis de Mesa: Praticando habilidades do Tênis de Mesa.	Esporte como um direito humano.
14	Futebol: Praticando habilidades do Futebol adaptado.	
15	Dança: Praticando Dança inclusiva.	
16	Jogos Paralímpicos: Vídeo de apresentação e discussão sobre os Jogos Paralímpicos.	
17	Quiz: Adquirindo conhecimento sobre esportes e atletas paralímpicos.	
18	História de Atleta: Encontro com atleta com deficiência.	Capacitação e apoio social no esporte.
19	Classificação: Examinando a classificação funcional no esporte paralímpico.	
20	Arte: Refletindo através da arte.	

Fonte: IPC. *Paralympic School Day* – Manual. 2006 (traduzido).

O evento divide-se em três fases: anterior, a realização e posterior ao DPE. A primeira fase possui duas missões: fornecer informações básicas aos participantes e organizar a implementação do evento na escola. A segunda fase é a concretização das atividades do Dia Paralímpico Escolar. Já na terceira fase, dá-se continuidade ao processo educacional, expandindo o conhecimento e a experiência adquirida nas atividades (IPC, 2006).

No período que precede a realização do DPE, de no máximo dois meses, os professores de Educação Física devem preparar os alunos com informações corretas e realistas sobre as deficiências, ressaltando principalmente os direitos da população, sem enfoque médico. As atividades desenvolvidas devem ser de simulação e exemplos de como ser deficiente, valorizando as diferenças individuais, e em conjunto com o programa (IPC, 2006).

Além destes aspectos, nesta fase faz-se necessário organizar a implementação do evento, abrangendo avaliar as condições de realização do mesmo na escola (alunos, professores, “líderes”, voluntários, ambiente e materiais), e planejar as atividades a serem desenvolvidas, cerimonial de abertura e encerramento, seleção dos envolvidos e criação de grupos (IPC, 2006).

Após os preparativos concluídos, realiza-se o Dia Paralímpico Escolar propriamente dito, levando-se em consideração na programação o tempo de transição entre os locais e a organização dos mesmos para os grupos subsequentes (IPC, 2006), como mostra o exemplo no quadro abaixo.

Tabela 03 – Exemplo de programação para o Dia Paralímpico Escolar.

GRUPOS	1	2	3	4	5	6
CERIMÔNIA DA ABERTURA						
45 minutos	Atletismo		Bocha	Arte	Visão	Dança
45 minutos	Bocha	Visão	Atletismo	Arte	Visão	
45 minutos	Dança	Bocha	Visão	Dança	Atletismo	
INTERVALO						
45 minutos	Quiz		Arte	Visão	Dança	Bocha
45 minutos	Arte	Dança	Quiz	Bocha	Arte	
45 minutos	Visão	Arte	Dança	Bocha	Quiz	
CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO						

Fonte: IPC. *Paralympic School Day* – Manual. 2006 (traduzido).

Assim como para os Jogos Paralímpicos existem os mascotes, símbolo de boa sorte, refletindo a cultura ou natureza do país anfitrião, o programa possui o *Spirit the Bird*, representando o “Espírito em Movimento”, lema do Movimento Paralímpico, em referência ao espírito de superação dos próprios limites de cada atleta (IPC, 2006).

Figura 01 – Mascote do Dia Paralímpico Escolar, *Spirit the Bird*.



Fonte: IPC. Paralympic School Day. 2011b.

Apesar do DPE ser realizado em um dia, é benéfico a continuidade da experiência, através de acompanhamento, ampliando a vivência e o conhecimento adquirido para situações reais. Deve-se levar em consideração a idade dos alunos, o ambiente e a cooperação dos professores, a fim de expandir o impacto do DPE, através de pesquisas e reflexões sobre o tema, levando em consideração os valores desenvolvidos (IPC, 2006).

1.3 Esporte Paralímpico na Escola

O esporte paralímpico foi desenvolvido nas escolas em alguns países. Uma das primeiras iniciativas foi realizada em Atlanta, nos Estados Unidos, com duração de três anos, em virtude da realização dos Jogos Paralímpicos de 1996. Alunos com deficiência visual e física participaram das atividades juntamente com seus pares sem deficiência. As atividades, que consistiam em visualização de vídeos, participação em esportes paralímpicos e interação com mentores, eram regularmente programadas nas aulas de Educação Física, com duração de 45 a 55 minutos, com participação de todos os alunos da turma (WILHITE et al., 1997).

Através de outros estudos, percebeu-se a presença do esporte paralímpico nas escolas, principalmente no formato do DPE, de acordo com o manual proposto pelo IPC (2006), em parceria com as Universidades locais. Estes eventos foram organizados nas seguintes estruturas: dez estações de 15 minutos cada (PANAGIOTOU; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008, 2009), seis estações de 40 minutos (VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009), quatro estações principais com duas atividades cada (JESINA et al., 2006), três estações

de 45 minutos cada (LIU; KUDLACEK; JESINA, 2010), e estações de 30 minutos (VIDAL et al., 2011).

Segundo IPC (2006), durante a criação do kit do DPE e 35 implementações em seis países europeus diferentes, detectou-se que o tempo por atividade variou significativamente de 15 minutos a duas horas, porém, independentemente do tempo destinado para as atividades, deve-se considerar um tempo para a reflexão. Desta forma, sugere-se que a duração ideal de cada atividade seja de 40 a 45 minutos, como apresentado anteriormente na tabela 03.

Atividades diferentes foram realizadas para cada estudo, porém estabelecidas pelo IPC (2006). Como exemplos, Panagiotou; Kudlacek; Evaggelinou (2006) e Panagiotou et al. (2008) incluíram no programa dez atividades de intervenção: Direitos Humanos, Jogos Paralímpicos, Acessibilidade, Classificação, Voleibol Sentado, Goalball, Bocha Paralímpica, Basquete em Cadeira de Rodas, Pintura e Atletismo. Já Xafopoulos; Kudlacek; Evaggelinou (2009) dividiram os participantes em seis grupos, os quais passavam pelas estações das seguintes atividades: Esportes Paralímpicos, Hóquei no Gelo, Mobilidade em Cadeira de Rodas, Basquete em Cadeira de Rodas, Encontro com atleta e Bocha.

Em outros estudos, o esporte paralímpico foi inserido na escola através de atividades práticas, dentro das aulas de Educação Física. No Brasil, em Campinas/SP, proporcionou-se a vivência de Goalball e Voleibol Sentado para crianças de 4ª série durante dois bimestres (SALERNO; ARAÚJO, 2008), e em Santa Maria/RS, em 14 aulas foi oportunizada a vivência do Atletismo para deficientes visuais, Basquetebol em Cadeira de Rodas, Goalball e Voleibol Sentado para crianças da 3ª série (LEHNHARD; PALMA, 2011).

Também no Brasil, Garcia (2009) desenvolveu atividades educativas de Goalball, Voleibol Sentado e Bocha Paralímpica com 61 alunos de duas turmas de 5ª série (6º ano) de uma escola estadual de São Carlos/SP. Na mesma cidade, com enfoque pedagógico no desenvolvimento do Voleibol Sentado, Miron (2011) desenvolveu com 120 alunos de duas turmas de 5ª série e uma de 6ª série, de uma escola estadual, em oito encontros com cada turma, um programa de jogos e atividades lúdicas sobre a modalidade.

1.4 Estudos Realizados e Resultados Apresentados

A presença do esporte paralímpico na escola esteve aliada às atividades práticas, permitindo a realização de estudos publicados em alguns países, como demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 02 – Estudos realizados sobre esporte paralímpico na escola (parte 1).

Autor(es)/Ano	Cidade/País	Objetivo(s)	Instrumento(s)	Sujeitos
Wilhite et al., 1997	Atlanta, Estados Unidos.	Avaliar o “Dia Paralímpico nas Escolas”.	Questionário específico	704 jovens (62 com e 642 sem deficiência), com idade entre 11 e 21 (14,2) anos.
Jesina et al., 2006	Olomouc, República Tcheca.	Avaliar o DPE na mudança de atitudes frente à inclusão de alunos com deficiência.	CAIPE-R e <i>Adjective Checklist</i>	48 crianças de 4ª e 5ª séries, 27 meninos e 21 meninas, com idade entre nove e 12, e média de 10,7 e 10,6 anos respectivamente.
Van Biesen; Busciglio; Vanlandewijck, 2006	Bélgica	Investigar a influência do DPE, gênero, exposição prévia e aspectos competitivos nas atitudes de estudantes sem deficiência frente à inclusão de alunos com deficiência.	CAIPE-R	196 estudantes, 100 meninos e 96 meninas, de três escolas primárias distintas, com idades entre oito e 13 anos.
Panagiotou; Kudlacek; Evaggelinou, 2006	Serres, Grécia.	Analisar os efeitos do DPE na mudança de atitudes das crianças frente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.	CAIPE-R	247 estudantes, 117 meninos e 130 meninas, de 5ª e 6ª séries de cinco escolas primárias urbanas, com idade entre 10 a 12 anos, sendo que 178 alunos (86 do grupo experimental e 92 do controle) eram de três escolas não inclusivas e 69 (32 do grupo experimental e 37 do controle) eram de duas escolas inclusivas.
Panagiotou et al., 2008	Serres, Grécia.	Examinar os efeitos do DPE nas atitudes e as diferenças entre	CAIPE-R	178 estudantes, 83 da 5ª série e 95 da 6ª série, sendo 86

		gêneros de estudantes sem deficiência de 5ª e 6ª séries frente à inclusão de crianças com deficiência nas aulas de Educação Física.		meninos e 92 meninas, com média de idade geral de $11,53 \pm 0,5$, $11,48 \pm 0,5$ para os meninos e $11,59 \pm 0,5$ anos para as meninas, sendo que 86 eram do grupo experimental e 92 do grupo controle.
Salerno; Araújo, 2008	Campinas, Brasil	Propor o ensino de esportes adaptado nas aulas de Educação Física.	Ficha de observação (diário de classe)	Alunos das turmas de 4ª série.
Panagiotou et al., 2009	Serres e Florina, Grécia.	Analisar o impacto do DPE nas atitudes de alunos de 5ª e 6ª séries frente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.	CAIPE-R	310 alunos, 148 da 5ª e 162 da 6ª série, sendo 143 meninos e 167 meninas, de sete escolas primárias, com média de idade entre $11,52 \pm 0,5$ anos, sendo que 181 eram do grupo experimental e 129 do grupo controle.
Xafopoulos; Kudlacek; Evaggelinou, 2009	Ostrava, República Tcheca.	Investigar os efeitos do DPE nas atitudes de crianças de uma escola internacional frente à inclusão de pares com deficiência.	CAIPE-R e <i>Adjective Checklist</i>	71 crianças, 42 meninos e 29 meninas, com média de idade de $11,33 \pm 2,91$ e $11,17 \pm 3,23$ anos respectivamente.
Liu; Kudlacek; Jesina, 2010	Ostrava, República Tcheca.	Determinar a influência do DPE nas atitudes de estudantes frente à inclusão de pessoas com deficiência; Analisar as teorias da Educação Paralímpica em ambiente escolar.	CAIPE-R e <i>Adjective Checklist</i>	36 crianças, 17 meninos e 19 meninas, com média de idade de $11,88 \pm 0,49$ e $11,68 \pm 0,48$ anos, respectivamente.

No quadro 02, encontram-se os estudos realizados sobre a presença do esporte paralímpico na escola, assim com como as cidades e países onde foram concretizados, objetivos propostos, instrumentos utilizados e descrição dos sujeitos de cada pesquisa. Já no quadro seguinte, encontram-se a metodologia utilizada e os principais resultados encontrados nesses mesmos estudos.

Quadro 03 – Estudos realizados sobre esporte paralímpico na escola (parte 2).

Autor(es)/Ano	Metodologia	Resultados
Wilhite et al., 1997	Pré e pós-teste, com intervalo de uma semana da intervenção.	Compromisso com esporte e lazer de todos; Alunos com deficiência foram menos propensos a concordar com a importância da sua participação nas atividades com seus colegas sem deficiência.
Jesina et al., 2006	Pré-teste, intervenção e pós-teste.	Efeitos positivos do DPE, sendo médio no CAIPE-CZ e pequeno no <i>Adjective Checklist</i> .
Van Biesen; Busciglio; Vanlandewijck, 2006	Pré e pós-teste, com intervalo de uma semana da intervenção.	Duas escolas obtiveram efeitos positivos após o programa; Meninas apresentaram atitudes mais positivas que meninos; Alunos mais competitivos apresentaram menor pontuação; Experiência prévia com pessoas com deficiência não apresentou influência nas atitudes positivas frente à inclusão.
Panagiotou; Kudlacek; Evaggelinou, 2006	Pré-teste, intervenção e pós-teste.	Efeito positivo nas atitudes de crianças sem deficiência de escolas não inclusivas nos aspectos gerais após a intervenção; Pequena diminuição não significativa no score das atitudes gerais de alunos de escolas inclusivas.
Panagiotou et al., 2008	Pré e pós-teste, com duas semanas de intervalo.	Diferenças positivas no grupo experimental nas atitudes gerais após o DPE; Sem efeitos diferentes entre meninos e meninas.
Panagiotou et al., 2009	Pré-teste, intervenção e pós-teste.	Diferença estatística no grupo experimental somente nas atitudes gerais, enquanto não houve diferenças nas atitudes específicas.
Xafopoulos; Kudlacek; Evaggelinou, 2009	Pré-teste, intervenção e pós-teste.	Diferenças significativas somente nas atitudes gerais entre meninas, através do <i>Adjective Checklist</i> ; Outras mudanças não foram significativas.
Salerno; Araújo, 2008	Pesquisa, formulação de conceitos e vivência de Goalball e Voleibol Sentado.	Proposta de ensino dos esportes adaptados na escola.
Liu; Kudlacek; Jesina, 2010	Pré e pós-teste, com intervalo de uma semana da intervenção.	Meninas com atitude mais positiva frente às pessoas com deficiência do que os meninos; As atitudes frente às adaptações de regras esportivas diminuíram após a intervenção.

Na pesquisa bibliográfica realizada, buscaram-se artigos científicos publicados sobre a aplicação do esporte paralímpico na escola, destacando-os nos quadros acima, excluindo resumos de eventos, devido a não apresentação detalhada do trabalho, e os trabalhos de conclusão de graduação, dissertações e teses.

1.5 Discussão

Procurando atingir os objetivos propostos ao estudo, encontraram-se iniciativas relacionadas à Educação Paralímpica e a presença do esporte paralímpico nas aulas de Educação Física em artigos científicos, materiais didáticos, anais de eventos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses.

Em virtude do termo Educação Paralímpica ser recente, tornando-se timidamente conhecido, porém precisa de divulgação internacional, por meio do IPC, e nacional, através do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), de forma que possa alcançar todos os âmbitos relacionados ao esporte paralímpico, principalmente acadêmico, para que novos estudos sejam realizados e o termo massificado.

Da mesma forma, materiais didático-pedagógicos para os professores de Educação Física, como por exemplo, os organizados para os Jogos Paralímpicos de Atenas 2004, podem ser elaborados para os próximos países sede dos Jogos, Sochi 2014 e Rio de Janeiro 2016, disponibilizado nos principais idiomas, desenvolvendo o Movimento Paralímpico.

O Dia Paralímpico Escolar (DPE), principal forma de divulgação da Educação Paralímpica, necessita de atualizações e revisões no programa em virtude de estudos realizados, já que as primeiras iniciativas foram em 2003 e o manual (IPC, 2006) lançado em 2006. Da mesma forma, além de estar presente na escola no formato de evento, pode-se desenvolver a perspectiva de utilização do esporte paralímpico como conteúdo do programa curricular da Educação Física, como se tem visto em algumas iniciativas brasileiras (SALERNO; ARAÚJO, 2008; GARCIA, 2009; LEHNHARD; PALMA, 2011; MIRON, 2011; entre outros).

Dentre os artigos encontrados, percebe-se a existência de grande maioria de origem Europeia, com predominância dos países que iniciaram com o programa DPE (Grécia, Bélgica e República Tcheca). De forma geral, esses estudos tinham por objetivo avaliar os efeitos do evento nas mudanças de atitudes frente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

Nos demais países, destacam-se os Estados Unidos (WILHITE et al., 1997), como pioneiro na promoção do esporte adaptado na escola para pessoas com e sem deficiência e objetivo semelhante aos estudos europeus, e o Brasil (SALERNO, ARAÚJO, 2008), com

propostas de promoção do ensino das modalidades paralímpicas também para crianças sem deficiência.

Nos estudos voltados principalmente para os efeitos do programa DPE em crianças sem deficiência frente à inclusão de alunos com deficiência em aulas de Educação Física, foram utilizados os seguintes instrumentos validados para avaliação: o *Children's Attitudes toward Integrated Physical Education – Revised* (CAIPE-R) (BLOCK, 1995) e o *Siperstein's Adjective Checklist* (SIPERSTEIN, 1980 apud JESINA et al., 2006).

O *Children's Attitudes toward Integrated Physical Education – Revised* (CAIPE-R) é um questionário validado nos Estados Unidos utilizado para avaliar as atitudes de crianças sem deficiências frente à inclusão de colegas com deficiências nas aulas de Educação Física Escolar, nos aspectos gerais e esportivo-específicos (BLOCK, 1995). Possui versões adaptadas às realidades esportivas e culturais europeias (basquetebol em substituição ao beisebol nas questões esportivo-específicas de 9 a 13 da versão original), em consulta ao autor do CAIPE-R e aprovada por três especialistas da área na Europa (PANAGIOTOU; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2006), aplicado na República Tcheca (CAIPE-CZ) (JESINA et al., 2006; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009; LIU; KUDLACEK; JESINA, 2010), Grécia (PANAGIOTOU; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008, 2009), Portugal (CAMPOS; NOBRE; FERREIRA, 2010), e Bélgica (VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006).

Já o *Siperstein's Adjective Checklist*, desenvolvido para avaliar os julgamentos dos atributos de crianças para com colegas com deficiência, baseado entre a escolha de 34 adjetivos, revela opiniões e sentimentos, positivos e negativos (JESINA et al., 2006). Este instrumento foi aplicado na República Tcheca (JESINA et al., 2006; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009; LIU; KUDLACEK; JESINA, 2010).

Alguns instrumentos de pesquisa foram criados especificamente para atingir os objetivos do estudo sobre esporte paralímpico em questão, como o questionário (WILHITE et al, 1997) e ficha de observação (SALERNO; ARAÚJO, 2008).

De forma geral, os sujeitos das pesquisas foram meninos e meninas europeus sem deficiência da 4ª à 6ª séries, com idade entre oito e 13. A única exceção o estudo de Wilhite et al. (1997), o qual apresentou idades até 21 anos e também crianças norte-americanas com e sem deficiência.

Em relação à metodologia utilizada nos artigos, percebeu-se predominância dos autores na utilização da pesquisa experimental (THOMAS; NELSON, 2002) de pré e pós-testes, com realização do DPE, porém em diferentes formatos. Os estudos de Panagiotou; Kudlacek; Evaggelinou (2006) e Panagiotou et al. (2008; 2009) apresentaram estruturas semelhantes, com aplicação do CAIPE-R antes e após a intervenção nos grupos experimentais e aulas de Educação Física nos grupos controles, utilizando a mesma estrutura de DPE nos três estudos.

Sendo o único estudo que abrange o esporte adaptado como conteúdo da Educação Física, Salerno; Araújo (2006) apresentou uma proposta de ensino aplicável ao contexto escolar, com participação dos alunos pesquisa sobre o tema e formulação de conceitos, além da vivência das modalidades Goalball e Voleibol Sentado.

Os resultados do DPE, apresentados pelos artigos encontrados, mostraram efeitos positivos após a implementação do programa em todos os casos, porém essas mudanças foram apenas nos aspectos gerais relacionados a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física (JESINA et al., 2006; VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006; PANAGIOTOU; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2006; PANAGIOTOU et al., 2008; 2009; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009), porém havendo somente alterações significativamente negativas nos aspectos esportivos específicos, relacionados a adaptações de regras em Liu; Kudlacek; Jesina (2010).

Também foram encontrados efeitos positivos maiores nas atitudes das meninas que nos meninos (VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006; XAFOPOULOS; KUDLACEK; EVAGGELINOU, 2009; LIU; KUDLACEK; JESINA, 2010), não influência da exposição prévia a pessoas com deficiência nas atitudes frente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física (VAN BIESEN; BUSCIGLIO; VANLANDEWIJCK, 2006).

1.6 Conclusão

O esporte paralímpico desenvolve-se gradativamente nos cenário mundial, no contexto competitivo, tecnológico, acadêmico e educacional, sendo este último foco do presente capítulo/artigo, percebendo-o como um âmbito recente e com grande potencial de exploração e expansão.

A presença do esporte paralímpico nas escolas busca uma identidade própria, como a Educação Paralímpica, recente no cenário acadêmico, e adequada ao contexto cultural e escolar nacional e internacional.

A inserção do esporte paralímpico na escola carece de estudos nesse ambiente, através de propostas diferenciadas, seja como evento, como o Dia Paralímpico Escolar, ou ensino nas aulas de Educação Física, através de modalidades esportivas, estruturado pedagogicamente para contribuir na formação dos alunos em todos os aspectos, fomentando o esporte paralímpico no âmbito acadêmico e escolar.

CAPÍTULO/ARTIGO 02 – O ENSINO DO GOALBALL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Introdução

A modalidade Goalball surgiu na Alemanha, após o final da II Guerra Mundial, e tinha a finalidade de reabilitar os veteranos da guerra com deficiência visual, exigindo de seus praticantes rastreamento auditivo, agilidade, coordenação e habilidades de jogo coletivo (PORRETTA, 2004; MUNSTER et al., 2008).

O Goalball caracteriza-se pela presença em sua composição oposição, cooperação e finalização, sendo um confronto entre duas equipes de seis atletas vendados, três titulares e três reservas de cada time, com o intuito de pontuar por meio de lançamentos e defender sua meta das bolas lançadas pelo adversário, num jogo onde o silêncio é necessário para ouvir o guizo da bola (MORATO; ALMEIDA, 2012).

Apesar de ser considerada uma modalidade concebida especificamente para as pessoas com deficiência visual, o Goalball consiste numa atividade perceptivo-motora que desenvolve o tato, a audição e propriocepção, com benefícios a quaisquer pessoas que se disponham a jogar com os olhos vendados, inclusive as sem deficiência (MUNSTER; ALMEIDA, 2006; MUNSTER et al., 2008).

Com a possibilidade de inserção dessa modalidade no contexto escolar, buscou-se neste estudo analisar o ensino do Goalball nas aulas de Educação Física, a partir da visão dos professores.

2.2 Metodologia

Esta pesquisa qualitativa teve caráter exploratório, buscando desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade com o fenômeno proposto, e/ou modificar e clarificar conceitos sobre o ensino do esporte paralímpico na escola, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas como problema pesquisado e análise dos exemplos que estimulem a compreensão do mesmo (LAKATOS; MARCONI, 1991; GIL, 2002; THOMAS; NELSON, 2002).

Os sujeitos deste estudo foram cinco professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Vinhedo/SP que ministraram aulas de Goalball e/ou atividades relacionadas nas séries iniciais e/ou finais do Ensino Fundamental, de março a setembro de 2012 (quadro 04).

Quadro 04 – Caracterização dos professores que trabalharam com Goalball na escola.

Professor	Ano de Graduação	Formação Complementar	Experiência em Educação Física Escolar	Anos
01	2005	Bacharelado em Lazer; Mestrado em Qualidade de Vida	Dois anos	6º e 7º anos
02	2006	Especialização em Ciência do Treinamento Desportivo	Três meses	7º e 8º anos
04	2006	Especialização em Educação Física Escolar	Seis anos	6º e 7º anos
05	1997	Especialização em Educação Física Escolar e Psicopedagogia Institucional	15 anos	1º a 4º anos
07	1993	Curso de extensão em Qualidade de Vida; Aperfeiçoamento em Atividade Física para pessoas com deficiência (em curso)	19 anos	3º a 5º anos

Para participar, os sujeitos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e posteriormente, responderam a uma entrevista semiestruturada com roteiro pré-estabelecido (Apêndice B) sobre o ensino da modalidade ou atividades na escola, procurando atender aos objetivos do estudo. Em horário e local agendado, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, e com carta de apresentação (Apêndice C), as entrevistas foram realizadas em local silencioso, sem interferência próxima de barulhos ou distrações, sendo as mesmas gravadas e transcritas (Apêndices D, E, G, H e J).

Para a realização do estudo, se contatou com a Secretaria Municipal de Educação de Vinhedo/SP, a qual permitiu a realização do estudo no município, assim como o aval da coordenadora municipal da área de Educação Física. Posteriormente, agendou-se a participação do pesquisador na reunião mensal com os 28 professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP, realizada pela manhã e a tarde, permitindo a participação de todos os docentes, sobre Paralimpíadas, esporte paralímpico e a presença deste no contexto escolar, assim como apresentação da proposta de pesquisa.

A partir deste momento, durante o ensino do esporte paralímpico na escola, iniciou a fase de acompanhamento, com a intenção de auxiliar os professores na prática pedagógica sobre o assunto, com orientações e sugestões, sem interromper o cronograma e planejamento docente, permitindo-lhes escolha de temas, conteúdos a serem adotados, como o Goalball, e momento oportuno de realização ou não das atividades. Foram entregues individualmente todos os professores materiais didáticos, como livros, manuais e vídeos, organizados num DVD, e aos que demonstraram interesse no ensino do esporte paralímpico, foram emprestados materiais práticos, como bolas com guizo, cedidas mediante agendamento prévio.

O acompanhamento durou seis meses, de março a setembro de 2012, com presença do pesquisador em mais três reuniões mensais durante o período, para agendamento das entrevistas e orientações sobre o assunto. Os contatos entre pesquisador e professores eram mantidos por meio eletrônico ou telefônico. Encerrou-se essa etapa com a realização das entrevistas com os professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP que realizaram as atividades relacionadas ao Goalball no período determinado.

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), visando obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dessas mensagens.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas (CEP/FCM/Unicamp), sob o parecer 910/2011, CAAE 0815.0.146.000-11 (Anexo 01).

2.3 Resultados

Os dados coletados foram divididos em três categorias: 1) Conhecimento e formação em esporte paralímpico; 2) Ensino do Goalball na escola; e 3) Recepção dos alunos ao Goalball.

2.3.1 Conhecimento e Formação em Esporte Paralímpico

O professor 01 relatou que seu primeiro contato com esporte paralímpico foi durante a graduação, através de disciplinas, mas sem a vivência de esportes. Já teve experiência com pessoas com deficiência, colaborando como monitor em atividades de aventura com deficientes visuais.

Já o professor 02 teve contato com esporte paralímpico em evento municipal voltado para pessoas com deficiência, quando trabalhava na Secretaria de Esportes da cidade, onde teve proximidade com modalidades como rúgbi e handebol em cadeira de rodas, bocha paralímpica, tênis de mesa e Voleibol Sentado. Relatou também que em sua formação teve somente o básico relacionado a esporte paralímpico.

O professor 04 teve conhecimento sobre o esporte paralímpico em disciplinas da faculdade, e anteriormente pela televisão. Participou de congresso sobre a área de atividade física adaptada e experiências com familiares com deficiência. Experiência com alunos com deficiência nas aulas de Educação Física e desenvolve atividades sobre esporte paralímpico na escola desde 2007.

O professor 05 conheceu o esporte paralímpico através da mídia e na apresentação sobre o tema aos professores de Educação Física, relacionada ao estudo, e em contato com atividades rítmicas com pessoas com deficiência visual e basquete em cadeira de rodas.

Já o professor 07 teve na formação acadêmica uma disciplina sobre Educação Física Adaptada, e no decorrer dos anos teve alunos com deficiência física (cadeirantes), mobilidade reduzida e com mudez nas turmas que ministrou aula de Educação Física, e iniciou neste ano um aprofundamento em atividade física para pessoas com deficiência.

2.3.2 Ensino do Goalball na Escola

Os dados referentes à opinião dos professores de Educação Física sobre a experiência e formas de inserção do esporte paralímpico na escola foram organizados no quadro abaixo:

Quadro 05 – Opinião dos professores de Educação Física sobre a experiência e formas de ensino do esporte paralímpico na escola.

Professor	Ensino de Esporte Paralímpico	Opinião Sobre a Experiência	Forma de Inserção do Esporte Paralímpico na Escola
01	1ª vez	Bem preparado, com tempo para organização e material; Pretende continuar ensinando nos anos seguintes	Conteúdo; Uma das práticas dentro do conteúdo esporte; Dentro de uma proposta/planejamento; Anual
02	1ª vez	Gratificante; Conhecimento importante, para alunos e professor; Trabalharia novamente	Conteúdo obrigatório, similar aos demais.
04	Há seis anos	Gradativa – vivência da deficiência visual, prática Goalball e Voleibol Sentado.	Conteúdo, similar aos demais esportes; Mostrar essa possibilidade
05	1ª vez	Retorno positivo dos alunos, não esperado; Trabalharia novamente	Vivências, independente da presença de alunos com deficiência; Experimentar a dificuldade alheia; Como estratégia de ensino dentro das modalidades convencionais
07	1ª vez	Não conhecia a modalidade; Experiência enriquecedora para os alunos; Resultados positivos Repetiria as atividades	Como conteúdo da educação física; Todos tem que conhecer, mesmo os sem deficiência.

No quadro seguinte, seguem os dados relacionados à organização, estratégias e materiais utilizados pelos professores de Educação Física no ensino do Goalball na escola.

Quadro 06 – Organização, estratégias e materiais utilizados pelos professores de Educação Física no ensino do Goalball na escola.

Professor	Nº Aulas	Organização das Aulas	Estratégias	Materiais
01	Três teóricas, sobre esporte paralímpico; Duas práticas	Teoria: recurso audiovisual; texto, regras e surgimento. Prática: jogo; uso de vendas; deslocamento vendido, ao final dos jogos. Questões em prova	Marcação em relevo de algumas linhas (arremesso, fundo e defesa) fixadas com fitas; Cones para delimitação do gol; Adaptação à realidade da escola; Times de quatro jogadores	Três cordas grandes; Quatro cones; Bola de futebol, com guizo (emprestada).
02	Uma teórica; Uma prática	Teoria: explicação sobre modalidade e regras básicas; Prática: jogo	Sem enfoque aspectos técnicos; Alunos em grupos; Jogo normal; Cones na linha de fundo; Cordas para marcação em relevo, presas com fita adesiva.	Espaço da quadra de vôlei; Quatro cones; Cordas; Vendas; Bolas com guizo (emprestada)

04	Seis aulas sobre esporte paralímpico, envolvendo história, vivência, percepção e práticas.	Teoria: surgimento, evolução, sociedade; Prática: vivência vendado e jogo de Goalball	Conceituação e realidade social do esporte paralímpico; Vivência vendada de reconhecimento da escola, em duplas; Jogar/brincar cego – Goalball; Instrução de regras e técnicas básicas; Adaptação do espaço de jogo – sala de aula; Bola de basquete envolvida em sacola plástica (anos anteriores) e bola de futebol com guizo	Bola de basquete envolvida em sacola plástica (anos anteriores) e bola de futebol com guizo; Carteiras, como proteção da quadra; Vendas
05	Uma aula teórico-prática	1ºs e 2ºs anos: atividades perceptivo-motoras; percepção das dificuldades das pessoas com deficiência. 3ºs e 4ºs anos: Vídeos e imagens da Parolimpíadas; algumas atividades perceptivo-motoras; jogo de Goalball.	1ºs e 2ºs anos: atividades com os olhos vendados, com leitura labial e sem utilizar os dois pés; 3ºs e 4ºs anos: reconhecimento do material chutando e arremessando; meia quadra; divisão entre meninos e meninas.	Bola de futebol com guizo; Vendas; Bancos suecos
07	Pesquisa sobre Olimpíadas e Parolimpíadas nas aulas anteriores; Duas aulas práticas	Explicação da modalidade; Apresentação em vídeo; Exercícios de arremesso; Jogo em trios (Anexo 03)	Utilização de vídeos para explicação sobre a modalidade; Exercícios de arremesso anterior ao jogo; Sem marcação tátil do espaço	Vendas; Bola de futebol com guizo

No quadro 07, foram relatadas as facilidades e dificuldades encontradas no ensino do Goalball na escola.

Quadro 07 – Facilidades e dificuldades encontradas no ensino do Goalball na escola

Professor	Facilidades	Dificuldades	Observações
01	Boa recepção; Bom entendimento da modalidade e das regras por exibição de vídeos anteriores a prática; Fácil adaptação à realidade escolar	Oito alunos jogando e demais sentados – necessidade de preparação anterior à prática; Barulho externo ao jogo	Mais conhecimento aos alunos; Discussão sobre as pessoas com deficiência e suas possibilidades
02	Fácil de ser ensinado; Movimentos pouco complexos	A visão encoberta da criança pode criar receio ao cair para defender a bola;	Buscar mais conhecimento para trabalhar com outras modalidades; Cursos de formação sobre o tema;

		Controlar as ‘olhadas’ dos alunos para ter vantagem	Preparar alunos para conviver com pessoas com deficiência
04	Relação professor-aluno	Falta de silêncio dos alunos; Materiais escassos	Medo inicial dos alunos, mas depois ficavam com vontade de aprender mais; Inserção futura do futebol de cinco
05	Empolgação dos alunos;	Estrutura física da quadra (mureta, degrau e alambrado) que poderiam causar acidentes; Alunos burlando as regras	Comentários positivos dos alunos sobre a modalidade; Prioridade para não tirar a venda durante as atividades
07	Poucas regras; Entendimento rápido; Retorno positivo	Não relatado	Alunos não conheciam a bola com guizo; Sem acidentes

2.3.3 Recepção dos Alunos ao Goalball

A recepção dos alunos ao Esporte Paralímpico e ao Goalball ensinado na escola foi relatada no quadro 08:

Quadro 08 – Recepção dos alunos ao esporte paralímpico e ao Goalball.

Professor	Recepção ao Esporte Paralímpico	Desempenho
01	“Além das expectativas”, muito boa; Respeito pelas modalidades; Preparados antes da prática; Comentários positivos sobre a experiência; Maioria quis vivenciar ao menos uma vez; Mais aulas da modalidade	Alunos não tiveram estratégia de defesa, mantendo-se em linha; Casos de boladas fortes no rosto
02	A maioria dos alunos gostou de participar; Participação ativa; Primeiro contato com a modalidade	Interessados; Tentativas de roubar, ‘olhando’ através da venda; Trocas de grupos para participar
04	Medo inicial de levar boladas; Crescimento gradativo no conhecimento sobre o esporte e conscientização das diferenças	Primeiros arremessos com a bola pingando; Dificuldade dos alunos em manter o silêncio;
05	Alunos gostaram das atividades; Demonstraram encantamento surpreendente pela bola com guizo	Não relatado
07	Resultados positivos; Todos os alunos queriam participar	Não relatado

2.4 Discussão

Através das entrevistas realizadas com cinco professores de Educação Física, atendeu-se ao objetivo proposto neste capítulo/artigo de analisar o ensino do Goalball nas aulas de turmas de 1º a 8º ano do Ensino Fundamental.

Dentre os participantes da pesquisa, três tiveram em sua formação acadêmica disciplina relacionada ao esporte paralímpico, tendo um professor trabalhado anteriormente com Goalball nas aulas de Educação Física, sendo essa a primeira experiência dos demais com a modalidade. Mesmo assim, o retorno dos alunos foi positivo frente à modalidade, contribuindo para a manutenção do tema em aulas futuras.

A maioria dos entrevistados acreditou que o esporte paralímpico possa ser incluído como conteúdo nas aulas de Educação Física, dentro do tema esporte, mostrando a suas possibilidades de realização. Na opinião de um dos professores, a inserção poderia vir através de vivências, independente da presença ou não de crianças com deficiência nas turmas, utilizando as modalidades como estratégia de ensino para as modalidades convencionais.

As aulas foram organizadas utilizando recursos audiovisuais, textos sobre o esporte paralímpico, explicação com contextualização histórica e social do esporte para pessoas com deficiência e regras básicas da modalidade, antes da realização das atividades práticas. Essa iniciativa a fim de explicar os motivos da realização desta prática, assim, como norteá-las para que possa haver um melhor aprendizado nas atividades desenvolvidas.

Com alunos de 1º e 2º anos, como no caso do professor 05, o Goalball não foi trabalhado, mas atividades perceptivo-motoras relacionadas às pessoas com deficiências nas aulas de Educação Física, e apenas o professor 07, antes de iniciar o jogo, realizou alguns exercícios do fundamento arremesso com a bola. Por outro lado, os demais professores trabalharam a modalidade através do desenvolvimento do jogo. Um dos fatores que implicou na adoção dessa estratégia foi a dificuldade com o material, o qual era limitado e emprestado, impedindo um desenvolvimento de mais atividades, como no caso do professor 04 que possuía material próprio, portanto maior autonomia para desenvolver a modalidade.

O uso de estratégias de ensino dos professores foi importante para a implementação da modalidade na escola, se adequando as realidades, materiais e espaço de cada escola. Os professores 01 e 02 desenvolveram o Goalball com suas regras oficiais, sendo que somente o primeiro fez marcação tátil em algumas linhas da quadra, para localização dos alunos, e permitiu a prática de quatro alunos por equipe, devido a estatura dos mesmos, além de permitir a prática de mais alunos. Já o professor 05 conseguiu realizar a prática em duas quadras, dividindo meninos e meninas e envolvendo maior número de participantes.

Devido ao alto custo da bola oficial de Goalball, todos os professores utilizaram bolas de futebol com guizo, emprestada pelo pesquisador. O professor 04 foi o único que possuía esse material próprio e comentou que, anteriormente, utilizava uma bola de basquete envolvida com sacola plástica nas práticas de Goalball, fazendo barulho que orientasse os alunos a localizarem a bola. Todos os professores utilizaram vendas nas aulas, sendo elas feitas de tecido TNT ou com outro material que cobrisse a visão dos alunos. Outros materiais utilizados foram cordas, carteiras e banco sueco, disponíveis em cada escola, para delimitação do espaço, o qual era em sua maioria a quadra de vôlei.

Segundo relato dos professores, a facilidade de ensino do Goalball foi devido a fácil adaptação a realidade das aulas de Educação Física, com entendimento fácil da modalidade, através de poucas regras existentes e movimentos pouco complexos. Também, colaboraram para o ensino a boa recepção e empolgação dos alunos em realizar as atividades, tendo retorno positivo aos professores.

Por outro lado, algumas dificuldades foram relatadas, como o não envolvimento de toda turma numa mesma atividade, com alguns alunos esperando para participar; a falta de colaboração dos alunos que não participavam das atividades com silêncio, primordial para a realização das atividades. Também se narrou o medo dos alunos de receber boladas, por estarem vendados, burlagem da regra de manterem-se sem ver nas atividades, e os materiais escassos ou emprestados, que impossibilitavam atividades por um período de tempo maior.

De forma geral, na visão dos professores de Educação Física, a recepção dos alunos foi boa e com participação ativa, sendo além do esperado em alguns casos, principalmente por ser o primeiro contato dos alunos, e em alguns casos dos professores também, com a modalidade. Com o desenvolver das aulas e vontade de participação de todos, percebeu-se crescimento gradativo dos alunos, sempre com comentários positivos referentes às atividades.

2.5 Conclusão

Através deste estudo constatou-se a possibilidade de ensino do Goalball nas aulas de Educação Física, através dos relatos das experiências dos professores, mesmo com pouca formação acadêmica relacionada ao assunto, priorizando as iniciativas do docente em contribuir no desenvolvimento dos alunos.

De acordo com os professores, o Goalball deve estar presente nas aulas de Educação Física, seja como conteúdo a ser desenvolvido dentro dos esportes, vivência de atividades para pessoas com deficiência visual, ou estratégia de ensino para outras modalidades, ficando a critério do educador escolher o momento e a forma de inserção dentro de seu planejamento, de acordo com a realidade escolar, objetivos propostos, e materiais e espaços disponíveis para a prática.

O ensino do Goalball nas escolas demonstrou fácil aplicação, com número reduzido de regras e boa receptividade dos alunos, mesmo que existam dificuldades de maior participação e receio dos alunos nas atividades, e poucos materiais para desenvolvimento das atividades, sendo necessárias novas estratégias para diminuição desses entraves.

CAPÍTULO/ARTIGO 03 – O ENSINO DO VOLEIBOL SENTADO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

3.1 Introdução

Surgido em 1956, na Holanda, resultado da combinação do *Sitzball* e do Voleibol convencional, o Voleibol Sentado tem sido desde então um dos esportes mais praticados por pessoas com deficiência física (MACEDO, 2005; MEDEIROS; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2012).

O desenvolvimento internacional da modalidade ocorreu através de clínicas de fomento realizadas pelo mundo para formação de recursos humanos e constante crescimento do Voleibol Sentado (MEDEIROS; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2012).

As regras estabelecidas pela *World Organization Volleyball for Disabled* (WOVD) – Organização Mundial de Voleibol para Deficientes – se assemelham as do Voleibol convencional, porém com o fato de ser jogado sentado no chão, com alteração na altura da rede e do poste, dimensões da quadra e linha de ataque, preservando o contexto e a dinâmica do jogo (MEDEIROS; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2012).

O Voleibol Sentado é um esporte em que pessoas com e sem deficiência podem praticar juntas com alto nível técnico, representando uma boa oportunidade para desenvolver a cooperação e a integração (VUTE, 2009). Desta forma, este estudo objetivou investigar e analisar as estratégias metodológicas utilizadas para inserção e ensino do Voleibol Sentado nas aulas de Educação Física na escola.

3.2 Metodologia

Esta pesquisa qualitativa teve caráter exploratório, buscando desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade com o fenômeno proposto, e/ou modificar e clarificar conceitos sobre o ensino do esporte paralímpico na escola, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas como problema pesquisado e análise dos exemplos que estimulem a compreensão do mesmo (LAKATOS; MARCONI, 1991; GIL, 2002; THOMAS; NELSON, 2002).

Os sujeitos deste estudo foram oito professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Vinhedo/SP que ministraram aulas de Voleibol Sentado e/ou atividades relacionadas nas séries iniciais e/ou finais do Ensino Fundamental, de março a setembro de 2012 (quadro 09).

Quadro 09 – Caracterização dos professores que trabalharam com Voleibol Sentado na escola

Professor	Ano de Graduação	Formação Complementar	Experiência em Educação Física Escolar	Alunos Participantes
01	2005	Bacharelado em Lazer; Mestrado em Qualidade de Vida	Dois anos	6º e 7º anos
02	2006	Especialização em Ciência do Treinamento Desportivo	Três meses	7º e 8º anos
03	2001	Mestrado em Educação (em curso)	Nove anos	4º e 5º anos
04	2006	Especialização em Educação Física Escolar	Seis anos	6º e 7º anos
05	1997	Especialização em Educação Física Escolar e Psicopedagogia Institucional	15 anos	1º ao 4º anos
06	2007	Aperfeiçoamento em Atividade Física para pessoas com deficiência (em curso); Curso de Libras	Um ano	7º ano
07	1993	Curso de extensão em Qualidade de Vida; Aperfeiçoamento em Atividade Física para pessoas com deficiência (em curso); Cursos diversos de 30h e 60h	19 anos	1º ao 5º anos
08	1989	Especialização em Fisiologia do Exercício	Um ano	1º ao 4º anos

Para participar, os sujeitos assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e posteriormente, responderam a uma entrevista semiestruturada com roteiro pré-estabelecido (Apêndice B) sobre o ensino da modalidade ou atividades na escola, procurando atender aos objetivos do estudo. Em horário e local agendado, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, e com carta de apresentação (Apêndice C), as entrevistas foram realizadas em local silencioso, sem interferência próxima de barulhos ou distrações, sendo as mesmas gravadas e transcritas (Apêndices D a K).

Para a realização do estudo, se contatou com a Secretaria Municipal de Educação de Vinhedo/SP, a qual permitiu a realização do estudo no município, assim como o aval da coordenadora municipal da área de Educação Física. Posteriormente, agendou-se a participação do pesquisador na reunião mensal com os 28 professores de Educação Física da rede municipal

de Vinhedo/SP, realizada pela manhã e a tarde, permitindo a participação de todos os docentes, sobre Paralimpíadas, esporte paralímpico e a presença deste no contexto escolar, assim como apresentação da proposta de pesquisa.

A partir deste momento, durante o ensino do esporte paralímpico na escola, iniciou a fase de acompanhamento, com a intenção de auxiliar os professores na prática pedagógica sobre o assunto, com orientações e sugestões, sem interromper o cronograma e planejamento docente, permitindo-lhes escolha de temas, conteúdos a serem adotados, como o Voleibol Sentado, e momento oportuno de realização ou não das atividades. Foram entregues individualmente todos os professores materiais didáticos, como livros, manuais e vídeos, organizados num DVD.

O acompanhamento durou seis meses, de março a setembro de 2012, com presença do pesquisador em mais três reuniões mensais durante o período, para agendamento das entrevistas e orientações sobre o assunto. Os contatos entre pesquisador e professores eram mantidos por meio eletrônico ou telefônico. Encerrou-se essa etapa com a realização das entrevistas com os professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP que realizaram as atividades relacionadas ao Voleibol Sentado no período determinado.

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), visando obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção de mensagens através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dessas mensagens.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas (CEP/FCM/Unicamp), sob o parecer 910/2011, CAAE 0815.0.146.000-11 (Anexo 01).

3.3 Resultados

Os dados coletados foram divididos em três categorias: 1) Conhecimento e formação em esporte paralímpico; 2) Ensino do Voleibol Sentado na escola; e 3) Recepção dos alunos ao Voleibol Sentado.

3.3.1 Conhecimento e Formação em Esporte Paralímpico

O professor 01 relatou que seu primeiro contato com esporte paralímpico foi durante a graduação, através de disciplinas, mas sem a vivência de esportes. Já teve experiência com pessoas com deficiência, colaborando como monitor em atividades de aventura com deficientes visuais.

Já o professor 02 teve contato com esporte paralímpico em evento municipal voltado para pessoas com deficiência, quando trabalhava na Secretaria de Esportes da cidade, onde teve proximidade com modalidades como rúgbi e handebol em cadeira de rodas, bocha paralímpica, tênis de mesa e Voleibol Sentado. Relatou também que em sua formação teve somente o básico relacionado a esporte paralímpico.

Com conhecimento sobre esporte paralímpico através de disciplinas da faculdade, o professor 03 também participou de projetos de extensão com Handebol em Cadeira de Rodas e teve alunos com deficiência física em suas aulas. Fez curso de libras e participação em evento de dança para cadeirantes.

O professor 04 teve conhecimento sobre o esporte paralímpico em disciplinas da faculdade, e anteriormente pela televisão. Participou de congresso sobre a área de atividade física adaptada e experiências com familiares com deficiência. Experiência com alunos com deficiência nas aulas de Educação Física e desenvolve atividades sobre esporte paralímpico na escola desde 2007.

O professor 05 conheceu o esporte paralímpico através da mídia e na apresentação sobre o tema aos professores de Educação Física, relacionada ao estudo, e em contato com atividades rítmicas com pessoas com deficiência visual e basquete em cadeira de rodas.

Professor 06 teve conhecimento sobre esporte paralímpico na graduação, com aulas sobre esporte adaptado. Já o professor 07 teve na formação acadêmica uma disciplina sobre Educação Física Adaptada, e no decorrer dos anos teve alunos com deficiência física (cadeirantes), mobilidade reduzida e com mudez nas turmas que ministrou aula de Educação Física.

E o professor 08 adquiriu conhecimento sobre o tema através da mídia, não tendo em sua formação acadêmica algo relacionado ao esporte paralímpico.

3.3.2 Ensino do Voleibol Sentado na Escola

Os dados referentes a opinião dos professores de Educação Física sobre a experiência e formas de inserção do esporte paralímpico na escola foram organizadas no quadro abaixo:

Quadro 10 – Opinião dos professores de Educação Física sobre a experiência do esporte paralímpico na escola e formas de inserção

Professor	Ensino de Esporte Paralímpico	Opinião Sobre a Experiência	Forma de Inserção do Esporte Paralímpico na Escola
01	1ª vez	Bem preparado, com tempo para organização e material; Pretende continuar ensinando nos anos seguintes	Conteúdo; Uma das práticas dentro do conteúdo esporte; Dentro de uma proposta/planejamento; Anual
02	1ª vez	Gratificante; Conhecimento importante para alunos e professor; Trabalharia novamente	Conteúdo obrigatório, similar aos demais.
03	1ª vez	Primeiro momento legal para alguma turma, mas sem graça para outras; Segundo momento legal para todos	No currículo escolar, para ser discutido; Possibilidade de visualização das possibilidades das pessoas com deficiência
04	Há seis anos	Gradativa – vivência da deficiência visual, prática Goalball e Voleibol Sentado.	Conteúdo, similar aos demais esportes; Mostrar essa possibilidade
05	1ª vez	Alunos pediram para realizar o Voleibol Sentado nas aulas	Vivências, independente da presença de alunos com deficiência; Experimentar a dificuldade alheia; Como estratégia de ensino dentro das modalidades convencionais
06	1ª vez	Experiência ótima, legal; Vivência das dificuldades do outro	Conteúdo, como os demais esportes; Vivências das modalidades
07	1ª vez	Experiência enriquecedora para os alunos; Resultados positivos Repetiria as atividades	Como conteúdo da educação física; Todos tem que conhecer, mesmo os sem deficiência.
08	1ª vez	Importante, principalmente pela inclusão; Experiência nova, aprendizado; Repetiria novamente	Tem que ser inserido nas aulas, mas ainda não saberia dizer de que forma seria, devido a falta de experiência

No quadro seguinte, seguem os dados relacionados a organização, estratégias e materiais utilizados pelos professores de Educação Física no ensino do Voleibol Sentado na escola.

Quadro 11 – Organização, estratégias e materiais utilizados pelos professores de Educação Física no ensino do Voleibol Sentado na escola

Professor	Nº Aulas	Organização das Aulas	Estratégias	Materiais
01	Três teóricas, sobre esporte paralímpico; Uma prática	Teoria: recurso audiovisual; regras da modalidade; Prática: redução do espaço de uma quadra em quatro; jogo do câmbio e Voleibol Sentado.	Câmbio sentado, com rede mais baixa e dimensões reduzidas; Saque com arremesso da bola, e de dentro da quadra em casos de dificuldade; Obrigatoriedade de três toques; Bola de borracha em substituição a oficial de vôlei; Divisão da quadra de Voleibol em quatro, com rede e barbante; Cones na linha de fundo, para noção de espaço. Diminuição dos espaços; Quatro jogadores por equipe;	Bolas de borracha; Bolas de Vôlei; Barbante; Rede de Voleibol; Cones; Vídeos
02	Duas práticas	Prática: jogos reduzidos do câmbio e Voleibol Sentado; Jogo de voleibol sentado com grupos grandes	Divisão da quadra de Voleibol em quatro, com barbante e alunos segurando; Primeira aula câmbio e segunda de voleibol sentado; Jogo com dois grupos grande, com redução no poste da rede.	Bola de borracha; Bola de Voleibol; Barbante; Rede de Voleibol; Vídeos
03	Duas práticas	Primeira aula: câmbio sentado, com barbante no sentido perpendicular a quadra, três quadras pequenas, seis grupos; Segunda aula: câmbio sentado, quadra toda, turmas em dois grupos.	Câmbio sentado ao invés do voleibol sentado; Grupos e espaço pequenos, depois maiores;	Bola de voleibol; Barbante; Vídeos
04	Seis aulas sobre esporte paralímpico, envolvendo história, vivência, percepção e práticas.	Teoria: surgimento, evolução, sociedade e vídeos; Prática: jogo de Voleibol Sentado	Diminuição da altura da rede, sem postes específicos; Quadra de voleibol dividida ao meio; Quatro times ao mesmo tempo; Limitação dos movimentos dos braços ou das pernas; Bola leve para motivar os alunos	Rede de Voleibol com altura reduzida; Bola leve; Faixas;
05	Uma aula e meia prática	Apresentação de vídeos sobre Paralimpíadas e jogo do Voleibol	Divisão da quadra oficial em quatro; Redução das dimensões	Bola de EVA; Bancos suecos; Barbante

		Sentado	da quadra; Utilização de barbante como rede	
06	Uma aula prática	Jogo de voleibol sentado; Apresentação do vídeo	Redução da rede; Meia quadra; Medidas semelhantes às oficiais do voleibol sentado; Linhas demarcadas com fita crepe	Rede de voleibol; Bola de voleibol; Postes móveis; Fita crepe
07	Pesquisa sobre Olimpíadas e Paralimpíadas nas aulas anteriores; Duas aulas práticas	1ºs e 2ºs anos: prática futsal sentado (Anexo 03); 3ºs a 5ºs anos: prática queimada sentada (Anexo 03)	1ºs e 2ºs anos: espaço quadra de voleibol; bola de voleibol murcha; trocas de posições dos alunos; 3ºs a 5ºs anos: espaço quadra de voleibol; bola de voleibol murcha; Introdução da aula enfocando a inclusão de colega com deficiência nas atividades; Inicialmente com bexigas de ar (1º ano) e bola leves	Bola de voleibol murcha; Coletes;
08	Três aulas práticas	Dois grupos divididos por barbante no sentido; Realizado sentado com bola leve, depois oficial de voleibol e em pé.		Bexiga de ar; Três bolas de borracha; Bola de voleibol; Barbante

No quadro 12, foram relatadas as facilidades e dificuldades encontradas no ensino do Voleibol Sentado na escola.

Quadro 12 – Facilidades e dificuldades encontradas no ensino do Voleibol Sentado na escola

Professor	Facilidades	Dificuldades	Observações
01	Bases do vôlei tradicional; Possibilidade de inserção na escola; Fácil adaptação à realidade escolar	Realização de fundamentos técnicos do Voleibol (toque, manchete e saque, principalmente 6º ano).	Toda a turma pode jogar ao mesmo tempo com a divisão em quatro quadrantes pequenas.
02	Não encontrou facilidades	Esporte mais complexo para ser ensinado e com fundamentos técnicos de difícil execução; Deslocamento e saque	Sugestão de utilizar alternativas para facilitar o jogo através de uma bexiga ou bola de plástico, que ficasse mais tempo no ar e facilitasse o contato; Preparar alunos para conviver com pessoas com deficiência
03	Facilidade dos materiais; Fácil aplicação e aceitação;	Agressividade dos alunos; Desrespeito com regras	Mudança de estratégia da primeira para a segunda aula; Entendimento dos alunos sobre mudanças de regras e possibilidades de práticas corporais; Insistência do professor pela prática;

			Reflexão sobre a aula em desenhos dos alunos (Anexo 02)
04	Gosto dos alunos	Quadra velha com piso esfarelado, dificuldade de deslizar (anos anteriores); Alunos machucados (anos anteriores); Não levantar o quadril do chão	Inicialmente acharam difícil, mas depois gostaram das atividades.
05	Interesse dos alunos pela prática	Manutenção dos alunos sentados	-
06	Pela redução da altura da rede, alunos se sentiram a vontade.	Alunos não poderem usar as pernas	Realizada com uma turma, que demonstrou mais interesse pela modalidade; Futebol de cegos com outra turma; Pouca aceitação das demais turmas
07	Atividade segura e tranquila para idade; Sem muito contato físico	Não relatado	Não foi possível ensinar o Voleibol Sentado devido a estrutura da quadra que não possibilitava a colocação dos postes; Atividades adaptadas em substituição ao Voleibol Sentado; Atividades desenvolvidas também na semana do Idoso
08	Tranquilo e de fácil aplicação; Alunos receptivos	Comportamento grosseiro dos alunos do 4º ano	Gostaria de ter desenvolvido o Goalball também

3.3.3 Recepção dos Alunos ao Voleibol Sentado

A recepção dos alunos ao Esporte Paralímpico e ao Voleibol Sentado ensinado na escola foi relatada no quadro 13.

Quadro 13 – Recepção dos alunos ao Esporte Paralímpico e ao Voleibol Sentado

Professor	Recepção ao Esporte Paralímpico	Desempenho
01	Recepção muito boa; Envolvimento com o jogo, com competição; Inclusão de aluno com deficiência física participante; Alunos 'maiores' da turma não quiseram participar	Dificuldades com principalmente com saque
02	Pouca participação devido às dificuldades com a modalidade	Dificuldade no domínio de bola, deslocamento e saque.
03	Boa recepção dos alunos; A partir dos vídeos, consideraram interessante; Aceitação maioria	Participação forçada de alguns alunos na primeira aula; Participação completa na segunda aula
04	Motivados a realizar as atividades; Sem frustração; Gostam da modalidade	Sem dificuldades de realização dos fundamentos com utilização de bola leva
05	Por interesse e solicitação dos alunos	Não relatado
06	Participação de 70% dos alunos;	Percepção da evolução dos alunos nos

	Curiosos	fundamentos no decorrer da atividade
07	Alunos receptivos às atividades; Interesse em participação de todos	Não relatado
08	1ºs a 3ºs anos: boa receptividade; 4ºs anos: pouca aceitação	Alunos gostaram das atividades, mas acharam mais difícil que o voleibol em pé.

3.4 Discussão

Através das entrevistas realizadas com oito professores de Educação Física, atendeu-se ao objetivo proposto pelo capítulo/artigo de analisar neste estudo o ensino do Voleibol Sentado nas aulas de turmas de 1º a 8º ano do Ensino Fundamental.

Dentre os participantes do estudo, cinco tiveram em sua formação acadêmica disciplina relacionada ao esporte paralímpico. Além disso, apenas um professor havia trabalhado anteriormente com Voleibol Sentado nas aulas de Educação Física, sendo para os demais essa a primeira experiência com a modalidade ou com atividades relacionadas, havendo retorno positivo e negativo dos alunos frente à experiência.

Os professores consideraram a possibilidade de inserção do esporte paralímpico como conteúdo das aulas de Educação Física, como os demais estabelecidos. Também foi considerada a vivência dessas modalidades como estratégia de ensino para outros esportes, experimentando as dificuldades das pessoas com deficiência, ou para discussão e visualização das possibilidades de realização.

O Voleibol Sentado foi trabalhado em média em duas aulas, abrangendo teoria, com recursos audiovisuais e explicação das principais regras, e práticas, utilizando-se do câmbio e do Voleibol, ambos sentados. Em virtude de problemas com os postes de voleibol, o professor 07 substituiu a modalidade por futsal e queimada sentada, com os alunos de 1º e 2º, e 3º a 5º anos, respectivamente.

Uma das estratégias utilizadas pelos professores foi a divisão da quadra de voleibol em quatro, permitindo a participação de toda a turma no jogo de câmbio ou Voleibol Sentado, assim como foi usado barbante, ou a própria rede, dividindo a turma em dois grandes grupos para a prática. Os materiais utilizados eram da própria escola, sendo usadas bolas mais leves que a convencional para a realização das atividades, devido a idade dos alunos, facilitando o desenvolvimento das atividades, e barbante, para delimitação da altura de rede, em substituição a mesma.

Segundo relato dos professores, as facilidades de ensino do voleibol sentado, e atividades relacionadas, devem-se a proximidade com a modalidade convencional, sendo de fácil adaptação e aplicação, com materiais acessíveis e da própria escola, havendo aceitação e interesse dos alunos pela modalidade, podendo ser realizada de forma segura, tranquila, sem contato físico.

Além disso, também permitiu a participação de toda a turma nas atividades realizadas, possibilitando o entendimento das mudanças de regras e a convivência com as diferenças. Em alguns casos, a primeira aula não trouxe aceitação dos alunos nem resultados positivos, sendo necessária insistência do professor na aplicação de outra aula com mudança de estratégia para atingir os objetivos almejados.

Por outro lado, foi apontada como dificuldades a complexidade dos fundamentos técnicos do Voleibol Sentado, o desrespeito e/ou dificuldade dos alunos com a regra de manter-se sentado, e a condição física do espaço a ser desenvolvido, o qual pode machucar os jogadores.

Como relação a recepção dos alunos a modalidade, houve casos positivos, com envolvimento nas atividades, inclusão de alunos deficientes e aceitação da atividade, mas também percebeu-se que alguns estudantes mais velhos não participaram e frustração pela dificuldade com os fundamentos, como saque e domínio da bola, causando pouca participação em algumas turmas.

3.5 Conclusão

Constatou-se nesse estudo a possibilidade de ensino de Voleibol Sentado na escola, através da visão dos professores de Educação Física, com a perspectiva de inserção no currículo escolar como conteúdo, semelhante aos demais esportes, vivência da modalidade, experimentando as dificuldades e possibilidades da deficiência, ou como estratégia de ensino para a modalidade convencional.

A similaridade com o Voleibol convencional, com apenas algumas mudanças de regras de fácil adaptação à realidade escolar, de forma segura e com materiais acessíveis e da própria escola, tornou o Voleibol Sentado possível de ser inserido nas aulas de Educação Física, desenvolvendo atitude positiva, compreensão e respeito pelas pessoas com deficiência física.

Porém, devido a complexidade na realização dos fundamentos técnicos do Voleibol Sentado, a iniciação nos anos iniciais do Ensino Fundamental de atividades relacionadas a

modalidade, como o futsal, queimada e câmbio sentados, garantindo a participação de todos os alunos, torna-se importante na aceitação da mesma futuramente, não causando frustrações devido as dificuldades da modalidade, cabendo ao professor adotar estratégias de ensino que permitam a apreciação do aluno.

CONCLUSÃO

A presença do esporte paralímpico na escola é um tema recente, em desenvolvimento gradativo, com grande potencial de exploração e expansão, tornando esta obra importante para a formação, sistematização e difusão de conhecimento sobre a Educação Paralímpica e o ensino de modalidades esportivas adaptadas, no caso o Goalball e o Voleibol Sentado, no contexto escolar.

Assim como a Educação Paralímpica, a presença do esporte paralímpico ainda busca uma identidade própria, no âmbito escolar, pedagógico, acadêmico e cultural, frente às diversas possibilidades de contextualização nas aulas de Educação Física, como conteúdo, vivência ou estratégia de ensino, porém as iniciativas existentes têm trazidos resultados positivos principalmente para os alunos participantes.

Além disso, valoriza-se a participação dos oito professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP que desenvolveram as atividades com esporte paralímpico na escola, participantes da pesquisa, os quais expuseram suas conquistas, dificuldades, realidades e estratégias de ensino, colaborando essencialmente para a construção deste trabalho, com a maioria trabalhando com o assunto pela primeira vez.

Por fim, percebeu-se através do estudo a possibilidade de ensino do esporte paralímpico na escola, especificamente o Goalball e o Voleibol Sentado, devido as estratégias utilizadas pelos professores, a facilidade e adaptação dos materiais, e com aceitação dos alunos participantes.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011;
- BLOCK, M. Development and Validation of Children's Attitudes toward Integrated Physical Education-Revised (CAIPE-R) Inventory. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 12, 60-77, 1995;
- BRITTAIN, I. **The Paralympic Games Explained**. Routledge, 2010;
- CRAFT, D. H.; LIEBERMAN, L. Deficiência Visual e Surdez. In: WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. Tradução [da 3ª ed. original] de Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2004;
- DEPAUW, K. P.; GAVRON, S. J. **Disability Sport**. Human Kinetics, 2nd edition, 2005;
- DOULKERIDOU, A.; EVAGGELINOU, C.; KUDLACEK, M. Attitudes of greek physical education teachers towards inclusion of students with disabilities in physical education classes. **Proceedings of the 8th European Congress of Adapted Physical Activity**, Faculty of Physical Culture, Palacky University, Olomouc, Czech Republic, 2006;
- DOULKERIDOU, A.; EVAGGELINOU, C.; KUDLACEK, M. Components of attitudes towards the inclusion of students with disabilities in physical education in the ATIPDPE-GR instrument for greek physical educators. **Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Gymnica**, vol. 40, nº. 4, 2010;
- DOULKERIDOU, A.; EVAGGELINOU, C.; MOURATIDOU, K.; KOIDOU, E.; PANAGIOTOU, A.; KUDLACEK, M. Attitudes of greek physical education teachers towards inclusion of students with disabilities in physical education classes. **International Journal of Special Education**, vol. 26, nº. 1, 2011;
- DOULKERIDOU, A.; EVAGGELINOU, C.; PIPSOS, T.; PANAGIOTOU, A.; ELLINOUDIS, T.; GRAIKINIS, P. Does a Paralympic School Day change intention and attitudes of physical education teachers towards inclusion of students with disabilities in physical education classes? **Book of Abstract European Congress of Adapted Physical Activity**, Jyväskylä, Finland, p. 42, 2010;
- EVAGGELINOU, C. Creating a school for all in Greece: the model of Paralympic education. **Proceedings of the 8th European Congress of Adapted Physical Activity**, Faculty of Physical Culture, Palacky University, Olomouc, Czech Republic, 2006;

GARCIA, F. R. **Esportes adaptados e educação física escolar**: implicações para uma prática pedagógica inclusiva. 2009, 56f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009;

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2002;

IPC. **Paralympic Games Education Programmes**. In:
<<http://www.paralympic.org/TheIPC/WWD/ParalympicGamesEducationProgrammes>>.
Acessado em 15 de agosto de 2011a;

IPC. **Paralympic School Day**. In:
<<http://www.paralympic.org/TheIPC/WWD/ParalympicSchoolDay>>. Acessado em 15 de agosto de 2011b;

IPC. **Paralympic School Day**: Manual. p. 46, 2006;

JESINA, O.; LUCAS, S.; KUDLÁČEK, M.; JANECKA, Z.; MACHOVA, I.; WITTMANNOVA, J. Effect of an intervention program on attitude of elementary school children toward inclusion of children with disability. **Proceedings of the 8th European Congress of Adapted Physical Activity**, Faculty of Physical Culture, Palacky University, Olomouc, Czech Republic, 2006;

KUDLACEK, M.; JESINA, O.; JANECKA, Z. Paralympijské Vzdělávací Programy. **Tělesná Kultura**, 32 (1), 44-55, 2009;

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991;

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Pesquisa pedagógica**: do projeto a implementação. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008;

LEHNHARD, A.R.; PALMA, L.E. A organização do esporte adaptado nas aulas de educação física de séries iniciais do ensino fundamental: um relato de experiência. [Resumo] **Anais do II Congresso Paraolímpico Brasileiro e I Congresso Paradesportivo Internacional**. Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Uberlândia/MG, Brasil, p. 212-213, 2011;

LIU, Y.; KUDLACEK, M.; JESINA, O. The influence of Paralympic School Day on children's attitudes towards people with disabilities. **Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Gymnica**, vol. 40, nº. 2, 2010;

MACEDO, C. D. **Análise das características do jogo ofensivo do Voleibol Sentado a partir da recepção do serviço (side-out)**. 2005. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto)-Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2005;

MANSELL, M. Paralympics and inclusion on whose terms working towards a more equitable society. **Book of Abstract European Congress of Adapted Physical Activity**, Jyväskylä, Finland, p. 84, 2010;

MARQUES, R. F. R.; DUARTE, E.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, J. J. G.; MIRANDA, T. J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 24, p. 365-77, out./dez. 2009;

MEDEIROS, A.; RIBEIRO, A.; OLIVEIRA, R. G. Voleibol sentado. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012;

MIRON, E. M. **Da pedagogia do jogo ao voleibol sentado**: possibilidades inclusivas na Educação Física Escolar. 2011, 340f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011;

MORATO, M. P.; ALMEIDA, J. J. G. Goalball. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012;

MUNSTER, M. A.; ALMEIDA, J. J. G. Um olhar sobre a inclusão de Pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. In: RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada**: a alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006;

MUNSTER, M. A.; SILVA, A. J.; CAETANO, A. S.; FERREIRA, A. C. G. O. Goalball: uma proposta inclusiva. In: ALMEIDA, J. J. G.; OLIVEIRA FILHO, C. W.; MORATO, M. P.; PATROCINIO, R. M.; VAN MUNSTER, M. A. **Goalball**: invertendo o jogo da inclusão. Campinas, SP: Autores Associados, 2008;

PANAGIOTOU, A.; EVAGGELINOU, C.; DOULKERIDOU, A.; KOIDOU, E.; MOURATIDOU, K. Evaluation of Student's Attitudes from Conventional Primary Schools toward Inclusion of Children with Disabilities in Physical Education after Implementation of a Program. **Inquiries in Sport & Physical Education**, 7(2), 103-113, 2009;

PANAGIOTOU, A.K.; EVAGGELINOU, C.; DOULKERIDOU, A.; MOURATIDOU, K.; KOIDOU, E. Attitudes of 5th and 6th grade Greek students toward the inclusion of children with disabilities in physical education classes after a Paralympic education program. **European Journal of Adapted Physical Activity**, 1(2), 31–43, 2008;

PANAGIOTOU, K. A.; KUDLACEK, M.; EVAGGELINO, C. The effect of the implementation of the “Paralympic School – Day” program on the attitudes of primary school children towards the inclusion of children with disabilities in physical education. **Studia Kinanthropologica**, VII (2), 83-87, 2006;

PORRETTA, D. L. Esportes Coletivos. In: WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. Tradução [da 3ª ed. original] de Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2004;

SALERNO, M. B.; ARAUJO, P. F. Esporte Adaptado como tema da Educação Física Escolar. **Conexões**, vol. 06, Ed. especial, 2008;

SHELL, B. IPC’s Paralympic Education: projects and approaches. **Proceedings of the 8th European Congress of Adapted Physical Activity**, Faculty of Physical Culture, Palacky University, Olomouc, Czech Republic, 2006;

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed, 2002;

VAN BIESEN, D.; BUSCIGLIO, A.; VANLANDEWIJCK, Y. Attitudes towards inclusion of children with disabilities: the effect of implementation of “A Paralympic School Day” on Flemish elementary children. **Proceedings of the 8th European Congress of Adapted Physical Activity**, Faculty of Physical Culture, Palacky University, Olomouc, Czech Republic, 2006;

VAN LANDEWIJCK, Y.; EVANGGELINO, C.; BOURAMAS, Y.; KIPPERS, T. The Athens 2004 Paralympic Education Program. **7th European Congress of Adapted Physical Activity**. University of Dortmund, 2004;

VANLANDEWIJCK, Y.; EVAGGELINO, C.; BOURAMAS, Y.; KIPPERS, T. The Athens 2004 Paralympic Education Program. [Abstract] **7th European Congress of Adapted Physical Activity**, University of Dortmund, Dortmund, Germany, p. 46, 2004;

VIDAL, M.H.C.; COSTA, A.M.; FREITAS, P.S.; BERTONI, S.; CALEGARI, C.R.; OLIVEIRA, R.B.; DIAS, F. Dia Escolar Paraolímpico: uma proposta de divulgação do mundo paraolímpico. [Resumo] **Anais do II Congresso Paraolímpico Brasileiro e I Congresso Paradesportivo Internacional**. Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Uberlândia/MG, Brasil, p. 78-79, 2011;

VUTE, R. **Teaching and coaching volleyball for disabled**: foundation course handbook; [with contribution by Anita Goltnik Urnaut] 2nd ed., Ljubljana: Faculty of Education, 2009;

WILHITE, B.; MUSHETT, C. A.; GOLDENBERG, L.; TRADER, B. R. Promoting Inclusive Sport and Leisure Participation: Evaluation of the Paralympic Day in the Schools Model. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 14, 131-146, 1997;

WINCKLER, C.; COSTA, A. M. A Educação Física e o Esporte Paralímpico. In: MELLO, M. T.; OLIVEIRA FILHO, C. W. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012;

XAFOPOULOS, G.; KUDLACEK, M.; EVAGGELINOU, C. Effect of intervention program “Paralympic School Day” on attitudes of children attending international school towards inclusion of students with disabilities. **Acta Universitatis Palackianae Olomucensis, Gynmica**, vol. 39, nº. 4, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Professores

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: Estratégias Metodológicas para Inserção do Esporte Paralímpico na Escola

Parecer CEP: 910/2011 – Comitê de Ética/Faculdade de Ciências Médicas/Unicamp

Pesquisador Responsável: Tiago Borgmann

Orientador: Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida

Eu, _____, portador do RG: _____, concordo em participar voluntariamente da presente pesquisa, consciente de que, para coleta de dados, deverei responder oralmente as questões que serão apresentadas. Entendo que as entrevistas serão gravadas em mídia eletrônica e posteriormente transcritas literalmente, porém qualquer dado de identificação será mantido em sigilo.

O presente projeto será desenvolvido em caráter de pesquisa científica, com o objetivo de investigar e analisar as estratégias metodológicas utilizadas para inserção do esporte paralímpico na escola.

Como participante da pesquisa, tenho acesso à metodologia do trabalho, tendo total liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento durante a fase de coleta de dados da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a minha pessoa.

Esta pesquisa trará mais conhecimento sobre as estratégias metodológicas utilizadas pelos professores de Educação Física na inserção do esporte paralímpico na escola, não havendo ajuda de custo ou remuneração pela participação, que os dados por mim relatados terão uso único e exclusivo para fins da pesquisa em questão e que apenas dados de identificação serão mantidos em sigilo, para assegurar minha privacidade.

É de meu inteiro conhecimento que os dados relatados terão uso único e exclusivo para fins da pesquisa em questão e que apenas dados de identificação serão mantidos em sigilo, para assegurar minha privacidade.

Os responsáveis pelo projeto podem ser encontrados pelos telefones (19) 3521.6616 ou pelo e-mail tiagoborgmann@hotmail.com.

Reclamações ou perguntas ao Comitê de Ética em Pesquisa através do telefone: (19) 3521. 8936.

Vinhedo/SP, ____ de _____ de 2012.

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

APÊNDICE B: Roteiro para Entrevista com Professores

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE ESCOLA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Séries/anos da turma:

Ano de graduação:

Formação acadêmica complementar:

Tempo de experiência em Educação Física Escolar:

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

Você teve alguma formação sobre o tema?

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos?

Além do voleibol sentado e do Goalball, você acha importante trabalhar com outras modalidades na escola?

Na sua opinião, dê que forma o esporte paralímpico deveria ser inserido da Educação Física Escolar?

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO GOALBALL:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do goalball?

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do Goalball?

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do Goalball?

Quais foram as dificuldades encontradas?

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do voleibol sentado?

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do voleibol sentado?

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do voleibol sentado?

Quais foram as dificuldades encontradas no ensino do voleibol sentado?

MATERIAIS UTILIZADOS NO GOALBALL:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do Goalball?

Eram materiais da escola?

MATERIAIS UTILIZADOS NO VOLEIBOL SENTADO:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do voleibol sentado?

Eram materiais da escola?

PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE OS ALUNOS:

Qual foi a recepção dos alunos sobre o tema abordado nas aulas?

Como foi a participação dos alunos nas aulas de Goalball?

Como foi a participação dos alunos nas aulas de voleibol sentado?

APÊNDICE C: Carta de Apresentação às Escolas**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Vinhedo/SP, ____ de _____ de 2012.

À direção da Escola _____

Vimos por meio deste apresentar **Tiago Borgmann**, matrícula **115376**, do curso de Pós-Graduação em Educação Física, mestrado em Educação Física Adaptada, da Universidade Estadual de Campinas. Sua pesquisa intitula-se “Estratégias Metodológicas para Inserção do Esporte Paralímpico na Escola”, e tem por objetivo principal investigar e analisar as estratégias utilizadas por professores de Educação Física para inserção dos esportes paralímpicos – *Goalball* e voleibol sentado – na escola e a opinião dos alunos sobre a inserção do esporte paralímpico na escola. Sendo assim, solicitamos a permissão para o mestrando realizar a coleta dos dados da pesquisa na instituição.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

APÊNDICE D: Entrevista com Professor 01

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE ESCOLA

PROFESSOR 01

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Séries/anos da turma: 6º e 7º anos.

Número de alunos: 200 alunos de 6º ano e 150 de 7º anos.

Ano de graduação: Graduação em Licenciatura em 2005.

Formação acadêmica complementar: Graduação em Bacharelado em Lazer, em 2007; e Mestrado em Qualidade de Vida, em 2010.

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: “eu entrei tardiamente, eu entrei em 2010, no meio do ano, em maio de 2010”.

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“O primeiro contato foi através da faculdade mesmo, através das disciplinas, lá com o Gavião. Não com o esporte em si, assim, mas o ‘assistente’ dele. A gente não vivenciou nenhum esporte naquele momento, mas deu pra ter contato.”

Você teve alguma formação sobre o tema?

“Participei uma vez como monitor para ajudar no mestrado, na época do... de um orientando do Gavião... agora esqueci o nome dele... que a gente levou alguns cegos lá pra Botucatu, ah, o Arthur... pra fazer rapel, lá na cachoeira..”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Não, primeira vez.”

E como foi essa experiência?

“Olha, eu achei que foi bem preparado, porque você deu um tempo também pra gente se organizar, né, e deu material. Eu não fui direto pra prática, então eu passei um vídeo pra eles primeiro, passei um texto sobre o assunto, a gente discutiu em aula, daí quando a gente desceu, a postura dos alunos foi bem, assim, interessante, eles foram bem receptivos...as duas modalidades, foi interessante ”.

Trabalharia novamente?

“Sim, uhum, até penso em continuar mesmo... pro ano que vem, mesmo não sendo ano de Olimpíadas ou Paralimpíadas, mas pretendo continuar com essas modalidades... acho que é legal.”

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos?

“Foi o Goalball e o Voleibol Sentado”.

Quantas aulas foram realizadas?

“Oh, a prática eu trabalhei uma semana, peguei uma semana pra passar o vídeo, passar o texto, sendo que cada... por semana cada classe tem três aulas de 45 minutos, então, eu... a primeira semana o vídeo, o texto, discuti a parte teórica, conceitual e... daí na semana seguinte foi a prática, então, nós ‘tinha’ três aulas por sala... é... eu utilizei essas três aulas, por exemplo, eu peguei duas aulas pro Goalball e uma pro vôlei sentado... é... os alunos gostaram tanto que até pediram pra depois fazer mais vezes, só que daí eu mudei já o conteúdo e... se tiver oportunidade já em outro momento eu vou fazer, esse ano inclusive.”

Além do voleibol sentado e do Goalball, você acha importante trabalhar com outras modalidades na escola?

“Uma coisa que a gente tentou, eu falo a gente porque eu e o professor João que também da aula aqui... a gente tentou trazer lá da secretaria de esporte alguma cadeiras de rodas, que acho que é aquela adaptada, tipo... não sei se é *handbike* ou se era uma outra... pra eles vivenciarem, só que isso dependeu da secretaria e não deu certo, mas e gente pensou em trazer isso, por enquanto não deu pra fazer...e alguma outra modalidade que daria pra fazer?... agora de cabeça assim eu não lembro...essas três pelo menos”.

Tem algum motivo especial pra essas modalidades?

Então, eu achei que as duas... pelo menos essas duas, o Goalball e vôlei sentado, foram fáceis de adaptar pra escola. O vôlei sentado na mesma quadra de vôlei você já pode deixar quatro times jogando, porque da pra reduzir o espaço e... o Goalball... Embora joguem seis por vez, eu adaptei e coloquei quatro em cada time, então jogaram oito por vez e... esse foi um problema que os demais tiveram que ficar sentado assistindo... Mas eu fiz jogos rápidos, eu adaptei pra eles serem mais rápidos.”

Na sua opinião, dê que forma o esporte paralímpico deveria ser inserido da Educação Física Escolar?

“Bom, eu acho que ele pode ser um... conteúdo se for inserido já desde o começo do ano... por exemplo, dentro da sua proposta, do seu planejamento. Acho que dá pra ele ser um conteúdo trabalhado em algum bimestre do ano. Como eu falei, não precisa só ser em ano de Olimpíadas e Paralimpíadas, pode ser todo ano e... acho que é isso.”

Você acha que deveria ser inserido como conteúdo curricular ou como evento?

“Eu acho que daria pra inserir ele como conteúdo, dentro do... aliás, uma das práticas dentro do conteúdo de esporte,... acho que dá pra trabalhar”.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO GOALBALL:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do Goalball?

“Eles primeiro viram a prática... assim... profissional, vamos dizer assim, né, através dos vídeos, né, e... depois disso eu falei um pouco das regras, mas num primeiro momento bem básico, assim, só o surgimento do Goalball, e como se joga e tal... as dimensões da quadra... é... como que é feita essa adaptação pros cegos, inclusive falei pros dois anos, tanto o sexto quanto os sétimos anos, o motivo de se usar a venda, porque que se usava venda, por causa de terem diferentes... é... níveis ou grau de... de visão dos participantes... é... o que eu achei um pouco difícil pra eles foi, no caso, principalmente o pessoal do sexto ano, é que como a gente adaptou lá na quadra a

prática, eu fiz perguntas na prova também a respeito disso, e a pergunta na prova estava perguntando com relação ao profissional, ao esporte mesmo, né, mas daí eles fazem confusão e eles acabam respondendo com relação a prática que a gente fez adaptada lá... alguns, outros não... então alguns responderam ‘ah, porquê?’... uma das perguntas foi essa ‘Por que se usa venda se não cegos?’ né... daí alguns lembraram, souberam explicar que era por causa dessa diferenciação... dos graus de visão que alguns ainda tem... e outros não, outros já pensaram que pra gente é... pra gente vivenciar como é o dia a dia do cego... alguns acabaram se confundindo.”

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do Goalball?

“Bom, na prática... lá na quadra... eu tive que adaptar um pouquinho também a modalidade, tipo eu não marquei todo o campo com aquelas linhas em alto relevo, assim, né. Eu marquei... a linha que seria limite para eles arremessarem... como que eu fiz essa marcação... eu peguei corda grande... estiquei a corda na... tipo atravessando lateralmente a quadra inteira e fixei com fitas, fita crepe. A linha de fundo também coloquei uma. A gente não tinha o gol, então eu coloquei cones para adaptar, só pra delimitar onde seria o gol, pelo menos ao tocarem e... e perceberem aqui o espaço, até onde vai o gol, né... até onde termina a linha lateral da quadra. Eu também coloquei a linha logo a frente do... que é alinha que delimita o... a área de defesa, mas essa acabou nem sendo muito utilizada também, né... eu só falei pra eles que... num primeiro momento eu falei pra eles que eles não poderiam defender pra frente dela, mas o que aconteceu assim, como foi uma vivência muito rápida também, é que todos ficavam basicamente em cima da linha de gol, eles não avançavam muito... numa estratégia, um pouco mais pra trás, outros um pouco mais pra frente... então ficava todo mundo junto na linha de gol já esperando a bola. ”

Como elas foram elaboradas?

“Eu li um pouco como funcionava as regras e tentei adaptar pra realidade nossa aqui da escola.”

Todas as estratégias deram certo?

“Elas deram certo... eu acho que... eu tive um problema ou outro só com bola que eram muito forte, e a gente estava jogando menino e menina junto, e às vezes o menino jogava uma bola muito forte, bateu no rosto, por exemplo, da menina... até tive que falar: ‘aqui oh, gente, vamos... vocês protegem pelo menos o rosto’... porque na verdade acabou atrapalhando assim a... o andamento... não assim... foram poucos casos.”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do Goalball?

“Oh, eu acho que como eu trabalhei com isso ai antes, lá em sala de aula, mostrei vídeo também... eles receberam assim, muito tranquilos, as regras entenderam também, é... uma coisa que eu... uma coisa que deu mais trabalho na verdade é que como estavam oito alunos jogando, os demais tinham que ficar sentados... tentei preparar isso antes da gente descer pra quadra... ‘olha, nesse dia aqui vocês vão ter que ficar sentados observando e tem que fazer silencio, senão atrapalha, não dá pra ouvir o guizo da bola, é... isso foi um pouco mais difícil, porque tem sala que é difícil deixar eles sentados lá, e se eu deixe livre, alguma ou outra prática não ia dar certo, e também ia atrapalhar com o barulho... mas fora isso, o jogo em si foi tranquilo.”

Quais foram as dificuldades encontradas?

“Deixa eu ver aqui...que eu lembre... dificuldade não.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do voleibol sentado?

“Oh, no vôlei sentado... eu... também falei um pouquinho, mas bem rápido das regras, falei também que as regras não mudam muito com relação ao vôlei tradicional só o fato de você estar sentado e que, isso eu frisei bem, eles não poderiam levantar de forma alguma, ficar sempre sentado mesmo, no máximo, não sei se isso na modalidade pode ou não, mas eu acho que pode, é... porque a gente adaptou num primeiro momento com o câmbio, que era segundo a bola, mas que com a rede mais baixa, eu falei: ‘gente vamos através do câmbio primeiro, pra facilitar’. Porque pro sexto ano, principalmente, sexto e sétimo ano tem dificuldade em jogar o vôlei tradicional, se for fazer os fundamentos, o toque, manchete... até o sétimo ano tem, então... é... nos dois eu acabei usando o câmbio num primeiro momento, não sei se no sétimo teve alguma sala dos sétimos que tentou fazer o vôlei... eu acho que não... e... então, através do câmbio eu falei: ‘oh, vocês podem até, por exemplo... você vai pegar uma bola que não caiu exatamente na sua frente, você tombou pro lado, o corpo caiu de lado, tudo bem, ‘tá’ valendo, você segurou ela, volta pra posição original, assim, e toca pra alguém’... só que aí eu falei pra eles fazerem três toques, então era obrigado a fazer três toques... nessa primeira vivência, então alguém recebia a bola que veio do outro time, passava pra outro, que passava pra outro, e depois enviava pro outro time... ah, e no saque eles tiveram dificuldade... no saque... uma das vezes, eu acho que...eu comecei a fazer só arremessando mesmo, com a bola parada na mão, e daí teve algumas, alguns jogos que o pessoal da turma que o pessoal do sétimo ano já tentou fazer o saque, mas com muita dificuldade, assim.”

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do voleibol sentado?

“Hmm... deixa e ver... a bola... num primeiro momento também eu utilizei a bola, uma bola de borracha, eu não utilizei a bola mesmo de vôlei, até pra facilitar mesmo eles receberem ela... é... com relação a quadra... as dimensões foram até mais reduzidas que a quadra oficial do vôlei sentado, acho até um pouco menor ainda...é... o rodízio a gente foi fazendo normal... a não ser uma vez ou outra que quando tinha mais aluno em classe que daí, eu tive que deixar do que seis dentro de cada time, daí comprometeu um pouco essa questão do rodízio, daí eu deixei mais livre: ‘ah, vamos só alternando quem está sacando e tal, mas não precisa fazer o rodízio direitinho’ .”

Você utilizou apenas uma quadra?

“Eu utilizei apenas uma quadra. Aqui na escola a gente divide a quadra de... a quadra... a quadra... a quadra poliesportiva dividida em duas, né, que dá pra usar pela metade, que dá pra usar em dois esportes ao mesmo tempo, duas modalidades ao mesmo tempo... daí eu peguei uma delas só, foi suficiente. E coloquei a rede de forma que dividisse... bom, coloquei uma rede mais baixa, e... e perpendicular à rede, eu só coloquei um barbante pra dividir a quadra em quatro partes. Então eu fiz um jogo do lado e do outro, assim, tinham quatro times ao mesmo tempo, e... a outra metade da quadra nem foi utilizada. O que não deu pra adaptar, por causa da correria que fiz pra começar, não consegui arrumar a própria rede de vôlei, da quadra oficial, não consegui abaixar ela na hora lá e dessa forma ficou mais fácil.”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do voleibol sentado?

“Hmm, então eu não estudei ainda assim muito sobre como é trabalhado assim os fundamentos, embora sejam iguais, mas a forma de trabalhar devem ser um pouco diferentes, assim pra ensinar... é... mas, por exemplo, nesse bimestre eu acabei trabalhando com eles o vôlei, ‘tava’ trabalhando um pouco o vôlei... é... então eu só me baseei numa adaptação mesmo do vôlei tradicional.”

Quais foram as dificuldades encontradas no ensino do voleibol sentado?

“Eu lembro da dificuldade maior foi principalmente o pessoal do sexto ano com relação ao saque, porque até pra arremessar no fundo da quadra, do seu time, ‘tava’ difícil, por exemplo muitas meninas não tinham força pra enviar a bola pro outro lado... então muitas vezes eu tive que deixar que eles arremessassem a bola já dentro do campo mesmo, sentados, mas dentro do campo.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO GOALBALL:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do Goalball?

“Eu utilizei três cordas grandes... pra delimitar as áreas de defesa, a área de... o limite da área de arremesso, e... quatro cones pra delimitar o... a linha de fundo da quadra de vôlei, que é ali, no caso, mais ou menos a dimensão da quadra de vôlei que... que é pra se basear onde acabava o gol, né.”

E com relação a bola?

“A bola foi uma bola emprestada, né, bola de... do futsal pra cego.”

Eram materiais da escola?

“Todos da própria escola, com exceção da bola.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO VOLEIBOL SENTADO:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do voleibol sentado?

“Pro vôlei sentado, eu usei barbante, pra dividir a quadra já em dois campos, né, e quatro times jogando ao mesmo tempo... é... então foi interessante, porque assim... porque os times... os jogos não se misturaram, assim, né, embora estivessem acontecendo lado a lado, assim, dá pra você adaptar num espaço bem reduzido mesmo, e colocar uma classe inteira pra jogar... ficam 24 pessoas ali pelo menos, se ficar seis em cada time... e... ai uma bola foi uma bola, bola de borracha, também que tinha escola, e uma bola de vôlei, que também foi usada.”

Eram materiais da escola?

“Tudo da escola... e cone eu usei algumas vezes pra delimitar a linha de fundo... onde, onde encerrava a quadra lá na linha de fundo, pra eles terem uma noção melhor de espaço, nessa primeira vivencia.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Qual foi a recepção dos alunos sobre o tema abordado nas aulas?

“Ah... foi além das expectativas. Eu achei que eles... eles foram preparados pra... pra isso, mas eu achei a recepção da turma muito boa, até pelo sentido de respeitar as modalidades. Quando eu passei o vídeo sobre as modalidades paralímpicas, vários tipos de modalidades, a gente discutiu isso antes, a questão do... do fato de ter uma Paralimpíadas... que antes não... não tão muito

tempo atrás, não imaginava poder assim, que os deficientes fizessem tanto tipo de atividade assim... a... eles receberam muito bem, gostaram das duas modalidades. Com relação ao Goalball... muitos me vieram conversar depois a respeito do que sentiram pelo fato de ficarem com a venda, né... e eu até avisei: ‘gente, mesmo que se conseguirem enxergar, porque a venda até não era tão boa, porque era daquela fina, evitem de ficar enxergando, tentando levar vantagem, chegar na hora do jogo, né, tentem vivenciar mesmo como seria se... se você não tivesse visão mesmo’. E daí... eles perceberam como que era difícil a vida de um... de um cego. É... daí, vários tipos de manifestações surgiram, né... daí tem aqueles que se fecham, que não falam nada, e outros que começam a falar e não para mais... foi interessante.”

Como foi a participação dos alunos nas aulas de voleibol sentado?

“O vôlei sentado também foi... então, as práticas que a gente fez lá, foram muito boas também. Os jogos bem... a competição aconteceu de verdade, ficaram envolvidos com o jogo mesmo... e deu pra inserir, porque aqui na escola, embora não tenham muitos alunos com deficiência, nessas turmas que eu trabalhei, eu acho que pelo menos... pelo menos... uma turma que eu lembro... tem uma aluna com deficiência assim, física... e ela... participou também, assim, de igual pra igual, se sentiu incluída naquele momento... eu achei interessante. Cegos a gente não tem, então não deu pra ver deu pra vivenciar isso, como seria um cego com eles, assim, né.”

Houve alguma diferença de participação entre as modalidades?

“Oh, no voleibol... eu acho o Goalball pra eles foi um pouco mais... é... como foi algo mais diferente por estar com os olhos vendados e tal, é... a maioria quis pelo menos vivenciar, assim, né, pelo menos uma vez... daí questionaram que queriam jogar de novo, e não dava tempo, porque... o Goalball eu deixei dois dias de aula e a aula é muito curta também, é... agora no vôlei sentado, alguns alunos já um pouco maiores ali pra turma, assim, não quiseram participar... mas a maioria participou.”

Mais algum outro comentário sobre a experiência?

“Deixa eu ver se eu lembro de mais alguma coisa... O Goalball eu achei interessante isso que eu falei, né, que é o fato deles vir comentar depois o... o que eles sentiram e por ‘tá’ vendado, né...daí eu até aproveitei e... comecei a perceber isso nas primeiras aulas, depois nas demais, eu comecei a fazer o quê, a atrasar um pouco, mas depois eu achei interessante...é... eu falava pra eles: ‘calma gente, acabou o jogo, continua com a venda, não tira a venda não, fica o time inteiro com a venda... tinha quatro de cada lado que daí eu vou vir buscar vocês e levar até o... a arquibancada’. É... daí eu chegava até eles... é... pedia para eles se levantarem, pedia pra eles colocarem a mão no ombro, até pra explicar também essa questão da... de como você vai ajudar um cego no dia a dia, no... pra atravessar uma rua e tal... daí, é... de dois em dois eles colocam a mão no meu ombro e eu ia levando até a arquibancada, dando um pouco de... de informações verbais, assim, né, sobre esse caminhar nosso... eu abaixava eu virava pros lados pra eles sentirem, oh: ‘vocês tão percebendo como o ombro ‘tá’ mostrando pra vocês o movimento que eu ‘tô’ fazendo? De abaixar, de levantar?’ Então eu explorei um pouco disso também.”

E algum comentário em relação à aula e o esporte paralímpico?

“Eu acho que pela... a recepção deles foi muito boa, e acho que valeu a pena, assim trabalhar...

é... eu até, como eu até falei também antes, é... eu até ‘tô’ pensando mesmo em trabalhar nos próximos anos assim, pelo menos no mínimo fazer uma vivência. Dá pra trabalhar o Goalball, o vôlei sentado, se der pra incluir alguma outra modalidade, é... eu pretendo incluir também. Eu vi que não é difícil de adaptar, não é tão difícil adaptar pra realidade de escola. É interessante pra eles também é... mesmo com o... o conhecimento a mais, com o conteúdo, um conhecimento a mais pra eles... e também pra discutir um pouco sobre esta questão da... do... da pessoa com deficiência, né... é... as possibilidades que ela tem hoje. Tipo, eu lembro até de um professor mesmo da faculdade comentando... ele comentava que as vezes não é nem tanto a questão do... o pior problema do deficiente não é a questão da deficiência em si e nem do... (barulho)... é mais, acaba sendo mais a desvantagem que ele leva da sociedade, uma sociedade que não é adaptada pra ele... e... só que hoje em dia isso aí já ‘tá’ mudando, né. A gente não tem... a gente tem muito o que caminhar ainda nesse sentido, mas já... é... tanto que hoje já tem as Paralimpíadas pra isso... e eles perceberam, né que realmente, a desvantagem é.. imento e se surpreenderam, né... até por exemplo, a questão do.. quando mostrou até alguns jogos, jogos de inverno, eles viram a... duas equipes disputando a... o... a... como chama?! Como se fosse aquele com patins, no gelo, agora esqueci a modalidade... **Não é o Curling?** Não, não é o Curling... é... são duas equipes, pra marcar gol mesmo. **Ah, o Roquei?!** O roquei adaptado... eles... assim ficaram... impressionados com a... com a facilidade que aqueles atletas tem de se mexer, de se mover... e eles viram que é tão... ‘pegado’ quanto o outro, né... de acontecer contra a parede, os meninos lá da quadra e tal. E eles viram que às vezes é mais uma questão de ter, de ter uma adaptação pra ele mesmo, porque eles podem fazer tudo se for ver. É só ter a oportunidade de fazer, né... ter essa...essa... essa adaptação, né, para que eles possam realizar, porque eles conseguem realizar de tudo se for ver.”

Bom, acho que era isso, então, agradeço e muito obrigado pela entrevista!

“Eu que agradeço.”

APÊNDICE E: Entrevista com Professor 02

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE ESCOLA

PROFESSOR 02

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Séries/anos da turma: 7º e 8º anos, três turmas de cada.

Número de alunos: 30 alunos por turma, sendo seis turmas, num total de 180.

Ano de graduação: 2006

Formação acadêmica complementar: especialização em Ciência do Treinamento Desportivo na Unicamp, outro cursos relacionados a treinamento e curso recente sobre Educação Física Escolar.

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: primeiro ano, experiência anterior com esporte de rendimento, voleibol (categorias de base) e atletismo (corrida de rua).

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“Então, eu tive um contato, que eu trabalhava na Secretaria de Esportes aqui de Vinhedo, e todo ano a gente tem a Semana da Deficiência aqui, então... eles realizam uma semana de atividades, palestras, e... tem uma data específica que é só voltada pro esporte paralímpico, né... então nesse dia, eles trazem várias modalidades... até da Unicamp vinham cadeira de rodas... o rúgbi... acho que o handebol, não sei se era de lá... acho que o handebol era de lá também... daí nesse último ano veio tênis de mesa, mas daí já era de outra, não lembro de que lugar que era... acho que de São Paulo. Então, teve algumas modalidades que eram, eu acompanhei um pessoal que trabalhava com a bocha, né, que é aquela com a canha, né... então, estive também acompanhando lá, durante esse dia. Então com algumas assim... com o voleibol sentado também, uma vez veio uma equipe de São José dos Campos, acho que era São José dos Campos, que eles viram participar e a gente pegou, eu peguei... a gente trabalhava com voleibol, a gente montou pra alunos normais que a gente tinham lá e fez um jogo com o pessoal... a gente acabou trabalhando.”

Você teve alguma formação sobre o tema?

“Muita pouca coisa, muita pouca coisa... o básico, básico.”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Não porque como eu ‘tô’ esse ano, meu primeiro ano de Educação Física Escolar, então ‘tá’ sendo primeiro contato.”

E como foi essa experiência?

“Ah, pra mim foi muito gratificante... acho que importante, tanto pra mim quanto pros alunos... ter esse conhecimento, né.”

Trabalharia novamente?

“Acho que com certeza que sim. Acho importante os alunos terem esse contato na sociedade e

incluir essas pessoas. Importante não só levar o conhecimento do esporte dito formal, mas também o esporte paralímpico.”

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos?

“A gente trabalhou com o Goalball e o voleibol sentado, né.”

Quantas aulas foram realizadas?

“De voleibol sentado foram duas aulas e de Goalball também, duas aulas.”

Quanto tempo cada aula?

“De 45 minutos cada aula.”

Além do voleibol sentado e do Goalball, você acha importante trabalhar com outras modalidades na escola?

“É teria que ter um... um maior conhecimento dessas outras modalidades pra poder ‘tá’ passando, porque eu, sinceramente, não tenho tanto conhecimento. Sobre o voleibol sentado eu já conhecia alguma coisa, até por trabalhar com voleibol, então conhecia pela televisão e já tive a oportunidade de ter jogado contra esse grupo que... eu acho que teria que buscar um pouco mais de conhecimento das outras modalidades pra poder... mas teria interesse sim...”

Você teria alguma sugestão de como poderia ser essa busca de conhecimento?

“Acho que através de cursos, de algum lugar que já tenha... que já tenha essas modalidades, que possam passar pra gente uma didática, de como trabalhar com essas modalidades, que adaptações que devem ser feitas, pra gente... pra gente trabalhar, fazer um trabalho bem feito.”

Na sua opinião, dê que forma o esporte paralímpico deveria ser inserido da Educação Física Escolar?

“Na escola... acho que deveria ser um conteúdo obrigatório, igual aos outros... porque se... se tem pessoas normais, teria que ter em igualdade... se ela tem direito a estudar matemática e português, porque a gente não tem que trabalhar com esses conteúdos de esporte paralímpico? Então, acho que deveria ser um conteúdo obrigatório, dentro da disciplina de Educação Física também, porque tem que dá oportunidade pra essas pessoas participar e preparar esses alunos que não são deficientes, que vão conviver com essas pessoas na sociedade... então eles precisam ter esse preparo, essa consciência... da importância que também é de dar oportunidade pra essas pessoas, de adaptarem as atividades.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO GOALBALL:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do Goalball?

“É, a gente não entrou assim em parte técnica, nada assim... básico... a gente já entrou praticamente no... a gente passou logicamente uma parte teórica falando como era a modalidade, as regras básicas, não aprofundando, né... só o básico, né, pra eles terem a oportunidade de jogar. Teve essa aula teórica, depois a gente foi pra parte prática. A gente fez a aula, mas já entrando direto no jogo. Eu não fiz uma parte ‘ah, vou ensinar a lança a bola, cair pra defender’ com eles... porque até por causa do tempo que a gente tinha, né... também a gente já ‘tá’ nesse semestre em final de prova e outros conteúdos... então a gente teve que dá uma...”

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do Goalball?

“A gente trabalhou com grupos, lá, né... a gente dividiu os grupos... geralmente fizemos o jogo

normal, fizemos as venda, né...”

Foi utilizado vídeo anteriormente?

“Eu não cheguei a passar um vídeo, só foi realmente essa parte aí, da... da explicação de como era a modalidade, falar um pouco da modalidade pra eles, não só na parte... conversamos um pouco sobre... expliquei um pouco sobre... que existia a modalidade, que era pra deficiente visuais... e depois trabalhamos dentro da quadra o jogo mesmo, né.”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do Goalball?

“Acho que assim, o Goalball não é um esporte tão difícil de ser ensinado, porque os movimentos deles são pouco complexos, assim, de lançar a bola... a maior dificuldade realmente é... é a criança com a visão encoberta, né, que vai provocar o desequilíbrio nela e até um pouquinho de temor assim, né... na hora de ela cair pra defender uma bola, porque ela não tem a visão e ela precisa ficar ouvindo... o contato que vai ter com o corpo dela, mas acho que é uma modalidade tranquila pra trabalhar, não tem complexidade acho que tão grande, pra ser ensinada. Se já ‘tá’ lá no chão, lá... praticamente é só você deitar, estender os braços, as pernas... então acho que não tem uma complexidade tão grande nos movimentos, assim.”

Quais foram as dificuldades encontradas?

“Tipo, a dificuldade às vezes é pra eles é... é por causa das vendas, alguns às vezes dá... dá aquela... vamos dizer assim, uma roubada, aquela olhadinha... de não ficar com a venda o tempo todo... você percebe que tem horas que eles estão... estão vendo, que eles dão uma olhada.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO GOALBALL:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do goalball?

“A gente usou o espaço da quadra de vôlei, que é o tamanho da quadra de goalball. Trabalhamos com dois cones nas duas linhas de fundo lá da quadra, pra fazer o gol. A gente colocou uma corda, né, colocamos uma fita adesiva pra prender ela, pra ter o tato ali, pra ter a parte tátil ali, do toque. Na parte da frente, ali, na área do lançamento, a gente também trabalhou com corda, pra eles chegarem até o ponto, poderem apoiar o pé pra eles sentirem onde eles estão... e o uso das venda, né, e aquela bola... é uma bola adaptada, que não é a bola de goalball, é uma bola de futebol de salão... a gente usou esses materiais aí.” **Com guizo, né?!** “Com guizo, a bola de futebol com guizo.”

Eram materiais da escola?

“É, tirando a bola que... os demais eram todos aqui dentro da escola.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Como foi a participação dos alunos nas aulas de goalball?

“A grande maioria dos alunos gostou de participar, se interessou... em jogar... os que saiam, trocava os grupos, eles queriam voltar a jogar outra vez... eles tiveram interesse... alguns, a minoria, que não teve, não demonstrou grande interesse, mas a maioria gostou da atividade. Foi participativo pelo menos na aula, na execução da aula... pelo menos eles participaram bastante.”

Algum outro comentário específico do goalball?

“Hmm... acho que... lembro deles terem gostado, participado mesmo, terem o contato... primeiro

deles conhecer a modalidade... então, acho que foi isso que mais me chamou a atenção... saber que existe essa modalidade... pra essas pessoas portadoras... desse tipo de necessidade especial.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do voleibol sentado?

“Foram as mesmas duas aulas... também, assim... como eles já têm é... acho esse esporte mais... tirando... isso a gente vai falar depois... mas um esporte mais complexo pra se trabalhar. O voleibol exige um fundamento técnico mais difícil de ser executado. Até no voleibol normal eles já tem uma certa dificuldade, né... então... eu trabalhei com eles, na primeira, eu fiz um jogo como se fosse, sentado, normal, só que eu fiz como se fosse um câmbio, podendo segurar a bola, né... aí a gente teve uma participação... foi mais tranquila. Quando, na segunda aula eu que ia trabalhar: ‘oh, hoje a gente vai fazer normal, voleibol agora, sem poder segurar a bola’... aí já ficou um pouco mais complicado... o domínio de bola... mais dificuldade de jogar, né.”

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do voleibol sentado?

“Eu diminuí um pouco os espaços, fiz em espaços menores, também não trabalhei com... com seis, lá jogadores, eu trabalhei com quatro. Então, geralmente eu trabalhei com... eu fiz duas quadrinhas, trabalhei com barbante, primeiro, né... pra colocar dois barbantes cruzando, assim e fiz duas quadrinhas, jogando... jogo de cada lado nessas quadrinhas, e... como falei, na primeira aula eu fiz mais como se fosse o câmbio, né, segurando, e na segunda aula eu já trabalhei com o voleibol sentado mesmo, tentando dentro das... tentando seguir um pouquinho as regras do voleibol sentado. Eu fiz em quartetos, né, e depois eu fiz um jogo... aí, eu já fiz com vários alunos... não cheguei a trabalhar geralmente com seis específicos dentro da área específica... trabalhei com quartetos e depois coloquei um grupo grande de um lado e um grupo grande do outro e fiz um jogo.”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do voleibol sentado?

“Acho que eu tive mais dificuldades... é, porque assim, o vôlei é um esporte que é mais complexo pra ser ensinado que o voleibol normal, por causa da trajetória, do tempo de contato que você tem com a bola, é um esporte mais difícil de ser ensinado. Então, acho que a maior dificuldade foi essa. E principalmente a locomoção, de sair de uma posição inicial em pé para uma posição sentada, muda totalmente a... o deslocamento da criança na quadra. Assim eu até fiz umas perguntas assim pra eles, mas a maioria das respostas foi: ‘qual sua maior dificuldade?’ Eles falaram que foi a movimentação, ‘tá’ sentado, né... esse, e outra que eles falaram, que foi o saque, de sacar... que eles tem dificuldade... foram as maiores dificuldades deles assim que eu vi... comentando assim.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO VOLEIBOL SENTADO:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do voleibol sentado?

“Como eu falei pra você, na primeira aula eu fiz a rede com barbante, né... então eu fiz pra dividir as quadras, cruzando os barbantes, dividindo em duas quadrinhas. Trabalhei também com uma bola de borracha, um pouco, e depois trabalhei com a bola de voleibol normal... quarteto, num

primeiro momento em quarteto e depois eu fiz... eu fiz um grupo grande trabalhando o jogo.”

Eram materiais da escola?

“Todos da escola. Fiz com a rede normal. Esse grupo maior eu trabalhei com a rede.”

Qual adaptação foi feita para redução da altura de rede?

“Primeiro, como eu fiz com barbante, como era... uma criança segurava, mandava segurar numa altura baixa... então, segurava numa altura um pouco acima do joelho, ali, que foi mais ou menos a altura que eu fiz. Depois na... com a rede, eu abaixava ela no mesmo poste, né, da rede de vôlei e deixava ela um pouco mais baixa.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Como foi a participação dos alunos nas aulas de voleibol sentado?

“Eu achei que o vôlei foi, pelo menos na minha turma, ela foi um pouco menor do que com o goalball, eu acho porque, por causa da dificuldade do jogo mesmo. Como no goalball, é um pouco mais fácil, não tem tanta complexidade, eu acho que no voleibol, porque acho que mesmo no voleibol normal, eles já não têm grande habilidade pra jogar, já tem mais dificuldade, então acho que a maior dificuldade é essa mesmo... falta um pouco de habilidade, né, da técnica de jogo, então dificultam eles um pouco a jogar... talvez se se fizesse o jogo com uma bexiga, não sei, alguma coisa assim, uma bola que ficasse mais tempo no ar, que fosse mais fácil o contato, talvez tivesse um pouco mais de... ou uma bola de plástico que... não seja tão rápido, de repente... acho que facilitaria pra eles.”

No geral, como foi essa experiência?

“Ah, pra mim foi gratificante trabalhar isso, levar até eles um pouco desse conhecimento que muitos não tinham, né, acho que um ou outro... conhecia, e tanto que quando eu fui falar pra eles... falei um pouco das modalidades que tinham, e quando eu falei que ‘ah, tem até futebol e tudo’, alguns ficaram espantados: ‘e como que vai jogar?’, futebol pra cego, né... acho que aí foi legal, despertar neles um pouco do interesse... interesse, de conhecer, vê que existe isso pra essas pessoas, né... que elas também tem essa... oportunidade, que elas tem essa capacidade também... não é porque elas tem uma deficiência que elas também não podem participar e vê que tem prazer ali, autoestima, melhorar a autoestima dela, o autoconceito dela, pegar ela na sociedade que se sente excluída... acho que isso foi o bacana.”

Acho que era isso, obrigado pela participação.

“Tá joia então!”

APÊNDICE F: Entrevista com Professor 03

ENTREVISTA COM PROFESSOR DE ESCOLA

PROFESSOR 03

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Ano de graduação em Educação Física: 2001, em Licenciatura Plena.

Formação acadêmica complementar: aluno mestrando em Educação, na Unicamp.

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: desde 2003, e na escola atual desde 2004.

Turmas: do 2º ao 5º ano, com atividades desenvolvidas com 4ºs e 5ºs anos.

Nº alunos: 180 alunos.

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“Eu conheci aqui na faculdade de Educação Física, pelas disciplinas de Educação Física Adaptada, eu tive aula com o professor Paulo, e também participei por quatro meses de um projeto de...é...de handebol, para cadeirantes...ah...e foi um período muito curto que...depois pelo fato de ter entrado no concurso em Vinhedo fez que eu abandonasse várias atividades que aconteciam aqui. E aí eu parei com o contato com tudo isso. Eu tinha começado a entrar nesse mundo, mas aí parei pelo fato de ter outro foco de emprego e...e a própria Educação Física, mas eu tive uma cadeirante, mas daí eu já ‘tô’ entrando em outra coisa...eu tive uma cadeirante, mas aí o foco de trabalho com ela não foi a partir do esporte paralímpico, foi...de que maneira eu podia incluir aquela aluna nas aulas que estavam preparadas, que incluíam tudo, jogo, ginástica, dança...”

Você teve alguma formação sobre o tema?

“Não, não tive, eu...eu participei de um curso de libras, oferecido pela rede, durante seis meses também, com um interesse de...de tentar ter um preparo maior para receber esses alunos, porque a gente sempre recebe, e as...e as...e eles são diferentes, é...como que a gente fala, agora o termo? (risos) É...diferentes portador...diferentes...mão sei como que usa agora, cada dia...**Necessidade?**...é, diferentes necessidades. Então, foi com esse intuito...mas fora isso, não mais. Ah, participei de um evento também...agora eu começo a lembrar, né...aqui, ainda acho que, no final da graduação, no quarto ano, que era dança pra cadeirantes, e tinha aquele...coreógrafo, bem famoso, que veio dar o curso lá...Edson Claro...então eu fiz um curso com dança pra cadeirantes também, uma vez.”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Você já havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Hm, não. O que eu tento fazer é...todo início do ano, é um trabalho voltado pro corpo, o olhar do grupo pro corpo como um todo, aí, neste trabalho a gente observa que o corpo tem semelhanças e diferenças, e que essas diferenças e semelhanças variam de pessoa pra pessoa. É uma tentativa de

trabalhar...são vários aspectos com o tema corpo. O toque, a não agressividade, saber tocar, e o respeito, envolve tudo isso, a partir do tema corpo...e aí eu tento mostrar pra eles as diferenças e o respeito, isso antes de surgir essa coisa de *bullying*, sabe, porque percebi que tinha muita agressividade na minha escola. E aí, nos exemplos a gente comentava sobre as pessoas portadoras de necessidades especiais, eles mesmos davam exemplos do que essas pessoas eram capazes de fazer, mas a relação disso com...e até de dançar, de jogar...mas a relação disso com o esporte, com regras específicas e que vão para um campeonato mundial, essa relação nunca fiz. E...foi um momento que, isso eu já tinha passado sabe, quando você chegou...então foi um momento que eu pensei que fosse um bom momento pra trazer isso pra eles, já em fevereiro no começo do ano, mas com vídeos e tal, a prática viria no final do conteúdo jogo, quando eu ensino pra eles que o jogo pode ser modificado a partir das condições físicas e das pessoas, que podem modificar as regras, e daí eu trago esse exemplo, que foi o que eu fiz agora.”

E como foi essa experiência?

“Então, a experiência foi assim, pra ser sincera, né, num primeiro momento, eu fiz duas aulas...na primeira aula eu tinha separado, como eu faço eu faço com o câmbio. Como eles não sabem os gestos do vôlei ainda, nem pra começar de pé, imagina sentado. Então o que eu fiz, eu fiz igual o câmbio. Eu separei a quadra em três partes e propus que eles jogassem o câmbio só que sentado, que é aquele que a gente saca, mas segura, não recepciona direto, porque eu achei que isso já ajudava a entender o que era essa dimensão de estar sentado, com a rede, num espaço. É...só que...para algumas turmas isso foi legal, mas pra outras não teve a menor graça. E se não tem graça, eles não vão sentir a importância disso. Aí eu fiquei pensando: ‘o que eu preciso?’ Aí eu fui mudando, mudando, mudando e quando chegou no final dessa primeira aula pra todas as turmas, eu fui fazer a segunda eu pensei: ‘eu preciso de mais uma aula, porque não foi legal’. Aí, o que eu fiz: eu fiz a quadra de vôlei inteira, dividi a classe em duas partes, coloquei 10, 15 sentados de um lado e 10, 15 do outro, e aí eu ia contando ponto...e eram muitos alunos na quadra, então a bola caia menos no chão...e fui contando ponto e é incrível que simplesmente mudar o número de alunos e o espaço e ficou super legal. Então foi uma coisa de estratégia, de saber como aplicar para determinado grupo, de que maneira vai ser interessante. E às vezes não dá pra gente saber sem tentar, né, aí tenta de novo. Não é porque uma vez não deu certo...tenta descobrir a estratégia, porque na próxima vez eu já vou começar assim: quadra inteira, metade-metade, contado ponto, e quando eles tiverem ‘pego’ bem a dinâmica com a bola, acrescentar mais outra bola e aí eu acho que já deu certo essa segunda vez, essa segunda aula. Acho que a próxima, incrementando, vai ficar mais legal ainda.”

Quais foram as estratégias anteriores que você tentou?

“Então, foi deixar a classe dividida em três mini jogos. Eu coloquei barbante de uma trave a outra, do gol, então a trave, então a quadra de vôlei ficou dividida num sentido horizontal, não sei, no outro sentido...**Longitudinal?** É, perpendicular ao que realmente é, e três grupos de é...mini jogos e... eu acho também que o bairro é muito difícil, eles brigam muito, tem muita agressividade, problema na resolução de regras, e você sai de um grupo ajuda a resolver, vai pro outro...o fato de eu não ‘tá’ com o foco em todos facilitou um afrouxamento do jogo sabe e...e aí ficou sem graça, porque eles brigam porque o outro não está respeitando. Quando eu estava

olhando pra todos, e contando o ponto desse time e estava todo mundo ali como amigo, com o meu olhar, apesar de eles terem menos possibilidade de pegar na bola, foi o que resolveu, foi uma estratégia ao contrário do que a gente usa. Então foi essa mudança, a mudança de espaço e de numero de jogares, que eu não sei, que em outro lugar poderia ter sido ao contrário, né. Mas eu achei que usar o cambio, também é uma boa estratégia pro Ensino Fundamental I, que ainda não tem contato com os gestos do vôlei de uma forma que fique legal, sabe.”

Você acha importante trabalhar com essas modalidades na escola?

“Eu acho que sim, porque elas trazem...mais um possibilidade de mostrar pros alunos que as práticas corporais são uma forma de expressão, portanto elas...as pessoas que, independente da necessidade dela, ela também...se expressa em qualquer coisa, na dança, nos jogos, na luta, ela também se expressa, e ela também pode resolver ir para um aprimoramento, e então acho isso muito importante, as crianças podem visualizar isso. Talvez o alto rendimento visto desse olhar, visto desse olhar, é bem interessante de ser trazido pra escola, porque ele valoriza a pessoa, ele mostra pros alunos que aquelas pessoas são capazes, né. Eu não gosto de trazer o alto rendimento como exemplo, sempre, em minha aula, mas nesse caso, é muito interessante, porque a imagem e os vídeos falam mais que tudo. Então, é nesse aspecto que...é uma contribuição, eu achei que essa atividade ela vai se inserir pra sempre no meu programa agora. Não sei se sempre o vôlei, mas alguma coisa, posso mudar alguma coisa, um ano uma coisa, outro ano outra.”

Na sua opinião, o esporte paralímpico poderia ser inserido no currículo da Educação Física Escolar?

“Acho que sim...é...porque, inclusive o alto rendimento, sem ser...pra ser discutido e debatido. E em cada ciclo, ele vai ter sua profundidade no debate, mas ele faz parte do mundo, faz parte de um...faz parte de uma forma de expressão e...só que ele tem um caráter, eu acho de...uma coisa pessoal, um nome que eu...ele tem um caráter bonito ai, na apresentação aos alunos, mais que o esporte de rendimento e ai pra ser debatido. Talvez, nem tanto pra ser apreciado...mas eu sei que o esporte paralímpico não é aquela mil maravilhas, que tem as suas...deve ter, porque está no mundo e no mundo é assim, mas ele traz essa possibilidade do aluno visualizar a...a possibilidade de dessas pessoas, é simbólico pra muitas outras atividades que essas pessoas podem desenvolver na vida. Então, é uma imagem que simboliza o quanto que essas pessoas podem. Então, isso é um...um caminho de caráter importante, que eu acho, pra trazer pra escola, mais do que a Olimpíada, de rendimento, mas o esporte paralímpico, nesse sentido de...já um dando uma forcinha ao aluno que isso é legal.”

Com relação as estratégias, mais alguma coisa a comentar? Dificuldades e facilidades?

“Com relação as estratégias eu acho que foi isso, uma...uma mudança de atitude, a partir da observação do que os alunos tentaram, acho que isso...uma mudança de espaço e do numero de jogadores. É...então, eu acho que é aquilo que o professor sempre tem que 'tá' atento, ele tem que insistir, ele não pode desistir na primeira, ele tem que insistir, mas o insistir modificando, pra que aquilo uma hora aconteça. E nessa insistência, é um jogo de erro e acerto, e o que você acerta, você segura, mas pode ser que isso, em outra escola seja diferente. Eu vou chegar com aquela ideia que deu certo, mas de repente a outra é...então é isso, a estratégia foi, eu acho que a primeira estratégia já deu certo, que foi não tentar o vôlei direto, foi o cambio. O espaço, a mudança de

espaço, depois que eu vi que a primeira estratégia já não deu muito certo, e o número de alunos. Agora, eu acho que a discussão do início do ano, ela deu um embasamento para que eles pudessem entender a importância da prática, a discussão do corpo.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO VOLEIBOL SENTADO:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do voleibol sentado? Eram materiais da escola?

“Como foi o vôlei...eu escolhi o vôlei sentado também pela facilidade dos materiais, porque eu achei que fosse mais assim...fácil de fazer, queria que fosse aceito. Então eu fiz um...uma coisa que eles já sabiam, que é o vôlei, e que também fosse fácil pra mim, pra dar certo, queria que desse certo. E eu usei o quê: o barbante, e uma bola, foi isso só, quer dizer, é muito fácil de fazer, né...Ah, passei os vídeos que você passou pra gente, antes de fazer o vôlei sentado com eles, no câmbio, eu mostrei pra eles no meu note book mesmo, como era o vôlei sentado no esporte paralímpico, pra dar um incentivada neles.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Qual foi a recepção dos alunos sobre o tema abordado nas aulas?

“Foi...eu achei que foi boa a recepção. É...na primeira aula eu acho que não foi com relação ao tema, acho que foi com relação a minha estratégia, porque a própria...eles olhando as imagens, eles já...eles já viram, já aceitaram que aquilo era interessante. Então, o problema maior foi a minha estratégia, a professora...foi chato, mas não é que ele não gostou do tema e que ele não acha importante, ele foi chato o jeito que eu fiz, e por isso que eu tentei melhorar. E...alguns alunos vieram...eles tem mais, eles vem comentar. Alguns aceitam com uma reflexão maior, sabe, mas no geral o tema é aceito e visualizado como uma coisa boa por todos. Até os difíceis.”

Como foi a participação dos alunos nas atividades?

“Então, a primeiro foi difícil, meio forçada: ‘fica aqui’, ‘fica quieto’, ‘eu já falei’, entendeu?! Foi...brigando, foi forçando. A hora que eu mudei a dinâmica...é...a participação foi completa, porque...é claro que tem um ou outro que é difícil, mas em qualquer assunto, aí o problema não é do tema, o problema é...da escola, dele, meu, de tudo mundo, não é do tema, entendeu. Mas é que a característica da atividade que não rolou ali na primeira vez. Na segunda vez, a aceitação foi boa pela maioria, pra não ficar muito assim...100%. A maioria aceitou.”

Mais algum comentário sobre algo que você percebeu?

“Então, Tiago, eu...na minha pesquisa de mestrado, eu ‘tô’ pesquisando o processo...como a gente se constitui como professor, né. E uma das visões, uma das coisas que a gente acredita é que o professor se constitui de diversas formas, pela interação, pela interação social, e com essa interação, desde a história de vida até as contribuições acadêmicas, e depois que ele sai, ele continua pela interação se constituindo professor. É...a sua vinda entrou no meu processo de constituição, breve, né, ela entrou nessa interação e na minha prática pedagógica. É...ela passou a integrar e modificar a minha prática pedagógica, porque é...as práticas, a forma que eu ‘tô’ vendo, a forma como eu trabalho, ela não se modifica drasticamente, mas ela, a partir dos princípios que eu elegi, ela sofre pequenas alterações...que a gente acha significantes a partir das contribuições

da relação com o outro. Então ela sofre, minha prática pedagógica sofreu uma pequena alteração a partir dessa...dessa sugestão do esporte paralímpico. O que eu vou fazer a partir de agora é...eu preciso estudar melhor pra mim, eu não quero fazer do esporte paralímpico, um estudo banal, sabe superficial e banal. Eu não quero. Pra isso eu vou ter que voltar a estudar (risos). Então vou ter que voltar e estudar melhor. Acho que só vai ter um bom, um resultado melhor no ano que vem. Acho que agora eu ainda vou tratar da Olimpíada e esporte paralímpico um pouco assim, né...esbaforido, também por conta do meu mestrado, que eu tenho que terminar, mas é...também não quero tornar uma coisa...falar que fiz uma coisa pra falar que fiz esporte. Eu quero estudar mesmo, o que é significativo pra trabalhar, acho que é isso.”

Você havia comentado sobre alguns desenhos das crianças...

“Ah, é...a gente tem, eu comecei no ano passado, não deu certo, aí eu insisti esse ano...a insistência é importante, né. Toda aula, uma criança leva o caderno da classe embora, e ela tem que fazer um desenho e uma pequena escrita, se ela quiser, ou só escrita ou só desenho, do que ela achou da aula ou do que ela aprendeu. É uma maneira da criança refletir pelo menos uma vez de forma...sistemática sobre o que ela fez na aula e uma forma de eu ver pelo menos ver o olhar de pelo menos uma criança sobre aquela aula que eu dei, e eu vou variando de criança para criança, aí ela vem, apresenta pra turma o que ela achou da aula anterior, é uma maneira também da gente lembrar o que fez, faz a aula e no fim da aula eu entrego pro próximo. Depois da aula do vôlei sentado, algumas crianças levaram o caderno, então eles têm, eu tenho o registro de algumas turma do que a criança achou da aula do vôlei sentado. As vezes vai ser só um desenho e eu...eu sei que uma classe ou outra escreveu é...sobre a importância da aula. Dai eu pensei em tirar foto e mandar pra você. Legal. Pra vocês avaliarem isso, mais uma forma pra eu saber o que, o olhar do aluno, a pesar de ser um aluno em 400, mas... **você se lembra o que as crianças escreveram?** Olha, eu lembro de pelo menos um registro que tem assim a importância, ‘eu percebi que as pessoas que...’ elas escrevem do jeito delas, né, ‘...que as pessoas que não tem perna também podem jogar’, sabe, de maneira muito simples. Ela escreveu de um jeito muito simples, mas ela entendeu a profundidade da proposta, né...que a forma como ela se expressa é...é mais simples, né, mas ela entendeu. E eu vou achar e mando pra vocês. **Ah, legal.** Pelo menos pra vocês verem, né. **Bom, bacana.**”

Mais algum comentário?

‘Acho que não. Acho que eu falo demais (risos).’

OK. Acho que era isso. Muito obrigado.

APÊNDICE G: Entrevista com Professor 04

ENTREVISTAS COM PROFESSORES DE ESCOLA

PROFESSOR 04

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Ano de graduação em Educação Física: 2006.

Formação acadêmica complementar: especialização em Educação Física Escolar.

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: dois anos de estágio e seis anos de profissional.

Séries/anos da turma: 6ºs e 7ºs anos.

Nº alunos: 230 alunos.

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“Faculdade. **Faculdade! Através de disciplinas?** Através de disciplinas, ahamm...antes pela própria TV, eu sempre fui apaixonada por esporte, então, qualquer coisa que tinha na TV de competição, esporte eu assistia, até se tinha competição de palitinho a gente fica assistindo e, ao me deparar na faculdade com a disciplina, foi onde eu tomei gosto pela coisa, de...de vivenciar, de praticar, de sentir a dificuldade e mostrar pros outros também a dificuldade que existe, mas que nada impede de tentar.”

Você fez cursos sobre o tema?

“Ao tema de adaptada, eu participei de um congresso, fiz uma dinâmica em São Carlos, mas isso foi no meio da faculdade, faz muito tempo já, mas depois disso eu já não tive mais tanto tempo pra fazer, mas eu gosto, gosto...mas pra fazer o curso mesmo, eu não tive nenhum momento específico para isso.”

Alguma outra experiência sobre o tema?

Não, tirando...tirando a prática na faculdade, esse curso que eu fiz e as vivências do próprio projeto na faculdade, tipo fora, não, não. Tive meu pai adoentado, então. Ele era...ele era...foi...foi identificado como Alzheimer, foi, né, foi diagnosticado como Alzheimer, então a gente passou por um processo aonde a gente tinha todas as fases de uma doença gradativa, então a gente teve desde o básico até cadeirante, tudo, a ter noção de cuidado, então, eu tive uma vivência de perto disso, né.”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Desde que eu entrei. Nessa unidade de ensino que estou, eu trabalho com eles o esporte adaptado desde 2007, desde que entrei.”

E como tem sido a experiência ao longo dos anos?

“É... foi bem gradativa. Comecei com percepção corporal através das vendas...depois disso,

adapte um espaço pra gente jogar um goalball...depois a gente passou a aperfeiçoar o goalball, né, com as vendas, eu tinha poucas vendas na época, até que encontrei uma pessoa que pode fazer pra mim as vendas, daí eu consegui uma ‘penca’ de quinze vendas, mas aí vai desgastando, aí vou perdendo as minhas vendas, preciso arranjar mais (risos)...e fui acrescentando e melhorando, mas sempre com a base do que: da vivência da percepção corporal de...de deficientes visuais, dos DVs, e depois uma vivência, uma prática onde eles usassem isso. Não vou dizer pra você que as outras deficiências são...muito trabalhadas, acho que não tem como: um cadeirante, fica difícil a gente utilizar uma cadeira, porque a gente sabe o alto custo do material. E foi aí que um deficiente...um PC (paralisia cerebral), a escola dificilmente vai ter um PC comprometido cognitivamente, um DI (deficiente intelectual), dificilmente vai ser encontrado, e o físico é um pouco mais...tem mais acesso, mas são poucos, então não dá pra fazer uma atividade muito grande, até que eu conheci, tive um acesso maior ao voleibol sentado, aí que eu fui começar a trabalhar. Eu inseri percepção corporal, depois a deficiência visual, o goalball, depois eu inseri a física, com o voleibol sentado. Então eu mutilava-os de alguma maneira, enfaixava...bloqueava mesmo o movimento, pra eles não fazerem mesmo o movimento, e tipo, deixar só o braço, tirava o antebraço, e eles tinham que bater com o cotovelo e a mão; eliminava uma perna, bloqueava e tal pra eles terem a vivência dessa deficiência e tentar se locomover, sem a cadeira, no chão.”

Além desses conteúdos, algum outro que você queira inserir?

“Que eu ‘tô’ crescente agora nisso, agora que eu vou conseguir um material novo, pra gente continuar o trabalho com isso. Vou tentar e vou conseguir aos pouquinhos inserir o futebol de cinco. Esse futebol de cinco eu consegui fazer em duas salas, duas salas em que a dinâmica rola legal, porque tem outras que por mais que eu tente, eles não têm essa consciência do outro.”

Qual a idade das séries/anos que você trabalha?

“A base são 11 e 12 anos, a maioria tem entre 11 e 12 anos. Só que nós temos alguns que vão fazer 13, nós temos alguns perdidos que estão com quase 15. Mas o grosso mesmo isso mesmo, 11, 12 anos.”

Na sua opinião, como o esporte paralímpico deveria ser inserido no ambiente escolar?

“Eu acho que ele deveria ser inserido como um conteúdo como outro qualquer, como o esporte, como a ginástica, de trabalhar em cima do coletivo, da cultura corporal, é...é uma prática como as outras, tem que ser trabalhada sim, tem que ser mostrada essa possibilidade, eu brinco com eles que e falo no momento sério, né: ‘hoje vocês não são, mas amanhã poderão ser. Hoje vocês não são, mas amanhã, com certeza, vocês vão utilizar em algum momento da vida essa informação que eu ‘tô’ te dando’. E outra que assim, ‘a gente não sabe o dia de amanhã, eu falo pra eles, é sair aqui da escola, chegar aqui na esquina como vocês são doidos e ser atropelado. Aí complica a sua vida, e você precisa ter uma noção de que tem possibilidades’. E eu uso muito a palavrinha que meu professor até por coincidência...usa, que é o bendito potencial. Eu falo pra eles: ‘vocês tem que usar seu maior potencial. Seu potencial é isso, ‘vamo’ correr atrás. Tem que buscar sempre’. Então, não é porque perdeu uma perna, perdeu um braço que você vai parar de viver, mas buscar sempre. Não é porque você tomou uma nota vermelha numa disciplina que você vai parar de estudar. Aí você tem que continuar máximo correr atrás. Mas isso eu passo pra eles, mas pela idade, demora um pouco pra eles entenderem...então eles vão vivenciar quando eles passam

pra manhã, e eles ficam ou pouco mais velhos, e de manhã eles tem a vivência da semana do deficiente físico, né, portadores de necessidades especiais, que eles usam, que é no final de agosto...e eles sempre trazem esporte pra dentro da escola, né...ano passado foi com DI, o pessoal da APAE, com o tênis de mesa, né, tomaram um cacete dos aluninhos do APAE, porque eles não jogam muito, né, então, fizeram uma festa. E esse ano foi legal que veio o Voleibol Sentado, então, assim, foi interessante...até eu nem perguntei pra eles, mas assim, eu tenho certeza que contribuiu a vivência que tiveram comigo, no 6º ano, 7º ano, contribuiu para eles terem uma noção, né, nessa semana, de vivência de voleibol sentado. Não era uma novidade pra eles. A novidade seria ver uma pessoa deficiente jogando, mostrando o melhor, porque eles já passaram pela situação, entendeu?! Acho isso legal, porque vai encontrando a informação junto com a realidade, vai casando.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO GOALBALL:

Qual foram o enfoque e as estratégias utilizadas no ensino do goalball?

“Eu faço a parte bem histórica do esporte adaptado, como ele surgiu, a evolução dele, porque os deficientes não tinham essa prática antes, eu coloco tudo isso pra eles, o preconceito, né, a sociedade, até que a gente chega nos primeiros que foram a natação e o atletismo, né, daí eu coloca pra ele que não dá pra você enxergar a deficiência visual e a auditiva, que aí fica mais fácil, e é onde eu coloco pra eles que...pego, tenho uma grande porcentagem populacional que é cega, então isso é uma realidade que eu coloco pra eles. Então nesse primeiro momento eu coloque que a nossa deficiência mais próxima é a cegueira. Aí, a partir disso, eu venho com um vivência de percepção corporal, que é as vendas, aí eles usam no trabalho de que: um vidente e um não vidente, um com venda e o outro sem. Eles percorrem toda a escola, vivenciam diversos terrenos, quadra, arquibancada, a escada gramado, valeta, é...barulho diferente, onde é mais fechado, espaços abertos, então eles vão vivenciando, dou um tempo, troco, para os dois vivenciarem a mesma coisa, vou ensinando algumas táticas pra eles, que ajuda, auxilia você é...conduzir seu cego, né, seu não vidente, e aí eles vão vivenciando. Aí, depois dessa etapa, aí a gente parte que dá pra fazer jogar, brincar, cego. É onde eu coloco o goalball. Aí eu explico bem básico, não coloco muita regra, até porque não é uma fase de regras específicas, eu diria isso, que no 9º ano poderia jogar legal um goalball, mas pra eles, só deles conhecerem a modalidade, eu já trabalho nesse sentido. Então, eles tem a noção de que eles tem um espaço, que eles tem que se proteger e que é gol se passar deles. Então, basicamente esse é o bem grosso. Eu falo da técnica basicamente, como se lança, não pode ir pingando, tem que ir rolando. Então eles vão se adaptando. A primeira vai pingando, que ele jogam alto, depois eles já começam a perceber que não escutam. Então, como não ouvir, então eles tem que fazer alguma coisa que rola no chão, então eles começam a rolar no chão a bola certinho. Aí vão aumentando a força, aí começam a vir as risadas, daí então: ‘gente, precisa de silêncio, senão não escuta o guizo’. Então eles vão se adaptando a uma realidade nova, que é o silêncio. Aluno dessa idade não consegue ficar em silêncio. Então eles têm aprender a ficar em silêncio. A hora que tem noção a coisa sai.”

Quantas aulas você trabalha com o goalball?

“No total...olha, a gente tem um planejamento bem extenso pra pouco tempo de aula. Você já deu

uma olhada como é o nosso planejamento? **Não, mas pelas reuniões a gente percebe mais ou menos.** É muita coisa pra pouco tempo, só que normalmente eu trabalho por volta de umas seis aulas, entre história, vivência, percepção e a prática, dá umas duas semanas, 15, 20 dias aí, mais ou menos. Mas acho que dá legal pro goalball. Se quiser colocar mais alguma coisa a mais, daí leva um pouquinho a mais, uma ou duas aulas pra fazer essas atividades.”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do goalball?

“Facilidade...a forma como eu trato com meus alunos. Eu falo pra eles: ‘sempre estar com a mente aberta pro novo. Nunca achar que Educação Física é só futsal’. Então eu falo pra eles desde o início que Educação Física é para você conhecer seu corpo, e com isso tudo que envolve o corpo. Um deles é o esporte e dentro do esporte tem o esporte adaptado e o convencional. Então, eu consigo inserir desta maneira, então eles estão sempre abertos ao novo. Então, toda a vez que eu chego com um conteúdo novo, eles ficam...já, né...vai vir coisa nova, diferente. A gente sempre tem mais do mesmo, mas mais complexo, aumenta a complexidade, mas tem uma coisinha nova. Então a gente vai trabalhando nisso.”

E quais foram as dificuldades encontradas?

“A primeira é o silencio. É uma fase muito difícil, porque eles querem falar, por mais que você tente e pede silencio, eles querem falar. Mas é o medo do novo, o bendito medo do novo. Depois que eles pegam, aí eles começam a insistir; ‘não professora, dá mais’, né, ‘ah, a gente vai fazer o do cego?’ Então eles começam a pedir. Até normalmente eu trabalho num momento no sexto e outro momento no sétimo, mas aí eles descobrem: ‘oh professora, você vai dar hoje o da venda?’ Calma que vai chegar o momento de vocês!’ Eles ficam ansioso, mas a dificuldade maior que eu tenho, lógico que eu fico brava, que eu brigo, quero a atenção deles, mas basicamente é o silencio, que é o que a modalidade precisa, mas isso pra eles é a morte, porque numa aula normal já não fica em silencio, imagina quando é exigido silêncio.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO GOALBALL:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do goalball?

“Olha, ‘vamo’ lá. Eu ‘tô’ num ano excepcional, porque até então eu fazia com material adaptado, né. A bola é uma bola bexiga, que a gente chama, que por causa da idade são mais fracos, então não tem tanto, mais no sentido do voleibol sentado, mas no goalball é aquela aprendida na faculdade, é a bola de basquete dentro da sacolinha. Esse ano eu tive a oportunidade de adquirir duas bolas de futsal com guizo, então a gente já trabalhou, esse ano, com a bola de futebol de guizo, mesmo sendo o goalball eu trabalhei com essa bola.”

Foram feitas no espaço?

“O espaço eu utilizo o...por ter...por precisar de silêncio, a minha quadra tem muito eco, então eu coloco eles na sala. Então a gente prepara a sala, de maneira que não fique nada que vai machucá-los, e a gente cerca com a base da carteira, não da cadeira, então ali eles sabem onde está terminando a quadra, então eles se locomovem ali, sabem onde é o fundo do gol e sabem onde termina as laterais da quadra. Eles não tem muita noção do espaço central, mas aí eu passo pra eles rolarem a bola, não falo da regra dos 3 metros, que tem que pingar na área de ataque e depois defesa, defesa depois ataque, isso já não cobro deles, até porque a gente não tem espaço

pra...pra eles terem uma noção de tatear a mão no chão, então eu falo pra eles o mais próprio possível do gol eles arremessarem, não avancem muito pra frente. Então, dá pra fazer essas adaptações dentro da sala. Fora não dá. Tentei fazer, 2007, 2008, tentei fazer na quadra, mas na quadra da muito eco, ela é muito grande, e se eu delimitar o espaço, qualquer barulho que você faça num cantinho se espalha pela quadra inteira, e aí não dá certo. Ai acabava não ouvindo o barulho da sacolinha.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Qual foi a recepção dos alunos no Goalball?

“É medo. Eles chegam ‘oh, que bola’. Achem que vão levar bolada, que não vão saber onde a bola ‘tá’, mas aí, depois da explicação é que eles pegam e aí vai que é uma beleza, mas no primeiro momento, pra eles é um mundo novo, que até então eles desconhecem. Os meus vão conhecendo aos poucos, que eu vou falando pra eles: ‘ah, gente, tem competição que tá aparecendo, vê se tem alguma coisa na TV, vê se tem alguma notícia na Internet. Não tem, e porque que não tem?’ A gente ainda conta com um cadeirante aqui na escola, então as vezes esse cadeirante instiga eu a puxar mais ainda eles: ‘ah, vocês podem, porque o Vinicius não pode?’ Então eu vou puxando pra poder dar essa abertura na mente desse...mas aos poucos eles vão aceitando. Teve um ano que veio basquete da APAE de Limeira, acho que foi isso, e...assim, eu tinha um aluno que era ‘basqueteiro’, ele ‘tá’ hoje num time de São Paulo, e eu falei assim, oh, você tem noção de trabalhar tudo: ‘joga, só que não alivia, joga normal’. Aí eu deixei eles jogando com a turma, tudo, jogando normal, né, acho que se divertiram, né. Os meninos da APAE xavecando as meninas do vôlei, porque a gente faz misto e tal, aí...eles jogaram tudo, foi uma dinâmica legal, porque essa turma, quando veio o basquete, foi uma turma que eu acompanhei os quatro anos, então a gente foi gradativamente aumentando, desde a vivência, depois o goalball, depois o voleibol sentado, depois a experiência de ter uma visita de um professor da área explicando o que é uma Paralimpíada, e depois eles verem, finalizar com um vivência de basquetebol com deficiente intelectual, né. Então assim, fechou com chave de ouro, então. Digo que minha turma mais consciente foi essa, que saiu em 2010. De lá tem três enfermeiras, Cotuca, então não posso reclamar. E essa turma foi ótima.”

Mais alguma coisa sobre o goalball?

“Acho que era isso...a consciência deles foi aumentando aos poucos. Acredito assim, que depois da vivência, que eles viram e falam: ‘nossa, que difícil’. Aí acho que naquele momento eles ainda não conseguem assimilar, mas aí depois, no dia-a-dia, se acontecer alguma coisa, e tiver uma sensação parecida, eles vão lembrar; eles relembam, né. Então eu acho que isso...de certa maneira fica marcante. Pra quem nunca teve a vivência, eu nunca tive esse vivência na escola, na minha formação não tive, mas acho que faz uma ‘diferencinha’ pra frente, não agora, até porque eles estão aprendendo a viver agora, eles querem festa nesse momento.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:

Qual foi o processo de ensino do voleibol sentado?

“Então, esse...esse foi o mais complicado, em que sentido? Espaço, porque a gente precisa da

bendita rede, né, e a rede depende dos postes, a gente não tem aqui, dificilmente a gente tem material de aula, muito mais postes adaptados assim. Então a gente fez a famosa adaptação de abaixar a rede, né, abaixamos a rede. Aí teve um porém: a nossa quadra é velha. Era velha demais o chão passa mina por baixo, então ‘tava’ corroído, tava’ esfarelado o chão. Então, quando eu ia dar o voleibol sentado, eu já tinha assim, um primeiro momento, assim de...repulsa, gente, traz um moletom velho ou uma calça antiga da escola, do uniforme, que vai deteriorar. Então, eles tinham que ir se arrumar, e depois jogar a prática, porque acabava com a calça mesmo, de raspar, de corroer, porque não dá pra deslizar. Hoje, esse ano foi lindo, deslizaram porque a quadra foi reformada em novembro, então deu pra fazer uma prática legal, mas nos anos anteriores eu sofria nesse sentido. De vez em quando eles saíam lesionados, certo, saíam ralados, literalmente, porque o chão era cruel, e eu conseguia jogar quatro times ao mesmo tempo. Baixei a rede, dividi no meio, ao invés de ficar com 5(m), ficava com 4,5(m) por 6(m), e eles jogam, duas equipes de um lado, duas equipes no outro. Então, jogava a sala inteira, jogava a sala inteira.”

Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do voleibol sentado?

“Usava uma bola leve, por eles terem, serem mais novos, eles não tem essa força pra sacarem por cima, até porque não exijo deles agora sacarem por cima, e a força mesmo de dar o toque, manchete, mal conseguem dar manchete normal em pé, quanto mais sentado, então...aí, eu coloquei uma bola bem leve pra...aquela coisa da brincadeira, da...aquele ditado da faca de dois gumes: leve para motivá-los a conseguir, porque eles já estavam numa situação de amputação, eles já estavam numa situação ruim, e se eu colocasse uma bola pesada, ia ficar maior ainda e a frustração ia ficar maior. Então, eu colocando uma bola super leve, a frustração não existiu, porque eles conseguiram sacar, a bola passava, aí vai mais da técnica, da noção, da habilidade, do aluno pra conseguir jogar, mas pra não frustrar tanto, fiz essa adaptação.”

Quais foram as facilidades e dificuldades com relação o voleibol sentado?

“Eles gostam bem. Eu pego no pé deles que eles não percebem que levantam o quadril. Isso é típico deles, eles não percebem. Eles querem pegar na bola e esquecem que o quadril tem que ‘tá’ em contato. Aí...vem o famoso joelhinho, que daí eles esquecem também que são amputados, que não pode usar o joelho, não pode usar a parte da perna e da...da... coxa, mas a maior preocupação é isso: ‘foi ponto!’, ‘não, não foi ponto, porque levantou o quadril para atacar, então não valeu. É do time adversário’. Então, isso é legal que eles tem que ter a noção de que eles não podem se locomover. Então, pode ser que num momento mais a frente, eles voltam a pedir, como já pediram outras vezes, e eu fazer essa simulação de amputar, mesmo, no sentido de prender a perna, de maneira que eles não possam se movimentar.”

Mais alguma consideração com relação ao voleibol sentado?

“Difícil. É a consideração que eles fazem. ‘É difícil.’ Porque eles já acham assim o voleibol uma modalidade difícil tecnicamente, por causa da idade, depois vão ficando mais velhos e já gostam, mas a hora que eles percebem que tem uma coisa mais complexa ainda que o voleibol normal, eles fala: ‘nossa, professora, como é difícil’. E tem alguns momentos que eu passo vídeos pra eles. Eu insiro alguns vídeos pra eles de voleibol sentado, eu passei a final de 2007 pra eles, né, pra vários anos, né, aqui do Pan, passei pra eles, a semifinal na verdade. Aí eu vou passando,

passando o goalball, goalball tem pouco vídeo, a gente não tem tanto acesso a vídeo do goalball. É...basquetebol em cadeira de rodas, já passei vídeo pra eles também. Aí eu falo pra eles: ‘ah, como que a gente pode ter uma noção da diferença entre eles? Percebeu que um tem as duas pernas, outro é amputado? Aí a gente entra na classificação e aí é onde eu também explico a classificação do voleibol sentado, do goalball e de algumas modalidades do esporte adaptado, né, que a gente coloca, basquete, rugby, tem toda a pontuação e aí eu explico pra eles que é devida a deficiência. Como eles já tiveram aula de postura, e eles tem uma noção da interferência direta de uma lesão na medula, então eles sabem, eles tem uma noção que se interferir na coluna pode dar um problema, então eles tem.”

No geral, mais alguma consideração ainda sobre o assunto?

“Ah, eu quero material. Acho que assim, acho que a maior...o maior problema nosso é material e acesso, porque...e tempo, porque...material, acesso e tempo, porque a gente pode começar com acesso a imagens, né, depois a vivência, de um material próximo, e depois nós termos o nome material, porque pode ter oferecido uma semana aqui, uma semana ali, mas não é o nosso, que a gente trabalhar em outro momento, ou fazer uma dinâmica que não seja do goalball ou do voleibol sentado, mas que chegue próximo, então as vezes eu sinto falta disso. E assim, eu queria e...assim, pra mim ‘tá’ sendo frustrante, eu queria que eles vivenciassem, mas aqui os meus, que é o período da tarde, de 6ºs e 7ºs anos, eu queria que eles alguma coisa de cadeira de rodas. Então, isso é minha maior frustração, que eu não consigo. É um horário que as vezes a acessibilidade do material, não pode vir a tarde, eles sempre preferem de manhã, e de manhã eu não dou aula, então pra mim meio que fica limitado, eu quero pros meus a tarde e porque, assim, seria interessante que eles ouvem as vivencias e querem: ‘já cai de cara no chão com a cadeira’, ‘já bati a cabeça no chão atrás com a cadeira’, né, ‘é muito legal’, ‘você brinca com a cadeira fica difícil pra arremessar’, qualquer coisa, e eles ficam interessados, e acho que minha maior frustração é isso: não ter acesso as cadeiras, pra eles perceberem a diferença, de uma normal, uma adaptada, uma específica do jogador, né, essa é minha primeira frustração e a outra, falta de material, né, e outra eles verem o rúgbi de cadeira de rodas. Porque eu trabalho com a modalidade normal, adaptada, né, não é rúgbi de campo, né, mas trabalho dentro da nossa realidade aqui. E eu falo que tem em cadeira de rodas, e eles ficam fascinados aqui, já sabem que tem implantado no normal, e eles querem ver a bendita pancada na cadeira de rodas, então eles ficam alucinados. Já entrei em contato com algumas pessoas, mas é difícil de trazer também, porque antes a gente não tinha quadra, agora tem uma quadra mais ou menos que dá pra jogar, só que fica difícil.”

Era isso, mais alguma coisa?

“Acho que era...o tempo, a gente precisa de tempo...ah, a Educação Física precisa ter seis horas por semana (risos).”

Muito obrigado pela contribuição!

“Imagina, estamos aí, no que precisar de mim.”

APÊNDICE H: Entrevista com Professor 05

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE ESCOLA

PROFESSOR 05

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Ano de graduação: 1997, em Educação Física – Licenciatura Plena

Formação acadêmica complementar: especialização em Educação Física Escolar e Psicopedagogia Institucional

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: 15 anos, profissional.

Séries/anos da turma: 1º a 5º ano, 1ºs e 2ºs anos com atividades, e 3ºs e 4ºs anos com esportes.

Nº alunos: 160 alunos

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“Então, da experiência mesmo de ‘tá’ vendo na TV, né, daí esse contato que você passou pra gente, dessas modalidades. Eu cheguei a usar os vídeos que você passou pra gente em DVD, trouxe aqui, no telão, e eles gostaram bastante, foi uma boa, um bom retorno que eles apresentaram.”

Você teve alguma formação sobre o tema?

“Não, não. A gente teve assim na graduação, eu tive uma professora de...ritmo, de atividades rítmicas, que é lá da Unicamp, não sei se você conhece...**Não, não conheço.** Que...que ela mostrou pra gente, assim, ela trabalhava com um grupo de cegas na Unicamp, com deficientes visuais e...uma vez a gente assistiu assim e lembro muito vagamente o basquete sobre cadeira de rodas. Só. Até então não conhecia o goalball e o vôlei sentado. Sabia que existia, tinha visto na TV, mas não tinha tido contato mesmo.”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Não. Tinha tido uma outra experiência, até eu relatei, com a queimada, e como eles são menores, né, tinha feito uma queimada...fiz uma queimada adaptada, e assim outras atividades, bem, não especificamente o...a modalidade esportiva.”

E como foi a experiência?

“Ah, eu tive um retorno bom. Eu não esperava que fosse tanto. Eles gostaram bastante. O encantamento pela bola que emitia som, pra eles foi assim...foi muito bom.”

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos?

“Então, anteriormente eu vivenciei a Paralimpíada mesmo, mostrei pra eles, a gente mostrou algumas imagens durante o processo...antes de começar a Paralimpíada mesmo, na Olimpíada normal lá. Aí a gente mostrou algumas imagens pra eles, começou, falamos da deficiência, do porque, tal, a gente questionou assim: ‘será que qualquer um pode participar da Olimpíada?’, né.

Então assim, as respostas foram das mais diversas: ‘não’, ‘sim’, ‘e por quê?’, né. A gente questionou o porque, daí a gente mostrou, que até então a gente não tinha focado quando surgiu essa pergunta e... e aí esse bate-papo foi muito legal... ‘mas profe, pode sim, que eu vi lá no comercial, ele não tinha perna, ele tinha um ferro’, eles não sabem dizer essa questão de prótese e tal, ‘tinha um ferro só’, ‘o moço ‘tava’ pedalando com a mão, assim’. Foi muito...eu achei bem bacana mesmo. Eu gosto de trabalhar essa questão com eles.”

O que foi trabalhado com os primeiros anos?

“Então, com os menores, a gente trabalhou assim: explicou dos deficientes, das dificuldades que eles tem, das necessidades de...de apoio que precisam...de...assim, da inclusão. Nós focamos em temos gerais depois eu coloquei da prática esportiva mesmo. Cheguei também a mostrar pra eles a bola, mas não desenvolvi uma atividade específica com aquilo. Então a gente vendou os olhos...é...falei com eles sem emitir sons, então tinha que realizar a atividade que eu pedia, por exemplo, se eu pedia para pular num pé só, só que sem emitir o som, então eles tinham que fazer a leitura labial. Pedi que todos...tapassem o ouvido, né, em outra situação. É...também pedi que eles não podiam colocar os dois pé no chão, foram atividades de corrida, de saltar, de conduzir um bola, né...eles tinham que dominar uma bola, seja com a mão, seja com o pé, mas não podia usar os dois pés, os dois pés não podiam ‘tá’ no chão. Foi mais nesse sentido mesmo. De perceberem a dificuldade que os outros tem.”

E com os anos seguintes?

“Então, isso foi com o 1º e 2º anos. Com os 3º e 4º anos, é...houve uma ou outra atividade que eu fiz nesse sentido e depois eu trabalhei realmente o goalball e...o vôlei sentado foi com o quarto ano.”

Além dessas modalidades, você acha que mais poderiam ser trabalhadas na escola?

“É, então, nós temos um cadeirante, que na verdade não é meu aluno, que é o J.F. Nós já tivemos dois, e eu acho que...se a gente pudesse para que eles pudessem pelo menos ter um contato, ou trazer ou assistir, né, assim, um basquete em cadeira de rodas, porque nossa, o I. é super esperto, que é esse do 5º ano, ele é super esperto. Pelo que o pessoal fala, ele brinca na rua, brinca de skate, toca o skate, vai. Não tenho esse contato com ele, as crianças que contam, e ele gosta muito do basquete. Então, até...a gente cogitou a possibilidade de estar incluindo ele...no basquete em cadeira de rodas. Ele, não me lembro agora qual foi a questão, que ele perdeu...parece que ele nasceu normal, e perdeu assim ainda quando bebê, parece que por uma doença, não lembro agora, porque eu conversei com a mãe há quatro anos atrás, né, quatro não, desculpa, três anos que ele tá no 5º, ele chegou no 2º aqui. E aí, assim, seria interessante ter outras atividades. Eu acho, né, assim. Independente. Bom, como eu sempre faço alguma coisa relacionada, mas seria interessante a gente ‘tá’ trazendo outras modalidades sim.”

Na sua opinião, dê que forma o esporte paralímpico deveria ser inserido da Educação Física Escolar?

“Dê que forma? Então, eu acho assim, é...não pensar apenas no ‘porque temos um cadeirante, nós temos um deficiente visual’ ou o que seja, nesse sentido deles experimentarem, de sentir a dificuldade do outro, e saber que isso pode acontecer com eles, porque né... eu sempre deixei bem claro assim: ‘o Israel não está na cadeira de rodas porque ele quer, o outro não escuta

direito porque ele quer, né, teve essa dificuldade de ouvir, né, porque ele quer, ou de enxergar porque ele quer'. Eu coloco nesse sentido pra eles...que ninguém 'tá' livre de passar por algum acidente, de uma doença que pode 'tá'...infelizmente, a gente tem que ser realista, porque, e aí?"

Mas você acha que o esporte paralímpico deveria ser inserido como conteúdo ou como evento na escola?

"Eu não digo exatamente como conteúdo. Assim...por exemplo, eu costumo dividir assim: tem os pré-desportivos, com os alunos menores, então por exemplo, no começo do ano, eu trabalho handebol, as...as habilidades de manuseio com a mão no primeiro e segundo bimestre. Ai inclui 'hand', basquete, queimada, né, que eu passo pra eles. Ai o futebol eu deixo pro terceiro bimestre, que eles voltam com a corda toda, então a gente já aproveita. Eu sempre deixo o vôlei por ultimo, porquê? Ele é um pouco mais tranquilo e é a época mais quente, e a quadra vira um sauna, então eu deixo pra trabalhar os pré-desportivos de vôlei lá no final do ano, né. Então, eu acho que, dentro dessas modalidades, a gente aproveitar, uma ou duas aulas que seja, e usar como estratégia o paralímpico. Eu penso assim. Eu sempre procuro fazer uma coisa relacionada. Não digo assim, que todos os bimestres acontecem, mas eu procuro aproveitar as deixas, as situações e inserir."

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO GOALBALL:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do goalball?

"Então, é...com os 3^{os} anos, quando eles viram os vídeos: 'mas professora, como eles sabem que a bola 'tá' saindo?' Até então eu não tinha mostrado a bola. 'Como eles sabem que a bola 'tá' passando perto deles?', né. Ai teve alguns 'ah, profe, eu acho que eles enxergam um pouco' Então teve assim várias opiniões, né. Ai eu esperei, a hora que eles se acalmarem e falei, não, a bola tem um elemento dentro dela, aí expliquei e depois mostrei a bola, aí eles ficaram assim, encantados. Ai, quando eu vendei os olhos, eles ficaram procurando. 'Não, não pode tirar a venda'. 'Não pro, mas eu não 'tô' vendo'. 'Mas é essa a intenção; não quero que você veja', né. Teve assim, alguns acidente, né. Nada grave, felizmente. E ai assim, a situação de...teve alguns que burlaram mesmo a regra, conseguiram ficar olhando. Deixei seguir. Teve uma turma que eu percebi que 'tava' muito, muita malandragem, tem aquele turma mais tranquila, aquela mais malandra. Ai eu fui mais rigorosa nesse sentido, porque senão, perde também o objetivo da aula. E o encantamento deles pela bola foi, assim, algo que me surpreendeu."

Quais outras estratégias utilizadas para o ensino do goalball?

"Então, de inicio, eles queriam chutar a bola. 'Não, é que a gente quer chutar'. Não...tudo bem'. Deixei um pouco. Depois, parei, olhavam tudo. 'Pronto, agora a gente vai fazer igual a gente viu lá na TV, no vídeo. A gente vai tentar fazer com as mãos'. 'Mas, ah, profe...', 'Não, é com a mão agora'. Tanto é que os acidentes ocorrem, né, quando eles queriam chutar, né, então eu deixei, falei que existia o goalball e que existe o futebol de cinco, né. Ai, teve um que falou: 'não, pro, eu vi na televisão. Eu já assisti. Meu pai 'tava' assistindo e chamou eu pra ver'. Que legal, que bacana, né. Ai, teve então essas duas situações, eles com os pés e depois realmente tentando jogar o goalball. Eu fiz meia quadra, porque como o grupo, as salas são menores, então o que eu fiz, eu coloquei as meninas de uma lado e os meninos do outro. Ai a B. me ajudou me ajudou de um lado e eu fiquei do outro. E assim, eu gostei mesmo, realmente, foi bem..."

Como foi o desenvolvimento da aula?

“então, eu expliquei, depois de ter mostrado o vídeo, expliquei a situação, que...lá no caso, o espaço era delimitado de outra maneira, como são feitas as linhas, e tal, é...meu receio foi que minha quadra tem uma mureta com alambrado em volta e então tem um ‘degrauzinho’, assim, acho que...uns 30 centímetros, que é o nosso carma, a gente briga tanto com aquilo ali, que passou reforma e eles não tiraram, então, a gente tomou esse cuidado, né, e quando a gente percebia que eles estavam se aproximando demais, porque se empolga, né, criança vão tudo em cima da bola. Quando a gente percebi que eles estavam se aproximando demais, a gente parava ‘opa, ai não’. Teve uma criança que passou e a gente deixou, ficou acompanhando. Ela saiu, tem um portãozinho, vai pros banheiros, ela passou do portãozinho, e quando ela percebeu que, né...deu aquele desnível, que...tem a rampa, né, pros cadeirantes, né, ai ela: ‘ai, pro, eu saí, né? Me ajuda a voltar?’. Ai a gente veio de volta. Teve vários que pediram ajuda, também: ‘ai não ‘tô’ conseguindo, me ajuda’ e...a modalidade em si, com a regra, eu não...a...a única questão foi que eu realmente priorizei, foi que eles tentarem não tirar a venda, não olhar, e de tá utilizando a mão, né, depois de ter tido esse contato com os pés.”

Quais foram as facilidades e dificuldades encontradas no ensino do goalball?

“As facilidades...foi assim, que eles se empolgaram em fazer isso, como a gente já vinha conversando, teve a empolgação deles, que ajudou bastante. Teve porque, acho que uma única turma assim que ficou...(interrupção). É...teve uma única turma que acho que ficou pouco mais resistente, mas depois que eles sentiram, viram a bola...então essa empolgação, esse entusiasmo facilitou bastante o trabalho, e outra questão foi essa mureta que preocupa um pouco, na aula normal já preocupa, imagina vendado (risos). Como a gente dividiu o espaço, eu e a B., então, é...não aconteceu nada, nenhum acidente lá.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO GOALBALL:**Quais foram os materiais utilizados no ensino do goalball?**

“Materiais...assim...especificamente eu só...a única coisa foi só que no meios eu coloquei meus bancos suecos pra dividir o espaço, e foi só.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:**Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do voleibol sentado?**

“Justamente nessa turma eu fiz, porque um grupo até...considerável, uma média de 30 alunos, pelo menos uns 12, 15 pediram ‘não, pro, vamos fazer aquele do vôlei também’, porque eu mostrei pra eles aquela imagem inicial, de Pequim, que mostrava várias modalidades e tal, depois eu mostrei o vôlei e por ultimo eu mostrei o goalball. Dai eu mostrei mais o goalball do que o vôlei. Dai esse grupo, depois de ter experimentado o goalball, pediu ‘Pro, vamos fazer aquele vôlei sentado também?’. Ai a gente estendeu uma barbante, o alambrado ajuda nesse sentido (risos), né, não é de todo ruim. Ai, aquela... ‘não, mas tem que levantar’ ‘não, não pode, você não pode ficar em pé’, ‘ah, Pro’, ‘mas não pode, a regra é essa, você viram lá no vídeo, né’. Ai eu mostrei lá no vídeo: ‘ah, mas teve gente que...’, ‘mas eles levantaram, não pessoas que conseguem, é...só que eles levantaram só na hora de comemorar o ponto...durante o jogo, a

movimentação da bola, ninguém pode levantar’. Então foi assim, não foi nem um período todo da aula, foi um espaço de tempo menor, mas eles gostaram bastante. Foi justamente por isso, que essa classe pediu...também quero, né. ‘Na aula seguinte a gente faz de novo?’ Aí fiz...aí teve uma turma que eu fiz...uma aula e meia. Que na outra aula foi 45 minutos, né, daí eu vinha, mostrei o vídeo e fui pra realização da atividade. Então teve uma turma que fez naquela aula e na aula seguinte mais um pouco, que eles gostaram bastante. E...essa turma que pediu ia fazer na aula seguinte, só que eu cheguei com a intenção do goalball ‘não, Pro, vamos fazer hoje o vôlei?’ a gente quer ver como que é também, uma média de 12, 15 alunos, quer dizer, metade da sala, né, e eles gostaram bastante, viu. Teve essa questão do ‘ah, eu quero levantar’, ‘não, não pode, a regra é essa’. Aí...eu gostei mesmo da experiência, foi bem válida.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO VOLEIBOL SENTADO:

Quais outros os materiais foram utilizados no ensino do voleibol sentado?

“Utilizei uma bola, na verdade nem é uma bola de vôlei oficial, são aquelas bolas de EVA, que são mais leves. Eu nem...eu nem...pra essa turma eu nem mostrei a bola de vôlei, que eu deixei pro final do ano. Então as atividades que a gente tem feito, são com as bolas de EVA.”

E com relação ao espaço, qual foi o utilizado para o voleibol sentado?

“Foi reduzido...reduzido. Eu fiz, é...vamos supor um...eu dividi metade da quadra ao meio, daí eu coloquei barbante num alambrado e no outro, mas eu coloquei os bancos suecos dividindo a metade da quadra então ficou meio a meio...como se fosse metade da quadra de vôlei.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Mais algum comentário a mais sobre a recepção dos alunos sobre nas aulas?

“É, então, quase todos, como eu já lhe tinha, teve uma classe que ficou um pouco mais resistente, mas depois quando percebeu a bola também se encantou e foi mais tranquilo. Mas, na imagem inicial, quando eu mostrei o vídeo inicial, que eu mostrei dos acidentes que acontecem...ah, eu nunca lembro o nome daquele que eles pedalam, nunca lembro o nome daquele esporte. É uma corrida, é como se fosse uma bicicleta, mas eles pedalam com a mão. **O Handbike.** Então, esse...é *handbike* que se chama? **É um ciclismo só que numa *handbike*.** É, então, caíram na risada e tal. Aí teve alguns que olhavam pra mim assim, né, pensando ‘Prof, não vai falar nada?’ Mas deixei rolar. Aí, depois, quando ‘vocês lembram quando a Pro falou que eles não fazem aquilo porque eles querem? Não são dessa maneira porque querem? Existem situações...aqui ninguém é igual a ninguém, pedi pra eles se olharem a mão...’ Aí acabou, não teve mais risada, não teve mais festa. Aí quando tiveram contato com a bola, já não teve nenhum...”

E sobre sua experiência, algo a mais a relatar?

“Certeza, certeza que vou repetir. Eu pretendo, porque assim...a recepção foi muito boa...e não esperar chegar uma outra Paralimpíada pra ‘tá’ mostrando isso a eles. Mesmo que a inclusão ‘tá’ aqui. Nós temos um único deficiente físico, mas temos alguns limitados, não podemos considerar que eles não deficiente físicos, são por problemas neurológicos, mesmo que eles tem essas dificuldades, né. Nós temos num 1º ano, um aluno com bastante dificuldade, mesmo, e tem

um terceiro que...nossa, ele é muito limitado, mas ele anda, no ritmo dele, a maneira dele, os dois, tanto o do primeiro como o do terceiro. Tem um aí que a gente investiga aí que possa ter uma dispraxia, é...mas como tem outros problemas relacionados, a dispraxia, nesse sentido, fica, né, num segundo plano, como o efeito dessa... ”

Bom, acho que seria isso, teria mais alguma coisa ainda a acrescentar?

De momento não.

Agradeço a disponibilidade e contribuição. Obrigado, mesmo.

Que bom!

APÊNDICE I: Entrevista com Professor 06

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE ESCOLA

PROFESSOR 06

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Ano de graduação: 2007

Formação acadêmica complementar: curso de atividade de física para pessoas com deficiência EAD, curso de libras

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: setembro/2011

Séries/anos da turma: 1º ao 4º ano e 7º e 8º anos

Nº alunos: 400 alunos, no total, atividades com duas turmas de 7ºs ano, com 60 alunos.

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“Na faculdade, tive matéria com o Prof. Júlio Gavião...ele pode mostrar tudo o que ele podia mostrar.”

Você teve alguma formação sobre o tema?

“Não, não tive.”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Não, não por falta de tempo, de material, falta de oportunidade, começando agora, comecei em setembro, fica complicado...”

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos relacionados ao tema?

“Foram com duas turmas de 7ºs anos que foram feitas as atividades...montei uma rede baixinha pra jogar o vôlei sentado. Escolhi duas turmas que aceitassem mais, mas mesmo assim teve pouca aceitação, alunos ficaram bravos por ter que jogar sentado...os alunos tem pouca instrução fora, com problemas de indisciplina, periferia, tem um discrepância com os alunos do centro.”

Você acha importante trabalhar com outras modalidades na escola?

“Eu acho ótimo, acho super legal, sendo que você mostrar pra eles, esse outro lado, esse vivência, eles não enxergam o outro...até o aluno cadeirante participou das atividades, foi pro chão...”

Dê que forma o esporte paralímpico deveria ser inserido da Educação Física Escolar?

“Acho que daria pra ser colocado como conteúdo, da mesma forma que se trabalha o handebol, futsal, basquete, e porque não colocar o esporte paralímpico junto, pra mostrar as dificuldades e facilidades”.

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:

Qual foi o enfoque/conteúdo ensinado do voleibol sentado?

“Pedi pra eles...todas as salas darem uma olhada nos Jogos Paralímpicos, aí as salas que mais demonstraram interesse, eu trabalhei...escolhi as salas que realmente querem aprender, mas ‘tava’ muito corrido, jogos, final de bimestre...aí poucas turmas tiveram interesse, muitas nem davam bola quando passava, perguntava sobre os jogos...mas nem aí, daí escolhi algumas turmas, pra trabalhar...mas começava a montar a rede baixinho, eles começavam a fazer bagunça...em um das turmas que consegui fazer eles sentados, eles tinham dificuldade em usar as pernas, e não conseguia fazer os fundamentos, e usava as pernas, e levantava ‘oh, ‘tá’ roubando’, comentavam depois ‘oh, pro, mas é difícil, né?!’, ‘mas claro, né, você tá com uma limitação’ mas eles não viam a possibilidade de jogar sentado e sim a limitação de não ter uma perna...mas no final foi legal...alguns alunos ‘tavam’ até cortando”.

E a questão do espaço? Era uma quadra?

“Foi aqui no nosso ginásio, quadra coberta...mas o bom do vôlei que temos uns mastros que consegui montar a quadra...com medidas parecidas, passei fita crepe...peguei mais ou menos a altura de rede, direitinho, né...foi até bem mais fácil.”

Conseguiu envolver todos os alunos?

“todos os alunos não, boa parte...uns 70%”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do voleibol sentado?

“o mais fácil foi que como a rede ‘tava’ baixa, eles acham que podiam tudo...e a dificuldade foi fazer eles não usarem a perna, eles levantam, né”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Qual foi a recepção dos alunos sobre o tema abordado nas aulas?

“A recepção foi boa...aqueles 70% que fizeram acharam ‘nossa, profe, como assim, agora eu não posso andar? É sentado? Como assim’...são bem curiosos... ‘eles jogam sempre assim, né?’, ‘é, imagina viver assim!’”

Algum comentário sobre a experiência?

“Eu precisava de mais oportunidade...lembro que na faculdade a gente jogava em cadeira de rodas...e se fosse possível ter mais coisas, mais oportunidades, seria bem mais legal”

APÊNDICE J: Entrevista com Professor 07

ENTREVISTA COM PROFESSORES DE ESCOLA

PROFESSOR 07

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:

Ano de graduação: 1993

Formação acadêmica complementar: curso de extensão em Qualidade de Vida, diversos cursos de 30 e 60 horas; aperfeiçoamento em atividade física para pessoas com deficiência EAD

Tempo de experiência em Educação Física Escolar: 13 anos

Séries/anos da turma: 1º a 5º anos, com 1º e 2º futsal sentado, 3º a 5º goalball e queimada sentado.

Nº alunos: 10 turmas de 25 alunos, 250 alunos no total.

CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:

Como você conheceu o esporte paralímpico?

“Eu tinha a disciplina de Educação Física Adaptada, mas quando você não tem um aluno com deficiência, você trabalha a Educação Física normal, mas já tive cadeirante, muda, agora tenho um menino com problema com mobilidade, não fica em pé sozinho, e eu quero que ele faça tudo que os outros fazem...mas nem sempre eu consegui, e essas atividades vieram de encontro ao que eu queria...e faz um tempo que não faço nada nessa área, e hoje eu percebo que não é pelo fato de ter ou não aluno deficiente na aula...os outros também tem que conhecer, mesmo sem o aluno...ter o respeito pelo outro...ta sendo muito valido”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?

“Olha....dessa forma, da forma com que trabalhei foi a primeira vez...ja trabalhei com jogos cooperativos, futebol aos pares, mas desta forma, não... pra mim é uma novidade”

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos?

“Então, acho que esse ano, casou tudo...as Olimpíadas, as Paralimpíadas...com todos eu trabalhei o tema, pedi pesquisa, painel...e aqui em Vinhedo, tem a Raquel Viel, que foi a primeira a ir a uma Paralimpíadas...então, a gente estudou, pedi trabalho, pesquisa...tudo veio de encontro.”

Como foi o futebol sentado?

“Como no segundo ano eu tenho esse menino...quando eu falei que iria trabalhar, ele amou e as outras crianças, também...e eu percebi o seguinte, é uma atividade tranquila, sem esbarrão de criança, segura pra eles...e uma coisa foi se encaixando...eu falo muito do respeito, do ajudar...to ta contribuindo”.

Você acha importante trabalhar com esse conteúdo na escola?

“Eu acho”.

Da forma como você trabalhou? Faria algo diferente?

“Olha, por enquanto o resultado foi positivo...teve a semana do idoso e resolvi colocar uma atividade adaptada...todo mundo queria participar”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO GOALBALL:

Quais as estratégias que você usou?

“No futebol sentado, eu usei uma bola de vôlei um pouco murcha, porque a de futebol poderia machucar...na queimada também...no goalball, você me emprestou as bolas...e no futsal sentado delimito a quadra de vôlei pra tá trabalhando e fui trocando, colocando no gol”

E com o goalball?

“Com o goalball fui explicando o que era, passei o vídeo, falei que iria passar na tv, nas Paralimpíadas....dai fui pra quadra, fizemos exercícios de tá arremessando, pegando...devolver...depois, eu fiz os trios, coloquei as vendas, fui trocando a criança...a maioria deu pra participar bastante...a queimada também...com os maiores da pra trabalhar mais, eu acho”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do goalball? Material?

“Material acho que não, porque usei o que tinha e o que você me emprestou...mas o que achei interessante foi que eles nunca tinham visto a bola com guizo...foi muito joia..e achei que foi fácil, são poucas regras...explicava que nesse espaço tem que quicar no chão..logo entenderam e queriam jogar mais.”

MATERIAIS UTILIZADOS NO GOALBALL:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do goalball?

“a bola com guizo, né...as venda, eu improvisei com TNT...as outras bolas eu tinha...e usei coletes, né, que eu sempre uso.”

Você usou material tátil?

“não, não pus, mas comentei com eles no vídeo...foi assim que eu fiz...se saia eu ficava de olho, não teve acidente nenhum...graças a Deus.”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Como foi a recepção dos alunos sobre o tema abordado nas aulas?

“Confesso que no início fiquei insegura...eles também...mas pro fim, todos gostaram, mas eles pedem mais, querem jogar mais...até a diretora quer comprar pra ter aqui na escola”

Mais algum comentário? Repetiria de novo?

“Com certeza...eu não conhecia o goalball...foi uma experiência boa, as crianças gostaram, deu uma diversificada”

Faria outra atividade?

“tem o voleibol pro próximo semestre, então eu acho que vou inserir o voleibol sentado, já que eles pediram pra repetir”

Bom, acho que era isso. Mais alguma coisa?

Não, acho que era isso.

APÊNDICE K: Entrevista com Professor 08**ENTREVISTA COM PROFESSORES DE ESCOLA****PROFESSOR 08****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA:****Ano de graduação:** 1989**Formação acadêmica complementar:** especialização em Fisiologia do Exercício**Tempo de experiência em Educação Física Escolar:** 1 ano**Séries/anos da turma:** 1º a 4º ano**Nº alunos:** 300 alunos**CONTATO E FORMAÇÃO EM ESPORTE PARALÍMPICO:****Como você conheceu o esporte paralímpico?**

“Fui atleta por 16 anos e assistia tudo sobre esporte e...conheci por aí...mas na minha formação não tive nenhuma disciplina relacionado a esporte paralímpico, nada”

ENSINO E DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:**Havia trabalhado com esporte paralímpico anteriormente na escola?**

“com as crianças menores, eu peguei um barbante e amarrei de gol a gol...trabalhei com o grupo todo...com bola de vôlei...bolas mais leves...trabalhei até bom bexiguinha, mais leve pra dar tempo de pegar a bola...e se propuseram a realizar a atividade...variava as bolas...foram mais de uma semana de atividades...e senti que os menores se colocavam na situação do outro, até o 3º ano...já o 4º ano não senti que eles foram positivos na minha proposta, não”

Quais modalidades/conteúdos foram desenvolvidos?

“sim, só o voleibol sentado...foi o que eu consegui trabalhar com eles”

Você acha importante trabalhar com outras modalidades na escola?

“sim, principalmente por causa da inclusão...pra sentirem que todos podem fazer, de uma maneira diferente”

Na sua opinião, dê que forma o esporte paralímpico deveria ser inserido da Educação Física Escolar?

“essa pergunta é um pouco difícil ainda, porque eu não não tenho muita experiência e to aprendendo com os alunos, mas tem que ser inserido...para a criança aprender a lidar com o diferente...mas a forma que deveria ser inserido, ainda não sei.”

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS VOLEIBOL SENTADO:**Quais foram as estratégias utilizadas para o ensino do voleibol sentado?**

“eles foram bem receptivos...pedi para que eles sentassem de um lado do barbante e o grupo do outro, coloquei o barbante bem baixinho, na altura compatível...e comecei com uma bola bem leve, pra dar tempo pra eles pegarem e depois coloquei a bola de vôlei, e mesmo com as

dificuldades eles fizeram...e depois eles jogarem de pé...e realmente acharam que foi mais difícil jogar sentado, porque o deslocamento é difícil pra eles.”

Quais foram as facilidades encontradas no ensino do voleibol sentado?

“Sim, foi fácil, tranquilo...muito receptivo...o único que eu queria era o goalball, mas não tinha a bola, daí ficou difícil de adaptar”.

Quais foram as dificuldades encontradas no ensino do voleibol sentado?

“a dificuldade foi a parte de comportamento do 4º ano, que a resposta foi grosseira, não querendo jogar, foram arredios...mas só o quarto ano”

MATERIAIS UTILIZADOS NO VOLEIBOL SENTADO:

Quais foram os materiais utilizados no ensino do voleibol sentado?

“Bola bexiga, 3 bolas pequenas de borracha, bolas de vôlei, barbante.”

Foram quantas aulas?

“Três aulas...uma na terça, uma na quinta, uma na quinta...com cada turma”

RECEPÇÃO DOS ALUNOS:

Qual foi a recepção dos alunos sobre o tema abordado nas aulas?

“Aqui, os 2ºs e 3ºs anos adoraram fazer o vôlei sentado...eu introduzi as aulas a partir da inclusão de dois amigos na aula, jogando vôlei”

Como foi a participação dos alunos nas aulas de voleibol sentado?

“Todos, até o 4º ano...fiz bem grande...todos participaram.”

E mais alguma coisa sobre experiência?

“Foi uma experiência nova...tenho um pouco de dificuldade em pegar uma criança cadeirante, to aprendendo muito, mas com o tempo vou aprimorando”

Pretende continuar trabalhando?

“Sim...acho que deveria ter a semana do deficiente no planejamento...mais de uma semana até...que uma semana é pouco.”

Acho que era isso.

“Espero ter ajudado”

Ajudou sim, obrigado!

ANEXOS

ANEXO 01: Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa

CEP, 29/11/11
(Grupo III)

PARECER CEP: Nº 910/2011 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto).
CAAE: 0815.0.146.000-11

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: "ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA INSERÇÃO DO ESPORTE PARAOLÍMPICO NA ESCOLA".

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Tiago Borgmann

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Educação Física/UNICAMP

APRESENTAÇÃO AO CEP: 09/09/2011

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 29/11/12 (O formulário encontra-se no site acima).

II – OBJETIVOS.

Investigar e analisar as estratégias metodológicas utilizadas por professores de Educação Física para inserção dos esportes paraolímpicos - voleibol sentado e goalbal - na escola. Investigar e analisar a opinião dos alunos sobre a inserção do esporte paraolímpico na escola.

III – SUMÁRIO.

Trata-se de um estudo qualitativo descritivo visando observar, compreender e dar significado para o fenômeno estudado. Os sujeitos da pesquisa serão divididos em dois grupos de estudos, os quais serão convidados a participar espontaneamente da pesquisa: Grupo 1: formado por dez professores de Educação Física atuantes na rede municipal de Vinhedo/SP e Grupo 2: composto por duzentos alunos do ensino fundamental das escolas municipais de Vinhedo/SP. Critérios de inclusão: Grupo 1: participarão do estudo os professores de Educação Física da rede municipal de Vinhedo/SP, de ambos os sexos, que estejam ministrando aulas da disciplina, independente de tempo de formação, carga horária ou número de alunos na classe. Grupo 2: participarão os alunos dos professores do grupo 1, participantes das aulas de Educação Física sobre o tema esporte paraolímpico, com idade entre 12 e 14 anos, de ambos os sexos. Serão estabelecidos para exclusão do grupo de estudos: Grupo 1: o professor que não se enquadrar nos critérios de inclusão, não estar de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a instituição de ensino impedir a realização da pesquisa ou o entrevistado desistir do estudo por espontânea vontade. Grupo 2: os alunos serão excluídos do estudo quando não houver consentimento assinado pelos pais/responsáveis, não participar das aulas de Educação Física sobre esporte paraolímpico ou a instituição de ensino impedir a realização da pesquisa. Para o Grupo 1 Será utilizada uma entrevista semi-estruturada, com roteiro pré-estabelecido e todas as entrevistas serão gravadas e transcritas literalmente. Para o Grupo 2 será utilizado um questionário no formato de escala Lickert, em que os sujeitos deverão escolher a afirmativa que melhor retrate sua opinião, com valores entre 0 (não se aplica) e 4 (concordo totalmente).

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES.

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas - SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br



**FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa

Após respostas às pendências, o projeto encontra-se adequadamente redigido e de acordo com a Resolução CNS/MS 196/96 e suas complementares, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

V - PARECER DO CEP.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES.

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

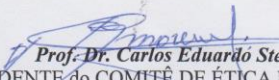
O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII- DATA DA REUNIÃO.

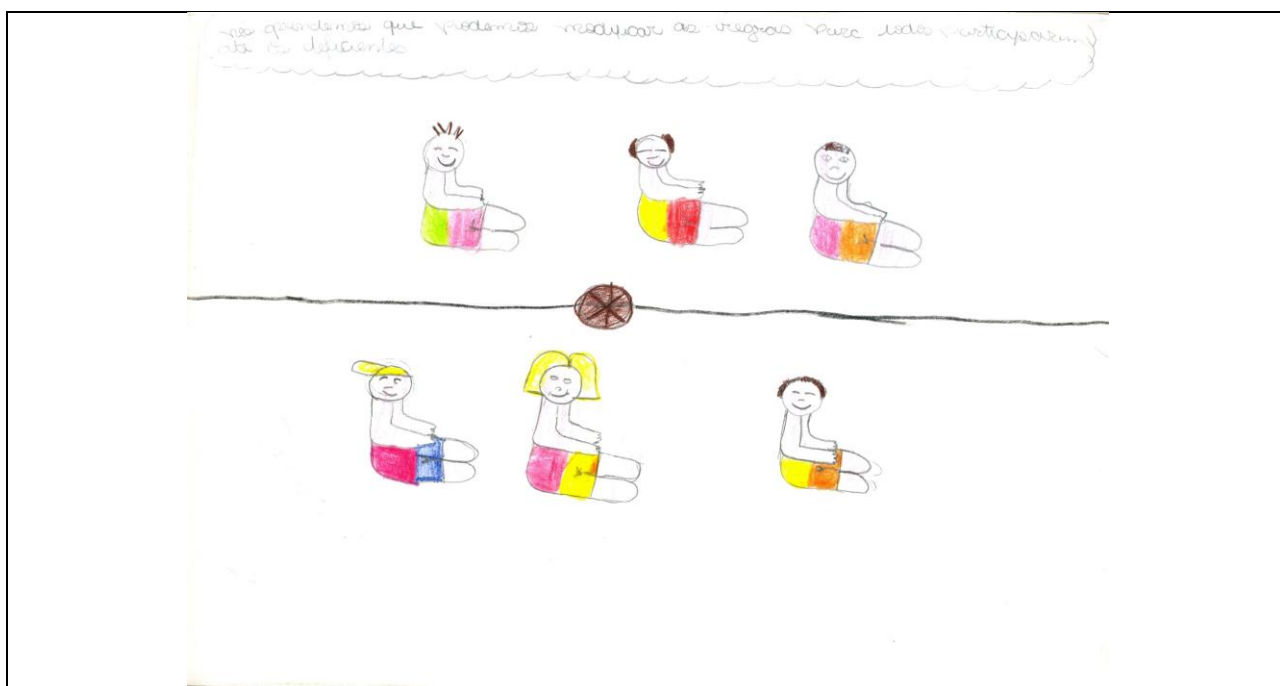
Homologado na IX Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 27 de setembro de 2011.


Prof. Dr. Carlos Eduardo Steiner
PRESIDENTE do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

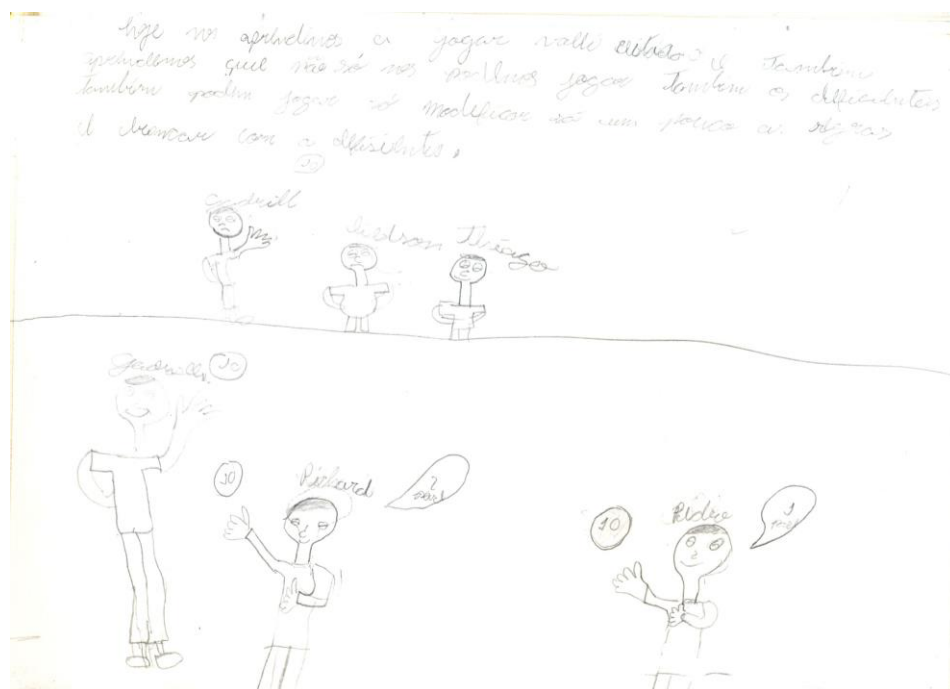
Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13083-887 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936
FAX (019) 3521-7187
cep@fcm.unicamp.br

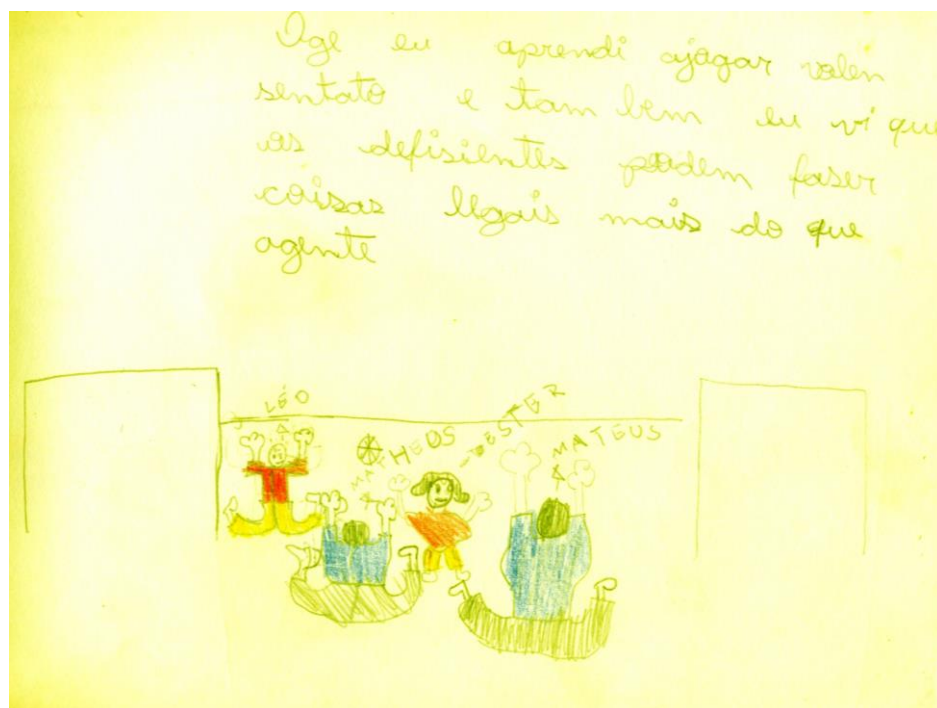
ANEXO 02: Desenhos dos alunos do professor 03 sobre a aula de Voleibol Sentado



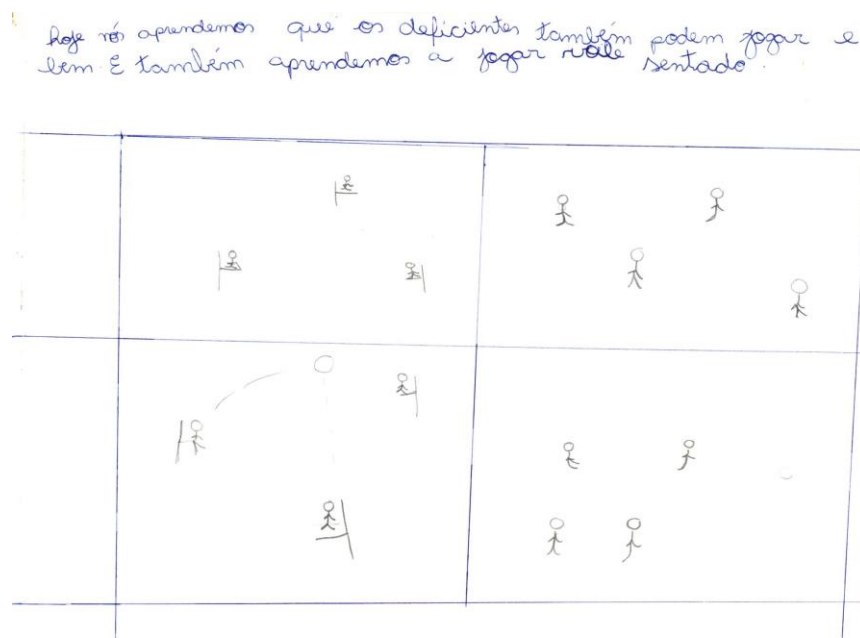
Desenho retirado do caderno de Educação Física do professor 03, realizado por aluno do 4º ano turma B, sobre a aula de voleibol sentado.



Desenho retirado do caderno de Educação Física do professor 03, realizado por aluno do 4º ano turma C, sobre a aula de voleibol sentado.



Desenho retirado do caderno de Educação Física do professor 03, realizado por aluno do 4º ano turma D, sobre a aula de voleibol sentado.



Desenho retirado do caderno de Educação Física do professor 03, realizado por aluno do 5º ano turma B, sobre a aula de voleibol sentado.

ANEXO 03: Fotos das atividades desenvolvidas pelo professor 07





As fotografias foram cedidas pela direção da escola do professor 07, com autorização escrita dos pais e/ou responsáveis para uso do direito de imagens dos alunos presentes nas imagens.